



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação

A igualdade de oportunidades e participação nas práticas educativas no Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre
em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Andreia Sofia Santos Martins

Orientadora:

Professora Marta Andreia Jacinto de Sousa Uva

2022, fevereiro

Agradecimentos

Agradecer em primeiro lugar aos meus pais, sem eles este percurso não teria sido possível. Foram um apoio fundamental em todos os aspetos, apoiaram-me em todos os momentos e em todas as tomadas de decisão. A minha mãe sendo um enorme exemplo de força e superação, conseguindo sempre adaptar-se às circunstâncias que lhe foram impostas pela vida mostrou-me que baixar os braços nunca é solução. O meu pai, que aconteça o que acontecer sei que irá ser sempre o meu braço direito e apoio em todas as adversidades e a pessoa que fará o impossível se for do impossível que eu preciso.

Ao meu irmão o maior obrigada do mundo pelo enorme exemplo de força e coragem que demonstrou ao enfrentar tudo aquilo que a vida colocou no seu caminho. Mostrou-me que não há nada que nos impeça de seguir aquilo que queremos, que temos de lutar até ao fim mesmo que saibamos que esse fim está próximo, temos de viver com um sorriso até ao último segundo das nossas vidas. O meu irmão ensinou-me que em vez de nos lamentarmos sobre a vida devemos correr para aproveitá-la e ser felizes com aquilo que temos. Esteve comigo sempre, durante todos estes anos, de formas diferentes, mas senti-o comigo em todos os momentos. Obrigada por seres a melhor pessoa que podia ter na minha vida e por continuares a tomar conta de mim mesmo estando tão distante.

Quero agradecer a Santarém, que foi a cidade que me acolheu durante cinco anos. Cheios de muitos altos e baixos a nível pessoal. Que me deu tantas alegrias e tão boas amizades colocou no meu caminho.

Um agradecimento muito especial às duas pessoas que me suportaram sempre, no verdadeiro sentido da palavra, a Flávia e a Inês que foram incansáveis e que não me deixaram desistir quando não tinha forças para mais nada. Tenho a certeza absoluta de que sem elas este percurso tinha ficado a meio. Obrigada por serem as melhores amigas que alguma vez conheci e por estarem sempre a meu lado.

Às pessoas fundamentais que foram surgindo ao longo do meu percurso na Escola Superior de Educação de Santarém: a Rafaela, a Diana, a Maria, a Tatiana por todo o apoio, companheirismo e horas de convívio que me deram ao longo de todos os anos, obrigada.

Aos meus amigos de sempre Sandra, Joana, Inês, Mariana e Francisco que mesmo à distância não deixaram de me apoiar, ajudar e estar presentes em todos os momentos.

Ao meu namorado agradeço a força, o carinho, o companheirismo e a paciência que demonstrou ao longo deste caminho.

Agradeço à professora Marta Uva por todas as orientações fundamentais para a realização desta investigação, pela disponibilidade, pelas recomendações e por todo o conhecimento transmitido.

A todos os professores com que me cruzei, nomeadamente os da Escola Superior de Educação.

A todas estas pessoas agradeço por se terem cruzado no meu caminho, por me terem ensinado, por terem sido exemplo, por me terem apoiado e fazerem com que tudo isto fosse possível.

Resumo

O presente relatório síntese decorre das práticas de ensino supervisionadas no âmbito de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) realizado na Escola Superior de Educação de Santarém. Inicia-se com uma análise descritiva do percurso realizado ao longo dos estágios em creche, jardim de infância e 1º CEB. Em seguida, apresenta-se um exercício investigativo de tipo qualitativo, através do qual se pretende perceber qual a perceção que educadores e professores têm sobre a igualdade de participação e oportunidades no jardim de infância e 1º CEB; as metodologias favorecedoras de igualdade e barreiras que o dificultam. Realizaram-se entrevistas, a fim de recolher dados sobre a questão, foram entrevistados seis indivíduos, dois educadores de infância, dois professores de 1º CEB e dois recém-formados na área de educação. Concluiu-se que é difícil desenvolver práticas educativas totalmente favorecedoras de uma igualdade de oportunidades e participação porque há barreiras, tais como a falta de recursos humanos, o elevado número de crianças por sala e a falta de apoio familiar que não permitem aos docentes praticar metodologias favorecedoras da mesma.

Palavras-chave: prática educativa; inclusão; igualdade de oportunidades e participação.

Abstract

This summary reports the supervised teaching practices within the scope of the Master's in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education carried out at Escola Superior de Educação de Santarém. It Starts with a descriptive analysis of the course carried out during the day care, kindergarten and 1st CBE internships. Then, an investigative exercise of a qualitative type is presented, through which it is intended to understand the perception educators and teachers have about equal participation and opportunities in the kindergarten and 1st CBE; methodologies that favor equality and barriers that make it difficult. Interviews were carried out in order to collect data on the issue, six individuals were interviewed, two kindergarten teachers, two 1st CBE teachers and two recent graduates in the area of education. It was concluded that it is difficult to develop educational practices that fully favor equal opportunities and participation because of the barriers, such as the lack of human resources, the high number of children per classroom and the lack of family support that do not allow teachers to practice methodologies favoring it.

Keywords: educational practice, inclusion, equal opportunities and participation;

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução	1
Parte 1 – práticas de ensino supervisionadas	3
1. Contextos de Estágio e práticas pedagógicas	3
1.1 Creche.....	3
1.2 Jardim de Infância	9
1.3 1º Ciclo do ensino básico	14
1.4 Estágio 4º ano 1º Ciclo do ensino básico.....	20
Percurso de desenvolvimento profissional	25
Parte 2 - Exercício Investigativo	29
Percurso do Desenvolvimento Investigativo	29
2. Revisão de Leitura	31
2.1 O papel do jardim de infância e da escola na promoção da igualdade de participação e oportunidades.....	32
2.2 Obstáculos e condicionantes à igualdade de participação e oportunidades	34
2.2 Práticas e estratégias favorecedoras à igualdade de participação e oportunidades	36
3.1 Tipo de estudo.....	38
3.2 Participantes do estudo.....	40
3.3 Procedimentos de recolha e análise de dados	42
3. Apresentação e Análise de resultados	45
3.1 Análise de resultados – educadoras de infância.....	45
4.2 Análise de resultados – professoras de 1º CEB.....	49
4.3 Análise de resultados - recém-formadas	52
Síntese comparativa dos resultados	55
Considerações finais	62
Referências bibliográficas	69
4. Anexos.....	72
5.1 Guião de entrevista.....	72
5.2 Transcrição das entrevistas	73
5.3 Análise das respostas de cada entrevistada	110
5.4 Guião de Análise das Entrevistas	122

Índice de tabelas

Tabela 1 – Conteúdos abordados na aplicação do projeto.....	22
Tabela 2 - Organização de dados das entrevistadas	41
Tabela 3 - guião de entrevista.....	72
Tabela 4- síntese entrevistado 1.....	110
Tabela 5 - síntese entrevistado 2.....	111
Tabela 6 - Síntese entrevistado 3	113
Tabela 7 - síntese entrevistado 4.....	115
Tabela 8 - síntese entrevistado 5.....	117
Tabela 9 - síntese entrevistado 6.....	119
Tabela 10 - Guião de análise das entrevistas	122

Índice de figuras

Figura 1 – registo fotográfico da utilização do túnel sensorial.....	8
Figura 2 – registo fotográfico da utilização do túnel sensorial.....	8
Figura 3 – registo fotográfico da atividade "maracas" em utilização maraca sem som.....	8
Figura 4 – registo fotográfico da atividade "maracas" em utilização maraca com som.....	8
Figura 5 – registo fotográfico da atividade "pintar ao som das emoções" processo de criação.....	13
Figura 6 – registo fotográfico das produções finais da atividade "pintar ao som das emoções".....	13
Figura 7 – registo fotográfico da atividade "dar vida ao monstro" sentir os materiais.....	14
Figura 8 – registo fotográfico da atividade "dar vida ao monstro" sentir os materiais.....	14
Figura 9 – registo fotográfico da produção final da atividade "dar vida ao monstro".....	14
Figura 10 – registo fotográfico da atividade "árvore das boas ações".....	19
Figura 11 – registo fotográfico da produção final da atividade "árvore das boas ações".....	19
Figura 12 – registo fotográfico da atividade "jogos cooperativos".....	19
Figura 13 – registo da atividade "construção do planisfério" fase de elaboração.....	24
Figura 14 – registo fotográfico da atividade "construção do planisfério" produção final.....	24
Figura 15 – registo fotográfico da atividade "principais árvores de Portugal" fase de visualização.....	25
Figura 16 – registo fotográfico da atividade "principais árvores de Portugal" fase de decalque.....	25

Índice de abreviaturas

UC - Unidade Curricular

PES – Prática de Ensino Supervisionada

CEB – Ciclo do Ensino Básico

NEE – Necessidades Educativas Especiais

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

Introdução

O presente portfólio foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada (PES) II e tem como objetivo a obtenção de grau mestre em educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Santarém.

No decorrer da minha formação profissional foram diversas as práticas supervisionadas que realizei e foi delas que emergiu a vontade e interesse de estudar e investigar a problemática tratada neste portfólio. Foram diversas as aprendizagens pessoais e profissionais que essas práticas me proporcionaram, nomeadamente, a nível das metodologias a utilizar com cada grupo, adaptação de estratégias para conseguir dar igualdade de participação e oportunidades a todas as crianças.

No que concerne à organização do relatório, o mesmo encontra-se dividido em duas partes fundamentais, a saber: a primeira parte é composta por uma visão e análise gerais do meu percurso enquanto estagiária, assim como as aprendizagens adquiridas ao longo de todas as observações e intervenções; a segunda parte abrange o trabalho investigativo intitulado por: Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças.

Na primeira parte, estão contempladas a caracterização das instituições, das salas e dos grupos, os projetos pedagógicos implementados, algumas atividades e a avaliação dos projetos elaborados nos vários contextos, sendo estes, Creche, Jardim de Infância, turma de 1º ano e turma de 4º ano de escolaridade. Esta primeira parte é composta por uma análise e reflexão sobre aquilo que observei, vivenciei e aprendi nos diferentes contextos. A observação é bastante importante pois ela é o lançamento de grande para do exercício reflexivo, é fundamental refletir sobre as práticas para que seja possível compreender o porquê dos acontecimentos e como podemos melhorar e adaptar-nos a todas as realidades. Neste sentido, um olhar crítico e reflexivo para a realidade educacional torna-se essencial para desvelarmos situações e caminhos que possam ser contornados com maior segurança, efetividade e sem constrangimentos, objetivando um crescimento pessoal e profissional (Júnior, 2010).

Na segunda parte, relata-se o exercício investigativo desenvolvido. Nesta parte é feita a revisão de literatura sobre a questão em estudo. A metodologia utilizada neste estudo é a investigação-ação, sendo o mesmo de carácter qualitativo. Irei confrontar as conceções de educadores, professores e colegas recém-formadas que estão a atuar no terreno ou irão atuar futuramente e que têm ideias estudadas dos autores que decidi analisar. Tudo isto será

também relacionado com as minhas experiências vividas em contextos de estágio e o meu objetivo é conseguir perceber se existe ou não igualdade de oportunidades e participação para todas as crianças, quais são as metodologias adotadas para que exista essa igualdade, quais são os obstáculos existentes nas escolas portuguesas para que essa igualdade não seja total.

Por último, encontra-se uma reflexão final sobre todo o meu percurso de aprendizagem. São também mencionadas as minhas aprendizagens ao longo de todo o caminho percorrido até aqui.

Parte 1 – práticas de ensino supervisionadas

1. Contextos de Estágio e práticas pedagógicas

1.1 Creche

Caracterização da Instituição

O meu primeiro estágio, na valência de creche, realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) na cidade de Santarém. É uma instituição religiosa que apresenta como missão formar cidadãos autónomos, capazes de ter um papel ativo na sociedade com valores e educação.

A instituição é composta por três valências, creche, jardim de infância e 1º CEB. A mesma encontra-se dividida em dois blocos, o da extremidade direita a que pertencem as salas de creche, nomeadamente, sala de berçário, sala de 1, 2 e 3 anos e de jardim de infância, nomeadamente, sala de 4 e 5 anos; o bloco da extremidade esquerda a que pertencem as salas de 1º CEB. Todas as salas apresentam boas condições, materiais pedagógicos e recursos adequados à faixa etária em questão para que seja possível desenvolver uma aprendizagem significativa.

Nesta instituição existia ainda um refeitório e um ginásio utilizado por todas as valências e espaços exteriores distribuídos ao longo de todas as salas para que cada valência possa utilizar o seu espaço.

O projeto educativo da instituição em vigor aquando da minha prática intitulava-se “A Água” tendo como objetivo realizar a ponte entre o passado, o presente e o futuro. Neste sentido, o projeto tem assim, uma dimensão temporal que articula o passado, presente e futuro, num processo evolutivo que se vai construindo (Ministério da Educação, 1998).

O horário de funcionamento da instituição era de segunda a sexta-feira, das 07h45 até às 19h.

Caracterização da sala

A sala onde estagiei abrangia crianças com 1 ano de idade e crianças que ainda não o tinham completado tendo entre os 10 e 11 meses. O espaço era amplo, organizado em quatro zonas principais, sendo elas a zona da refeição onde existia uma mesa com cinco cadeiras obrigando a que as refeições fossem dadas alternadamente e não a todas as crianças em simultâneo; a zona de convívio em grupo onde eram lidas histórias, representados teatros, onde era feito o reforço da manhã e da tarde e onde a educadora reunia as crianças sempre que queria dinamizar atividades, mostrar materiais, etc; a zona dos

brinquedos onde existiam caixas que guardavam todos os brinquedos da sala e a zona do fraldário, onde era feita a higiene de todas as crianças.

Esta sala era também bastante iluminada e tinha uma porta com acesso ao exterior que era aberta muitas vezes permitindo às crianças ter contacto com o exterior e, por vezes, com crianças de outras idades que se encontravam na rua.

Em relação aos materiais pedagógicos disponíveis, eram abundantes e diversificados, existiam muitos materiais sensoriais possíveis de serem explorados pelas crianças. Todos os materiais eram adequados à faixa etária das crianças e encontravam-se dispostos em locais de fácil acesso para que fosse possível às crianças alcançá-los e arrumá-los de forma autónoma. Existiam ainda alguns materiais que se encontravam guardados dentro de armários e eram distribuídos pela educadora, sendo esse o único momento em que as crianças tinham acesso aos mesmos. Segundo Portugal (2012) é fundamental que numa sala existam materiais diversificados que desafiem as crianças e que nunca coloquem a sua segurança em causa.

As paredes da sala encontravam-se preenchidas por dois quadros de cortiça onde eram afixados trabalhos realizados pelas crianças, os mesmos encontravam-se também decorados consoante a época do ano em que nos encontrávamos.

Caracterização do grupo

O grupo era composto por 10 crianças, sendo 6 do género masculino e 4 do género feminino. As suas idades estavam compreendidas entre os 9 e 16 meses de idade. O grupo estava com a educadora e com a auxiliar de ação educativa desde o berçário, portanto, existia uma forte relação entre os adultos responsáveis e as crianças. Existia uma relação de confiança entre a educadora e as crianças que era visível no momento do acolhimento, pois, existiam crianças que apenas aceitavam ser recebidas pela educadora e era visível a sua relação de carinho e confiança.

O grupo apresentava essencialmente algumas diferenças a nível social e motor, apesar da proximidade das idades ser bastante. Quando eram dinamizadas atividades, a maioria das crianças mostrava-se interessada e envolvida naquilo que estava a acontecer. Existiam algumas exceções, e nestes casos não se aproximavam ou não demonstravam interesse, quando isto acontecia existia sempre a tentativa de envolver a criança, contudo, nunca forçando a sua vontade. A área de desenvolvimento motor era aquela onde efetivamente eram notados comportamentos mais disparees entre o grupo, o que era normal devido à diferença de idades, algumas crianças ainda não tinham a marcha adquirida, sendo que no final do estágio apenas uma criança ainda se encontrava nessa situação. No que diz respeito à alimentação, existiam também muitas diferenças sendo que havia casos em que a

pega da colher era executada quase na perfeição e já existia bastante autonomia nesta tarefa, noutros casos ainda não existia nenhum tipo de pega, havendo a necessidade de auxílio do adulto, mas mais uma vez esta situação era justificável pela idade de cada um.

Existiam poucos conflitos entre o grupo, ainda assim, quando ocorria algum episódio de conflito entre as crianças o adulto intervinha para resolvê-lo, contudo, esta intervenção não era imediata pois primeiro era observado se as crianças conseguiam resolver ou não a situação de forma autónoma. Estes pequenos conflitos advinham muitas vezes da não partilha de brinquedos entre as crianças.

Projeto da sala

Nesta instituição o projeto pedagógico existente era comum a todas as salas, sendo assim o projeto da escola e não de uma sala em específico. Toda a instituição seguia as mesmas diretrizes em relação à sua prática pedagógica.

O projeto educativo da escola foca o desenvolvimento da organização escolar no seu conjunto, tendo obviamente reflexos nas condições de aprendizagem dos alunos. É relativo ao seu governo e organização expressando a sua identidade como instituição, as finalidades que a norteiam, as metas que escolheu e os meios que se propõe pôr em prática para as atingir. Este documento nuclear da orientação educativa é também uma “forma de organizar o trabalho” (Luís de Melo), é um instrumento com projeção para o futuro, que “esclarece o porquê e para quê, que diagnostica os problemas reais e os seus contextos (...), que prevê e identifica os recursos necessários de forma realista que descobre e desenvolve os fatores capazes de empenharem os atores na consecução dos objetivos da escola e o que avaliar, para quê, como e quando.” (ALVES, J. Matias, 1992) “O Projeto Educativo individualiza cada uma das escolas, materializa o seu retrato- singularidade-, pressupõe uma vontade coletiva e um envolvimento comunitário, uma segunda administração educativa descentralizada, uma cultura organizacional da escola” (João Dias da Silva) Um Projeto Educativo de Escola deve, sobretudo, projetar-se para o futuro. Trata-se de elaborar um plano de ação que, assimilando os recursos e as experiências já existentes vá assegurar uma maior dinâmica na escola, a médio e longo prazo. “A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projeto educativo próprio” (Decreto-Lei 115-A/98). Neste contexto e, tomando a própria lei como princípio orientador, verifica-se que o Projeto Educativo de Escola surge como um instrumento útil e necessário à promoção da mudança e à otimização da gestão escolar. Pretendemos, assim, construir um Projeto Educativo que espalhe a estrutura orgânica e funcional da instituição e aponte ou projete as possibilidades de resolução das dificuldades sentidas por todos aqueles que procurem otimizar as condições de trabalho do nosso estabelecimento de ensino. A escola deve ser um lugar atraente, em espaço e um tempo estimuladores de aprendizagem. Para tornar mais aliciante e benéfica a escola importa valorizar a educação no

referido contexto, não apenas como um meio de preparação para o futuro, mas com experiência atual de vida, aumento e satisfação e o gosto pelas atividades e trabalhos escolares, tornando-a numa vivência positiva e enriquecedora. O sentido de ligação afetiva à escola enquanto comunidade, espaço de convivência social e tempo de aprendizagem cívica, constitui-se como principal preocupação visando contribuir para aumentar o prazer de nela permanecer. Desta forma, este estabelecimento começou por sensibilizar a Comunidade Educativa para a participação ativa neste projeto. No sentido de alargar o campo de conhecimentos da nossa comunidade educativa, pretendemos com o nosso Projeto Pedagógico, cujo tema é “A Água”, realizar a ponte entre o passado, o presente e o futuro. Neste sentido, “o projeto tem assim, uma dimensão temporal que articula o passado, presente e futuro, num processo evolutivo que se vai construindo” (Ministério da Educação, 1998).

Prática Pedagógica

Desde logo que a ideia para este projeto assentava na aprendizagem pela experiência e pela exploração, tendo como principal objetivo a exploração por parte das crianças, onde pudessem manusear diversos tipos de objetos, sentindo diversas texturas. Após esta decisão existiu uma conversa com a educadora cooperante que se mostrou bastante receptiva às ideias. A partir desse momento foi possível começar a elaborar as dinâmicas cada uma com os respetivos objetivos. Este projeto teve então como base a exploração sensorial e o estímulo dos sentidos, principalmente o tato. Com este projeto pretendia-se que as crianças experimentassem diferentes sensações; trabalhassem a motricidade fina e grossa; conhecessem novos cheiros, sabores e texturas; escutassem histórias ou contos; escutassem músicas; dançassem ao som de melodias; estimulassem e desenvolvessem a coordenação motora; trabalhassem o autoconhecimento; utilizassem o tato para sentir diferentes texturas dos objetos.

As estratégias que utilizei para pôr em prática este projeto foram as seguintes: promover a audição de músicas diversas, estimular a exploração de materiais através do tato, utilização do efeito surpresa, estimular a descoberta do novo e do desconhecido, estimular o conhecimento de si próprio e do outro, estimular o sentimento de curiosidade e descoberta, incentivar a confiança em si próprio.

Ao longo da implementação do projeto era meu objetivo articulá-lo com outras áreas, não me limitando apenas à área sensorial, muitas vezes, consegui articular as atividades com as áreas do Conhecimento do Mundo, Autoconhecimento e Conhecimento do Outro. O conhecimento do Mundo é muito importante para as crianças, uma vez que, é esta área que permite à criança perceber tudo aquilo que a rodeia. Depois, o autoconhecimento e o conhecimento do outro são duas áreas muito importantes para o desenvolvimento da criança,

pois começa assim a ganhar consciência de si própria e do seu corpo e também consciência do outro, percebendo que o outro existe e também tem um corpo.

No decorrer da minha intervenção realizei diversas dinâmicas com objetivos variados centrados nos sentidos e sensações. Realizei atividades em que as crianças eram estimuladas apenas pelos pés, outras em que eram estimuladas apenas pelas mãos e outras em que eram estimuladas através de todo o corpo. Tentei fornecer à criança vários materiais com várias formas, cores e texturas para que esta as pudesse explorar livremente.

Realizei atividades que estimularam a motricidade fina e outras que estimularam a motricidade grossa e ainda atividades que trabalharam ambas. Em todas as idades a aprendizagem e o desenvolvimento são tão mais positivos quanto mais experiência a criança for exposta, no entanto, em creche, pensamos que este aspeto ganha ainda mais dimensão uma vez que as crianças são muito novas e a melhor maneira de transmitir-lhe conhecimento é oferecendo-lhe algo em que possa tocar e manusear sem medo.

Em relação a este projeto, será bastante importante definir a diferença entre sensação e percepção. É através das sensações que a criança começa a formar as suas percepções em relação ao que a rodeia. As percepções são o resultado, por assim dizer, das sensações que as crianças têm acesso. Por definição, a sensação é uma resposta de um recetor sensorial a estímulos externos, ou seja, é uma resposta fisiológica do organismo. É um processo em que os sentidos humanos convertem a energia de um estímulo em mensagens neurais que provoca reações. A percepção, por outro lado, é o julgamento dado pela criança com base nas informações das sensações. É a interpretação por parte de cada criança do que foi captado pelos sentidos.

Assim sendo destaco duas das atividades que realizei, a saber: o túnel sensorial e as maracas.

A primeira consistia em construir, previamente, um túnel em cartão em que dentro dele existissem diversas texturas e sensações, as crianças passavam por dentro dele e iam sentindo as diferentes texturas. Coloquei o túnel na sala antes das crianças entrarem, quando entraram muitas mostraram-se indiferentes e algumas demonstraram alguma curiosidade pelo objeto novo. De seguida, tentei reunir o grupo perto do túnel e, de imediato, muitas crianças começaram a entrar nele. Ao entrarem podiam sentir diversos estímulos nas mãos, cara e pernas. Existiram crianças que nunca quiseram entrar no túnel, mas demonstraram curiosidade aproximando-se do mesmo e espreitando para o seu interior. A generalidade do grupo mostrou muito interesse entrando e atravessando o túnel várias vezes. Por vezes, as crianças paravam em cima de uma determinada textura olhavam para mim mostrando alguma estranheza, depois voltavam a passar a mão e iam-se percebendo que aquilo que ali estava

não magoava e que podiam passar por cima. Senti que muitos dos estímulos colocados na parte lateral do túnel foram quase ignorados pela maioria das crianças.

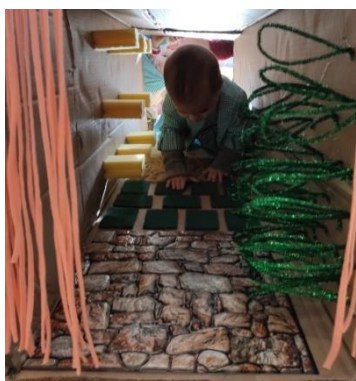


Figura 1- registo fotográfico da utilização do túnel sensorial



Figura 2- registo fotográfico da utilização do túnel sensorial

A segunda atividade consistia, mais uma vez, em dar à criança estímulos, mas agora estímulos auditivos. Coloquei diferentes objetos dentro de várias garrafas de plástico transparentes, alguns dos objetos como o milho e o arroz faziam bastante ruído quando se agitavam as garrafas, tal como maracas. Outras garrafas continham, por exemplo, pedaços de feltro que quando agitadas não produziam qualquer ruído. Quando o grupo se encontrava na zona de convívio em grande grupo coloquei todas as garrafas no centro e esperei para observar o qual a reação de cada criança. Rapidamente todos se dirigiram ao centro para tentar agarrar uma garrafa. Depois de terem a garrafa, observavam atentamente o objeto e rapidamente a começavam a agitar energeticamente.

Foi bastante interessante observar que a maioria das crianças quando se apercebia que as garrafas com pedaços de feltro não produziam ruído rapidamente perdiam o interesse e procuravam outra garrafa ficando com uma das que fazia mais ruído.



Figura 3- registo fotográfico da atividade "maracas" em utilização maraca sem som



Figura 4 - registo fotográfico da atividade "maracas" em utilização maraca com som

1.2 Jardim de Infância

O segundo estágio que realizei durante o mestrado decorreu no contexto de jardim de infância numa sala de 1 ano de idade.

Caracterização da Instituição

A instituição possuía um Jardim de Infância, constituído por duas valências de Creche e uma de Pré-Escolar, o Departamento de Recursos Humanos e o Departamento Financeiro e Administrativo. As creches situam-se no 1º andar da ala direita e esquerda, sendo compostas por berçário, sala de 1 ano, sala de 2 anos e refeitório. A valência do Pré-Escola situa-se no r/c do mesmo edifício, sendo constituída por seis salas: duas de três anos, duas de quatro anos e duas salas de cinco anos. Os utentes destas valências podem ainda usufruir de dois espaços exteriores parcialmente cobertos. Todos estes espaços estavam equipados com materiais didáticos diversos e adequados às diferentes idades. Esta Unidade possuía ainda uma cozinha que confeccionava, diariamente, as refeições de almoço e lanche e um refeitório, que se destinava aos utentes e funcionários afetos a todas as valências desta Unidade.

Caracterização da sala

A sala onde realizei a minha prática situa-se no rés do chão da instituição. Era espaçosa e estava dividida em diversas áreas, a saber: área de grande grupo, que é também utilizada como área da biblioteca onde as crianças podem ver livros e onde todas as manhãs e todas as tardes a educadora reúne com as crianças quer seja para o reforço da manhã e da tarde, para ler uma história, para conversar sobre o que fizeram no fim-de-semana, para explicar a realização de uma atividade ou para cantar canções; a área da casinha, onde existiam utensílios de uma casa verdadeira como uma cozinha e uma cama mas em tamanho pequeno e onde as crianças brincavam ao faz de conta; a área dos jogos de mesa, onde as crianças podiam realizar puzzles, jogos de associação...; a área da garagem onde existia um tapete desenhado com estradas e as crianças tinham carros com que podiam brincar; a área dos legos ou área das construções, onde existiam diferentes legos para as crianças construírem e utilizarem a imaginação; a área da pintura onde as crianças podiam pintar com pincéis, eram colocadas folhas A3 num cavalete e as crianças pintavam; a área do desenho, onde cada criança tinha as suas canetas e podiam fazer desenhos livres; a área do computador, que as crianças podiam utilizar para fazer jogos (maioritariamente de associação), sendo que apenas podia ser utilizada por uma criança de cada vez e sempre com a supervisão de um adulto.

Caracterização do grupo

O grupo com quem realizei o estágio era da sala dos 4 anos, constituído por 17 crianças, 8 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Tinha 1 criança com necessidades educativas especiais. A criança com necessidades educativas especiais, tinha (segundo a educadora ainda não tinham o diagnóstico bem definido) espectro do autismo. Era uma criança que requeria mais dedicação e tempo por parte dos adultos. Foi bastante desafiante para mim adaptar as minhas intervenções e práticas para conseguir que fossem acessíveis a todos. Inicialmente não foi fácil, uma vez que, como não tinha qualquer experiência não sabia como devia agir perante esta situação. No final do estágio penso que os meus objetivos foram cumpridos, mas claro que existem muitos pontos a melhorar, penso que não estava preparada para planificar pensando em crianças que têm especificidades muito características e fazer com que as dinâmicas funcionem para todos e com todos.

Todas as crianças eram na sua maioria bastante bem-dispostas e interativas, existindo apenas uma exceção de uma criança que todos os dias quando entrava na sala se mostrava bastante revoltada por ter de ir para o jardim de infância, dizia invariavelmente que não queria estar ali, não gostava de ali estar e que não gostava dos colegas nem da educadora. Esta situação era combatida com carinho e afeto a essa criança, contudo, muitas vezes, a mesma não aceitava bem esse carinho e nessas alturas nenhum adulto o forçava. No geral, era um grupo com bastante energia, bastante participativo nas atividades e brincadeiras livres. Desde o início que fui muito bem recebida pelas crianças, o que me facilitou a interação com todos e também a minha integração. Existiam crianças mais reservadas, e outras mais extrovertidas, como em qualquer grupo. No geral, as crianças desenvolviam com empenho e interesse as dinâmicas sugeridas e colaboravam em tudo o que lhes era proposto.

Existiam alguns conflitos entre o grupo, na sua maioria estes conflitos eram causados pela necessidade de partilha dos brinquedos e objetos, as crianças tinham dificuldade em partilhar e, por vezes, era necessária a intervenção do adulto pois existiam momentos mais violentos entre o grupo.

Projeto da sala

Em consonância com o Projeto Educativo da Unidade, sob o tema “Educar para a Vida” e com base na problemática da preservação do meio ambiente, as educadoras de infância das respetivas valências elaboraram o seu Projeto Pedagógico de Sala e o seu Plano de Atividades, de acordo com os interesses e necessidades específicas de cada grupo de crianças. A problemática escolhida tem como objetivo principal fomentar nas crianças atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, bem como na inter-relação com os seus pares. Cabe-nos, a todos, proporcionar experiências de aprendizagem que promovam

valores nas crianças, de futuros cidadãos conscientes e preocupados com eles próprios, com os outros, com o meio ambiente e com o Planeta em que vivem.

Prática Pedagógica

Apesar deste tema ter sido um pouco espontâneo e ter decidido adotá-lo porque é fundamental fazer um trabalho emocional com as crianças desde cedo, existiu uma motivação que se foi tornando cada vez mais evidente à medida que os dias passavam. Motivação essa que foi dada por todo o grupo no geral, pois ao elaborar um projeto tem de ser para todas as crianças, contudo, a grande motivação veio de uma criança e dos seus comportamentos, atitudes e revolta constante que demonstrava, acabando por ser o centro da minha motivação, mas o seu comportamento afetava todo o grupo e, muitas vezes, as dinâmicas em sala, portanto pensei ser fundamental trabalhar esta questão. Ainda assim, fiz com que o projeto fosse adaptado a todas as crianças para que todas usufríssem dele, não seria possível aplicar um projeto a uma sala inteira baseando-me apenas numa criança, até porque, as atitudes desta criança influenciavam a rotina de todas as outras e até mesmo todo o decorrer das atividades em grande grupo. O estado emocional da criança em causa influenciava o decorrer do dia de todo o grupo, pois tinha comportamentos violentos com os outros, batia, gritava, empurrava, recusava-se a realizar as dinâmicas, não participava nas interações de grupo... Esta criança entra todos os dias na sala visivelmente revoltada, assim que chegava dizia que não queria estar na sala, que queria fugir da escola e não gostava de ali estar, contudo, esta atitude vai-se alterando ao longo do dia, tornando-se, por vezes, uma criança meiga e visivelmente satisfeita com o decorrer das atividades. A criança estava muitas vezes feliz e mais tranquila, no entanto, quando se apercebia que estava a ser observada pelos adultos rapidamente altera o seu comportamento e voltava a ser violento com os colegas.

Para além de tudo isto já mencionado acima, era bastante difícil chegar a esta criança, era difícil fazer com que aceitasse carinho tanto por parte dos colegas como dos adultos. Foi por este motivo, mencionado acima, que existia a certeza que seria tão importante trabalhar este tema com este grupo em específico, o meu projeto foi muito importante e significativo para todo o grupo, mas penso que será mais ainda para esta criança em particular. Irei trabalhar as emoções que já mencionei acima de diversas formas, fazer com que as crianças percebam melhor aquilo que estão a sentir e que isso é normal foi o meu principal objetivo. Para conseguir pôr este projeto em prática foram realizadas diversas atividades a partir das quais considerei ser possível desenvolver e esclarecer as ideias acima mencionadas. Existiram atividades de diálogo com as crianças sobre aquilo que sentiram em determinado momento, de maneira a ser possível perceber se estas sabem realmente o significado da emoção, outras atividades em que as crianças tinham de representar aquilo que estavam a sentir, por exemplo através da cor que escolheram para pintar um desenho, sendo que cada cor estava associada a uma emoção, ao fazerem com massa de moldar uma cara para

demonstrar qual a sua emoção: alegria, tristeza, raiva, medo, calma ou amor. O objetivo era que assim todas as crianças conseguissem aprender a lidar um pouco melhor com as suas emoções e também que compreendam que podem sentir coisas diferentes em diversos momentos do seu dia e que isso é normal, só é preciso aprender a gerir tudo isso dentro de cada um, o que não é fácil nem espetável numa criança de 4 anos, mas o meu objetivo era iniciar este trabalho que é um processo penso que até à vida adulta. Para a implementação deste projeto decidi abordar 6 emoções que considerei serem as emoções principais e também aquelas que são abordadas no livro “O Monstro das Cores”. Raiva, tristeza, alegria, calma, medo e amor, foram estas as emoções trabalhadas ao longo de todo o estágio. Como suporte principal utilizei o livro “O Monstro das Cores” que trata exatamente destas 6 emoções de forma clara e simples para que seja perceptível para as crianças.

Assim sendo, destaco duas atividades realizadas durante a minha prática. São elas: “Pintar ao Som das Emoções” e “Dar Vida ao Monstro”.

A primeira consistia em pintar ao som de duas músicas distintas. Coloquei um pedaço grande de papel cenário num muro da instituição e em grupos de três as crianças foram-se dirigindo ao exterior onde estava colocado o papel. O meu objetivo era que todas as crianças pintassem no mesmo suporte, o que fazia dele uma pintura coletiva. Primeiramente, coloquei uma música bastante calma sem letra, apenas instrumental e pedi às crianças que pintassem de acordo com o modo que aquela música os fazia sentir, questionei-as também sobre como se sentiam quando ouviam a música e as respostas foram maioritariamente “calmo” e “feliz”, sendo que houve ainda uma criança que referiu que se sentiu triste. Depois de todas as crianças realizarem esta primeira parte, repeti todo o processo, mas desta vez colocando uma música bastante agitada e com ritmo mais rápido. Pedi exatamente a mesma coisa a todas as crianças, que pintassem consoante o que aquela música os fazia sentir, muitas foram as crianças que dançaram e saltaram enquanto pintavam. Questionei cada uma delas sobre o que estavam a sentir naquele momento, as respostas não foram unânimes como inicialmente pensei que iriam ser. Algumas crianças disseram que não gostaram daquela música, outras mostraram-se bastante envergonhadas, algumas disseram que estavam felizes e outras que estavam muito felizes e dançaram bastante. Quando planeiei esta atividade pensei que todas as crianças iriam referir que se sentiam felizes e animadas, contudo, não foi isso que aconteceu e foi bastante interessante este confronto de expectativas e realidade.

O meu principal objetivo era perceber o que as crianças sentiam ao escutar músicas com ritmos completamente distintos, e também perceber se existia alteração nas pinturas coletivas. Se eram, ou não, evidentes alterações consoante a música escutada. Nas produções finais penso que não existem diferenças evidentes, as diferenças ocorreram mesmo na postura de cada criança perante as músicas diferentes. Não houve nenhuma

criança que tivesse reagido de igual forma às duas músicas. Retirei ainda outra conclusão no término desta dinâmica, as crianças que normalmente eram mais extrovertidas em sala e em grupo, naquela situação mostraram-se bastante constrangidas e envergonhadas evidenciando, em alguns casos, algum desconforto ao escutar a música.



Figura 5 - registro fotográfico da atividade "pintar ao som das emoções" processo de criação



Figura 6 - registro fotográfico das produções finais da atividade "pintar ao som das emoções"

A segunda atividade consistia em, tal como o nome indica, dar vida ao monstro, sendo esse monstro o representado no livro “O Monstro das Cores”. O meu objetivo era criar um monstro das cores gigante, possível de ser decorado por todas as crianças. Esse monstro foi decorado com diversos materiais e com diferentes texturas. Levei previamente desenhado em papel cenário um monstro das cores idêntico ao do livro e depois em grupos de dois ou individualmente, fui chamando todas as crianças para decorarem o monstro. Primeiramente, mostrava todos os materiais disponíveis, mostrava às crianças que havia muitas texturas e formas diferentes e que podiam utilizar o que quisessem, pedia que tocassem em todos os materiais para perceberem como eram diferentes. À semelhança de todas as atividades presentes neste projeto, eu ia sempre questionando as crianças sobre qual o seu estado de espírito a realizar a atividade, o que sentiam quando estavam a decorar o monstro, maioritariamente responderam que se sentiam calmas e felizes. Esta parte da atividade era feita muito naturalmente sem nenhuma pressão ou obrigação, era na base do diálogo que tentava perceber o que cada um sentia durante a atividade. Por vezes, existiam crianças que não respondiam à questão e eu não forçava nem obrigava a uma resposta.



Figura 7 - registo fotográfico da atividade "dar vida ao monstro" sentir os materiais



Figura 8 - registo fotográfico da atividade "dar vida ao monstro" sentir os materiais



Figura 9 - registo fotográfico da produção final da atividade "dar vida ao monstro"

1.3 1º Ciclo do ensino básico

O primeiro estágio realizado na valência de 1º CEB foi numa turma de 1º ano de escolaridade.

Caracterização da Instituição

A instituição onde realizei o terceiro estágio de mestrado referente à valência de 1º CEB, nomeadamente, no 1º ano de escolaridade é de caráter público e encontrava-se situada na cidade de Santarém.

O Agrupamento a que pertence a instituição em que realizei a minha prática é uma unidade organizacional dotada de órgãos próprios de administração e gestão que engloba estabelecimentos de educação e ensino dos níveis pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico público. O Agrupamento favorece o percurso sequencial dos alunos na sua área de abrangência.

O Agrupamento abrange uma grande área geográfica com características muito diferentes, num misto de rural e urbano. O espaço urbano, abrange desde o centro da cidade até aos bairros periféricos, trazendo toda uma diversidade social típica das cidades. Nas zonas rurais verifica-se algum envelhecimento populacional e deslocação diária de uma parte considerável da população ativa para trabalhar na zona urbana. Assim, a população do Agrupamento abrangia uma grande diversidade socioeconómica, cultural e religiosa, já que é um polo de integração de população dos meios rural e urbano com qualificações e literacia muito diversas, de vários grupos sociais, de estrangeiros, de idosos e de casais jovens. Registava um grande número de alunos carenciados e subsidiados pela Ação Social Escolar, existindo sinais indicativos de algum empobrecimento dos agregados familiares. No entanto, também se registavam inúmeros agregados familiares com habilitações superiores (ou

aproximadas) e boa capacidade económica fazendo, assim, com que o Agrupamento fosse o reflexo da sociedade civil, plural e diversa.

A instituição em causa possuía no primeiro piso: quatro salas de aula, uma biblioteca, uma sala de apoio à prática educativa, utilizada como sala de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais, uma sala polivalente, instalações sanitárias para alunos e professores; no r/c existiam 4 salas de aula, instalações sanitárias de alunos e um refeitório; no exterior existia um parque infantil, uma zona coberta por um telheiro, um campo de jogos e uma horta.

Caracterização da sala

A sala do 1º ano, onde realizei o primeiro estágio do 1º ciclo, era uma sala ampla e com bastante luz natural. A sala era constituída por várias mesas para os alunos, um quadro de cortiça para expor os trabalhos realizados e também para colocar decorações alusivas à época do ano em que nos encontrarmos, um armário encostado a uma das paredes para os alunos/alunas arrumarem os seus manuais, um armário fixo a uma das paredes para guardar diversos materiais, como os dossier com os trabalhos feitos ao longo do ano, cartolinas, goma eva..., um quadro preto, um quadro interativo, a secretária da professora e duas mesas com computadores, numa das mesas o computador está ligado ao quadro interativo sendo utilizado para projetar tudo quanto necessário para a visualização de toda a turma e na outra mesa, o computador era apenas utilizado pela docente. Dentro da sala ainda existia um lavatório que os alunos e alunas utilizam sempre que quiserem para beber água e era também nele que era feita a higienização das mãos antes da hora de almoço ou sempre que necessário.

Caracterização do grupo

O grupo com o qual estagiei era uma turma de 1º ano de escolaridade do ensino básico. Eram alunos com idades compreendidas entre os 6 e 8 anos. Esta turma era composta por 24 alunos, sendo que 13 eram do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Na segunda parte da intervenção, portanto, aquando do nosso regresso a 26 de abril, dois alunos que eram gémeos tinham abandonado a turma devido a terem emigrado com os pais. Existia um aluno referenciado com NEE e um outro aluno ainda se encontrava em processo de diagnóstico. No geral, este grupo recebeu-me muito bem e desde o primeiro dia que me senti muito acolhida por todos. Na semana de observação consegui perceber que a turma era um pouco agitada e faladora e que a professora cooperante, muitas vezes, tinha dificuldade em falar e fazer-se ouvir. Por ser uma turma de 1º ano é compreensível que não estejam preparados para estar muito tempo sentados e imóveis sem conversar, porque não é essa a natureza da criança e, por isso, havia muitos momentos de muita agitação dentro da sala de

aula. Existiam alguns elementos um pouco conflituosos entre si, existiam muitas “brigas” tanto dentro da sala como no recreio, os alunos batiam-se uns aos outros e existiam muitos momentos de conversa e reflexão sobre esse assunto. Como em todas as turmas existiam ritmos de trabalho muito diferentes, alguns alunos quando terminava a primeira aula da manhã mantinham-se na sala de aula, a pedido da professora cooperante, durante o intervalo para concluírem o trabalho que esteve a ser realizado em aula. Todos os alunos eram curiosos e queriam saber sempre mais sobre um determinado assunto, eram muito interessados e gostavam que lhes fossem apresentadas propostas de atividades inovadoras e com as quais não estivessem familiarizados. Alguns elementos desta turma tinham dificuldade em lidar com a frustração de perder um jogo realizado em sala de aula ou no recreio, por exemplo. Isto também acontecia em relação às atividades práticas realizadas dentro da sala. Recorte e colagem, por exemplo, era algo que se os alunos não conseguissem fazer ou não conseguissem fazer como eles queriam ou até mesmo como o colega de mesa ficavam muito revoltados e zangados, começavam a chorar e, por vezes, não terminavam a atividade.

Projeto da sala

O projeto da sala encontrava-se ainda em fase de elaboração por parte da professora cooperante e, deste modo, não poderá estar presente neste relatório. Contudo, a professora cooperante mencionou que os seus projetos estavam sempre baseados nas atividades práticas e de visualização, ou seja, que tentava sempre tornar o abstrato em concreto para que a turma conseguisse aprender pela experiência. Outro aspeto mencionado pela professora cooperante foi a importância que a mesma dava ao respeito entre todos dentro da sala, mencionando que fazia um esforço para que todos os alunos se respeitassem entre si e conseguissem conviver com as diferenças de cada um.

Prática pedagógica

Dentro da turma onde estava inserida existiam muitos problemas de comportamento. Muitos eram os alunos que na turma não se respeitavam uns aos outros e, por vezes, não respeitavam o professor. Havia muita violência entre os alunos tanto verbal como física, nos primeiros dias de estágio foi-me possível observar ameaças verbais que faziam uns aos outros e que muitas vezes partiam rapidamente para a agressão física. Eram muitos os dias em que depois do intervalo ou depois da hora de almoço a professora cooperante tinha uma conversa bastante séria sobre o comportamento daquela turma tanto dentro como fora da sala de aula. Perante esta situação e após alguma conversa com a professora cooperante conclui que seria bom para aquela turma trabalhar os comportamentos e atitudes na escola e na sala de aula.

Como futura professora penso ser fundamental conseguir adaptar o meu método a todas as turmas. As turmas são muito diferentes umas das outras porque estão inseridas em

contextos diferentes e são constituídas por alunos muitos distintos, vindos de meios também eles muito distintos. É fundamental conseguir fazer um diagnóstico prévio para que depois seja possível realizar um trabalho de casa onde possa refletir sobre as minhas práticas e perceber quais as melhores estratégias a adotar para pôr em prática dinâmicas com aquela turma em específico. Posto isto, tinha como objetivos do meu projeto os seguintes pontos:

- Transmitir valores e boas práticas de vida em comunidade;
- Incentivar a conversa e a não violência entre pares, realizando reflexões em grande grupo, fazendo com que os alunos compreendam que não é através da violência que se resolvem os problemas mesmo que nos sintamos chateados, tristes ou magoados com alguém não devem partir para a agressão;
- Realizar práticas em grupo e de ajuda mútua, fazendo com que os alunos trabalhem em equipa e se ajudem mutuamente percebendo que quanto mais se ajudam e quanto mais unidos forem mais sucesso terão na realização das atividades.

“De acordo com a perspetiva de Amado e Freire (2009) a definição de gestão da sala de aula inclui os acontecimentos que se iniciam na planificação, com a organização e execução de cada aula realizada pelo professor “à orientação de perguntas e olhares, reforços e incentivos que transmite aos alunos” (Teixeira, 2011)”.

A gestão da sala de aula compete ao professor, é ele a entidade que gere os acontecimentos dentro da sala, é ele que organiza as dinâmicas de forma que as mesmas sejam ordenadas e benéficas para os alunos. O professor deve conseguir adaptar o seu método e discurso a qualquer turma e qualquer aluno porque nenhuma turma é igual a outra e todos os alunos têm as suas especificidades que, em conjunto, se tornam no conjunto de especificidades da turma. O professor deve conseguir fazer uma análise de tudo isto e conseguir moldar-se a cada turma, porque é o professor que tem esse dever e não são os alunos que têm o dever de se adaptar ao professor.

De acordo com Santos (2007) no modelo conceptual de Johnson e Brooks (1979) a GSA é definida como um modo organizacional, cujo objetivo é que os professores desempenhem várias tarefas, sendo estas especificamente: o planeamento, a organização, a coordenação, a direção, o controlo e a comunicação. Estas tarefas encontram-se ligadas a algumas variáveis concretas: o tempo, o espaço, crenças pessoais, pertences materiais, capacidade de exercer autoridade, responsabilidade, recompensas e as punições. (Valente, 2015)

A citação anteriormente referida é um resumo daquilo que um professor tem de fazer no que à gestão da sala de aula diz respeito.

A avaliação do projeto implementado em estágio foi realizada com base em duas componentes: analítica, em que surge uma breve análise do que foi elaborado e experienciado, tanto por mim como pela turma, e reflexiva, em que me debati com diversas questões decorrentes da prática e, mais especificamente do projeto.

Ao longo da minha intervenção tentei sempre adaptar as planificações à prática e ao momento vivenciado na altura. Tentei partir das ideias e das preferências dos alunos, daquilo que já sabiam e dos seus gostos e saberes.

Na última aula da minha intervenção fiz uma reflexão com a turma em grande grupo. Questionei a turma sobre o que mais tinham gostado e o que menos tinham gostado durante a intervenção e também sobre aquilo que poderia melhorar. As respostas foram bastante vagas, os alunos disseram que tinham gostado de tudo o que tinha sido feito e que não tinha havido nada que tivessem gostado menos. Mencionaram as atividades de carácter mais prático nomeadamente a expressão artística como sendo as suas preferenciais.

De um modo geral, considero que a implementação do meu projeto foi bem conseguida porque coloquei em prática aprendizagens prévias adquiridas durante o período de licenciatura e mestrado.

Posto isto, destaco duas atividades que realizei ao longo da minha intervenção. São elas a “Árvore das Boas Ações” e “Jogos cooperativos”.

A primeira atividade foi realizada em Estudo do Meio e Oferta Complementar, consistia em questionar os alunos sobre quais os comportamentos que deviam ter dentro da sala de aula e na escola, no geral. Foi feito um debate em turma e uma reflexão sobre tudo o que os alunos disseram. De seguida, pedi a cada um que desenhasse a sua mão numa cartolina verde, cada mão iria ser uma folha da árvore. Levei, previamente construído um tronco de árvore em cartolina. Colei o tronco na porta da sala. Depois pedi a cada aluno que escrevesse um bom comportamento a ter dentro da sala de aula na sua cartolina. Finalmente, todas as “folhas” foram coladas junto aos ramos da árvore e aquele era o conjunto dos comportamentos a ter dentro da sala de aula e na escola. Penso que esta atividade fez todo o sentido, uma vez que, esta turma tinha muitos comportamentos violentos e desadequados à sala de aula. o meu objetivo era que todos refletissem sobre o que devem fazer na sala e se efetivamente o faziam ou não e se não faziam o porquê. Muitos alunos mencionaram boas práticas, contudo, também foram muitos os que reconheceram que não colocavam em prática as ações que eles próprios mencionaram.



Figura 10 - registo fotográfico da atividade "árvore das boas ações"



Figura 11 - registo fotográfico da produção final da atividade "árvore das boas ações"

A segunda atividade diz respeito à área de educação físico motora, foram realizados vários jogos cooperativos, em que o/a aluno/a precisava necessariamente do outro para conseguir realizar o jogo. Optei por este tipo de jogos para tentar fortalecer o espírito de equipa e companheirismo entre todos os alunos da turma. Trabalhar em equipa é sempre mais vantajoso que trabalhar sozinho e era o meu objetivo que os/as alunos/as conseguissem evidenciá-lo. Tentei ainda que fossem criados pares com alunos/as que não costumavam interagir muito uns com os outros tentando proporcionar um momento de conhecimento e partilha com crianças que não se conheciam muito bem umas às outras.



Figura 12 - registo fotográfico da atividade "jogos cooperativos"

1.4 Estágio 4º ano 1º Ciclo do ensino básico

O segundo estágio realizado na valência de primeiro ciclo decorreu com uma turma de 4º ano de escolaridade.

Caracterização da instituição

A instituição onde realizei a minha prática supervisionada na valência de 1º CEB no 4º ano de escolaridade foi a mesma onde realizei a prática anterior, no 1º ano do ensino básico. Assim sendo, todas as características referidas nesse tópico adequam-se também a este parâmetro.

Caracterização da sala

A sala do 4º ano era uma sala espaçosa com bastante luz natural. Era uma sala com muitos trabalhos feitos pelos/as alunos/as expostos o que dava muita cor e vida à mesma. A sala era constituída por várias mesas para os/as alunos/as; um quadro de cortiça para expor os trabalhos realizados e é decorado alusivamente à época do ano em que nos encontramos; um armário encostado a uma das paredes onde os/as alunos/as guardavam os seus livros ao fim do dia; um armário fixo a uma das paredes para guardar diversos materiais, como os dossier com os trabalhos realizados ao longo do ano, cartolinas, goma eva e outros materiais para a realização de trabalhos manuais; um quadro preto onde se utilizava giz, um quadro interativo onde eram projetadas as páginas do manual que estavam a ser trabalhadas, imagens, vídeos, exercícios interativos, jogos interativos como o Kahoot, etc; a secretária da professora que tinha um computador de trabalho apenas utilizado pela mesma e duas outras mesas com computadores em que um deles era o que estava ligado ao projetor que, por sua vez, se encontra ligado ao quadro interativo.

Dentro da sala ainda existia um lavatório que os/as alunos/as podiam utilizar para beber água, realizar a higienização das mãos sempre que necessário, lavar pincéis...

Caracterização do grupo

A turma era composta por 21 elementos, sendo 9 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Existia um aluno que não estava a frequentar as aulas no momento do meu estágio, pois tinha um problema de saúde crónico grave e, devido à pandemia, os seus pais preferiram resguardá-lo em casa para que fosse mais seguro. Esse aluno assistia e participava apenas nas aulas de música via zoom. Havia ainda um outro aluno que tinha paralisia cerebral e frequentava a Unidade da instituição, sala onde estava uma professora de ensino especial com os/as alunos/as, nesta sala realizavam atividades adaptadas a cada um e era feito um trabalho mais individualizado. Este aluno frequentava a sala nas aulas de música e também em algumas atividades de teor mais prático, como expressão plástica. Senti-me muito bem

acolhida e integrada no grupo desde cedo. Todos/as os/as alunos/as fizeram com que fosse mais fácil a minha adaptação. Este era um grupo bastante tranquilo, nesta sala existiam muitos momentos de silêncio em que os alunos estavam a realizar trabalho autónomo.

O grupo era muito interessado e colocava muitas questões pertinentes. Eram trabalhadores e realizavam com muito entusiasmo todas as atividades propostas. Existiam algumas diferenças de ritmo, como existe em todos os grupos que eram sempre tratadas com o devido respeito por cada aluno/a. No entanto, senti que neste grupo existiam momentos em que essa diferença era muito evidente. Na resolução de problemas matemáticos, por exemplo, existia um grande grupo de alunos que não conseguia realizá-los autonomamente. E um pequeno grupo que os realizava sem manifestar nenhuma dificuldade. Esta situação fez-me refletir sobre as minhas práticas, uma vez que, a gestão de ritmos diferentes dentro da mesma sala era uma das minhas dificuldades, os/as alunos/as que tinham mais facilidade na realização das dinâmicas propostas ficavam muitas vezes entediados e até frustrados por terem de esperar pelos colegas. Aquilo que fiz foi tentar ter sempre uma atividade reserva, ou seja, uma atividade para propor aos alunos/as que terminassem mais cedo as atividades planificadas.

Apesar de ser um grupo calmo, por vezes, existiam alguns conflitos entre os alunos, como algumas lutas e insultos verbais, nestas ocasiões era necessária a intervenção do adulto pois muitas vezes estas situações tornavam-se bastante violentas.

Projeto da sala

O projeto da sala encontrava-se ainda em fase de elaboração por parte da professora cooperante e, deste modo, não poderá ser desenvolvido neste relatório. Contudo, ao longo da minha intervenção em conversa com a professora cooperante apercebi-me de diversas estratégias que a mesma utiliza. A professora mencionou que tentava sempre respeitar todos/as dentro da sala, ou seja, perceber quais as fragilidades de cada um e tentar colmatá-las em vez de evidenciá-las, percebendo qual o ritmo individual de cada aluno/a e adaptando a estratégia diária a cada aluno/a para que nenhum se sentisse inferior a outro.

Prática pedagógica

No decorrer dos dias de observação questioneei desde logo a professora cooperante sobre quais seriam os conteúdos que teria de abordar na minha intervenção. Apercebi-me que os conteúdos de estudo do meio giravam muito em torno de conhecer Portugal, localizar Portugal na Europa e no Mundo, conhecer as principais atividades económicas de Portugal, perceber quais os destinos de emigração portuguesa e ainda quais são os países lusófonos. Posto isto surgiu-me imediatamente a ideia de intitular o projeto pedagógico de “Vamos conhecer Portugal”.

Na tabela seguinte são enunciados os objetivos presentes nas aprendizagens essenciais – 1º CEB – estudo do meio e no programa de estudo do meio do Ensino Básico do 1º CEB, ambos do 4º ano de escolaridade e que foram abordados no decorrer deste projeto.

Tabela 1 - conteúdos abordados na aplicação do projeto

Estudo do Meio – 4º ano	
Sociedade	Conhecer o número de Estados pertencentes à União Europeia, localizando alguns estados-membros num mapa da Europa.
	Reconhecer a existência de fluxos migratórios, temporários ou de longa duração, identificando causas e consequências para os territórios envolvidos.
Contacto entre a Terra e o Mar	Localizar no mapa de Portugal.
	Localizar em mapas ilhas e arquipélagos (Açores e Madeira).
	Localizar no planisfério e no globo os continentes e os oceanos.
	Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal.
Portugal na Europa e no Mundo	Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo.
	Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos.
Principais Atividades Produtivas Nacionais	Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como atividades económicas importantes em Portugal.
	Identificar os principais produtos agrícolas portugueses (vinho, azeite, frutos, cereais, cortiça...).
	Identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...).
	Identificar os principais produtos ligados à pecuária (produção de carne, ovos, leite...).
	Identificar os principais produtos da indústria portuguesa (têxteis, calçado, pasta de papel, conservas, derivados de cortiça...).

Tentei realizar todas as atividades de forma lúdica e dinâmica utilizando atividades práticas onde todos os alunos participassem, fazer com que estivessem em contacto com aquilo que estava a ser falado, por exemplo, na questão das árvores plantadas no território português levei diversas folhas para que conseguissem vê-las e mexer-lhes, tentei sempre tornar o abstrato em palpável de maneira que fosse mais fácil para os alunos perceberem as aprendizagens. Ao realizar atividades práticas as aprendizagens são mais naturais e mais visíveis para a turma, pois tudo o que é manipulável e visível é de mais fácil perceção para os alunos.

Este projeto tinha como finalidades que os alunos aprendessem e atingissem os objetivos propostos através de atividades, nomeadamente, de carácter lúdico, tentado respeitar o ritmo de cada um; que conseguissem trabalhar em grande e pequeno grupo e também individualmente; que aprendessem mais sobre o nosso país e que o conhecessem sabendo quais são as suas características geográficas, económicas...

Este grupo apresentava vários ritmos e níveis de aprendizagem, pelo que é importante adequar estratégias de modo que os/as alunos/as consigam acompanhar os conteúdos. Deste modo, pretendia que todos os alunos construíssem as bases essenciais para uma melhor aprendizagem sucessiva, sendo estes os principais intervenientes da ação educativa.

Visto que estava perante uma turma com alguns conflitos interpessoais, é importante promover, entre eles, o respeito pelos outros, a ajuda, a cooperação, o trabalho em equipa, a autonomia e a gestão de conflitos. Assim sendo, tentei sempre realizar atividades de grupo para fortalecer a relação entre todos.

O meu projeto, como já referido designava-se de “Vamos descobrir Portugal” e tinha como objetivo fazer com que os alunos conseguissem aprender mais sobre Portugal.

Roldão (1995) encara o Estudo do Meio como uma área de abertura para o futuro e da qual, em larga medida, pode depender o sucesso dos alunos. Por esse motivo apela a todos os docentes uma reflexão crítica sobre esta área curricular e as práticas didáticas que lhe estão associadas em busca de uma desejável adequação aos alunos, com o objetivo de contribuir não somente para o seu empenhamento, mas também para o gosto e sucesso neste campo das suas aprendizagens iniciais na escola.

A avaliação tem um papel importante nas aprendizagens dos alunos. Deste modo, ao longo das atividades realizadas era feita sempre em jeito de resumo de forma a tentar perceber se os alunos tinham compreendido os conteúdos abordados ou não e também se tinham gostado daquele tipo de atividade ou não. Esta avaliação era feita de forma oral.

Deste modo, quero destacar duas atividades que realizei ao longo da implementação do meu projeto, são elas a construção de um planisfério, com identificação de oceanos e continentes e a abordagem daquelas que são as principais árvores plantadas no território português.

A primeira atividade mencionada teve como objetivo a construção de um planisfério. Levei previamente desenhado em papel cenário um planisfério e também todos os continentes devidamente separados. O objetivo era que os alunos identificassem os continentes e fizessem uma correspondência entre os continentes que tinham na mão e o planisfério, como se de um puzzle se tratasse. Em pequenos grupos pintaram os continentes, ainda separados uns dos outros. Enquanto isso, um grupo pintou os oceanos diretamente no planisfério. Quando esta tarefa terminou, foi feita a correspondência dos continentes ao seu sítio no planisfério. De seguida, dei aos alunos etiquetas com o nome de cada continente e oceano para que procedessem à legenda.

O meu objetivo era que os alunos conseguissem identificar e localizar no mapa todos os continentes e oceanos.



Figura 13 - registo da atividade "construção do planisfério" fase de elaboração



Figura 14 - registo fotográfico da atividade "construção do planisfério" produção final

Em relação à segunda atividade, a mesma teve como tema central os tipos de árvores que mais existem no território português. Primeiramente, pedi à turma que fizesse uma leitura silenciosa da página do manual que abordava o assunto. De seguida realizámos uma leitura em conjunto e em voz alta, todas as dúvidas da turma foram esclarecidas e tudo o que estava escrito no manual foi, também, devidamente explicitado.

Seguidamente, foram mostrados à turma vários exemplos de folhas das diversas árvores abordadas no manual, tais como, folhas de castanheiro, pinheiro, sobreiro, oliveira... Todos/as os/as alunos/as tiveram oportunidade de manipular as folhas, tocar-lhes, cheirá-las... por fim, cada aluno fez o decalque das folhas com auxílio de lápis de cera. Na minha expectativa a parte do decalque seria bastante simples, uma vez que se tratava de alunos/as

de 4º ano de escolaridade, no entanto, pude verificar que existiram alguns constrangimentos quando pedi que fizessem o decalque das folhas.



Figura 15 - registo fotográfico da atividade "principais árvores de portugal" fase de visualização

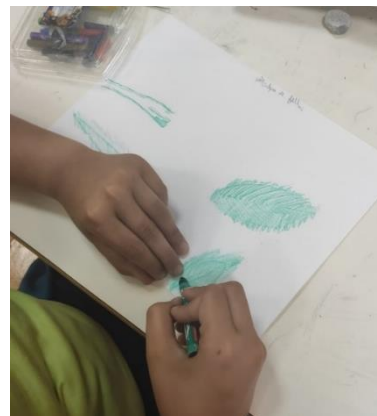


Figura 16 - registo fotográfico da atividade "principais árvores de portugal" fase de decalque

Percurso de desenvolvimento profissional

Ao longo dos dois anos em que frequentei o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB realizei diversos estágios que me permitiram adquirir várias aprendizagens e conhecimentos, passando por três valências distintas que me permitiram experienciar diferentes metodologias e práticas educativas.

Em relação à minha evolução, considero que foi bastante favorável. Penso que são evidentes as minhas melhorias no que diz respeito às minhas intervenções, no sentido em que inicialmente senti-me muito retraída sentia que me era muito difícil chegar às crianças, tinha muita dificuldade em sentir-me à vontade perante o grupo e tinha também dificuldade em adaptar as minhas práticas às diferentes idades e com o tempo penso que estas dificuldades foram sendo cada vez mais esbatidas. Na minha primeira prática supervisionada realizada na valência de creche senti que a minha adaptação foi um pouco complicada, penso que isto aconteceu porque tinha muitos receios e ideias pré-concebidas, nomeadamente, a ideia de que não gostava daquela faixa etária e que não era aquela a valência em que conseguia o meu melhor desempenho. Talvez por esse motivo eu olhe agora para trás e consiga perceber que nesse primeiro estágio fiquei um pouco aquém daquilo que deveria ter feito e até das minhas próprias expectativas porque penso que quando iniciei a prática tinha a ideia que iria ser tudo muito fácil, ia conseguir realizar dinâmicas que promovessem o desenvolvimento das crianças, ia conseguir fazer imensas coisas e que as ideias iam surgir-me naturalmente e não foi assim que aconteceu, tive muitas dúvidas, muitos receios, e alguma dificuldade em perceber que tipo de atividade se fazem com crianças tão novas. No meu pensamento antes da prática eu idealizava que quanto mais reduzidas forem as idades do

grupo mais fácil é implementar qualquer tipo de dinâmica, mas rapidamente percebi que isto não era verdade e que, no meu caso, a idade que me causou mais momentos de indecisão, pensamento e reflexão foi mesmo a idade de creche. Na semana de observação senti mesmo que não ia ser capaz de realizar nenhuma atividade, sentia-me bloqueada e não sabia mesmo o que fazer com crianças que (muitas delas) ainda nem tinham completado um ano de idade. Com o decorrer do tempo e com muitas conversas com a educadora cooperante, que me ajudou bastante, penso que consegui superar-me, na medida em que realizei dinâmicas em que me autoavalio de forma positiva e claro que pelo feedback da educadora cooperante ter sido também positivo penso que o balanço final é de que consegui alcançar os meus objetivos.

Em relação aos projetos de intervenção que realizei ao longo dos estágios gostava de mencionar todos eles, porque todos foram diferentes e todos me proporcionaram experiências e aprendizagens diversas com tudo aquilo que decorreu da maneira que esperava, mas, principalmente, aprendi bastante com aquilo que não acontecia tal e qual como tinha idealizado.

Assim sendo começo por abordar o primeiro projeto que remonta ao estágio em creche como referi no parágrafo anterior, teve muitas limitações, senti alguma dificuldade em adaptar as minhas práticas à faixa etária em questão (1 ano). Inicialmente era-me difícil cativar o grupo, não sabia por onde começar e muitas vezes sentia-me um pouco atrapalhada quando precisava de iniciar uma dinâmica, penso que essa foi mesmo a minha maior dificuldade, era o momento exato do início que me deixava bastante insegura. Ao longo do tempo percebi que o efeito surpresa é ótimo nesta idade e funcionava muito bem com o grupo então optei por levar para a sala os objetos escondidos dentro de uma caixa ou saco ou mesmo colocar algo atrás das costas e fazer um enorme suspense teatral sobre o que iria acontecer. O grupo mostrava-se muito interessado e, assim, conseguia manter todas as crianças atentas e interessadas no que ia acontecer a seguir. À medida que o estágio foi decorrendo senti que a minha evolução foi notável, terminando-o com uma autoavaliação muito positiva. Senti que superei algumas das minhas maiores dificuldades, já mencionadas anteriormente, e consegui proporcionar bons momentos lúdicos, evolutivos e de desenvolvimento para todas as crianças.

Falando agora um pouco da minha prática em jardim de infância, aqui aconteceu um pouco o mesmo que tivera acontecido na prática anterior, contudo, com parâmetros distintos. No segundo dia de intervenção a educadora cooperante abordou-me dizendo que estava um pouco receosa a meu respeito, pois, sentia que eu tinha alguma dificuldade em estabelecer relações de proximidade com as crianças. Ouvi isto e aceitei, pensando sempre que tinha de reverter esta opinião da educadora. Assim aconteceu, empenhei-me e dei tudo de mim neste estágio. O projeto pedagógico implementado baseava-se no livro “O Monstro das Cores” em

que eram trabalhadas diversas emoções. Este projeto foi um grande sucesso e, no último dia de estágio, a educadora cooperante abordou-me novamente, mas desta vez dizendo que tinha ficado muito surpreendida com a minha evolução e que eu estava de parabéns pois o meu percurso ao longo de toda a minha prática foi um grande crescendo. Senti cada uma daquelas palavras e foi bastante reconfortante ouvi-las. Neste estágio senti que me libertei completamente, todos os meus receios desapareceram à medida que os dias iam passando e sentia-me cada vez mais à vontade dentro da sala e perante o grupo. Penso também que este projeto estava muito mais bem organizado que o primeiro, tinha uma estrutura muito boa desde o início. Sabia cada passo que ia dar e cada tema que ia abordar. Estructurei todos os dias e todas as dinâmicas, tinha planos B no caso da minha primeira opção e abordagem não decorrer da forma que era expectável. Por vezes o plano B foi uma solução, mas outras não foi necessário no sentido em que consegui dar a volta à questão de maneira que funcionasse melhor para o grupo.

Por fim, quero falar do meu percurso na prática em 1º CEB. Realizei dois estágios na mesma instituição, o primeiro no 1º ano e o segundo no 4º ano do 1º CEB. Ambos foram muito desafiantes, ambientes muito diferentes daqueles que tinha experienciado até então. Esta sempre foi a valência que mais me suscitou interesse e que mais entusiasmo despertava em mim, contudo, foi também aquela que me deixou mais ansiosa antes do seu começo. Depois dos primeiros dias de observação senti-me sempre muito bem naquele espaço e naquela dinâmica. A meu ver, o 1º ciclo tem uma exigência que em nada se compara às restantes valências, senti que foram os estágios mais desgastantes tanto física como psicologicamente. Mas foram também aqueles que me fizeram sentir mais realizada. Penso que foi aqui que tive consciência do meu papel durante três anos de licenciatura e dois de mestrado, “vou ser professora” era o meu único pensamento. Em relação à minha intervenção, foi sempre bastante preparada e estudada em casa, esta foi também uma nova realidade, porque apesar de em todos os outros estágios eu me preparar para o que ia acontecer no dia seguinte, aqui senti que esta preparação exigia mais tempo e mais empenho e reflexão da minha parte. Os dois projetos pedagógicos que implementei surgiram um pouco naturalmente e estavam relacionados com os temas que cada turma estava a abordar aquando da minha intervenção, no 1º ano do 1º CEB o projeto estava relacionado com os comportamentos dos/as alunos/as, uma vez que, existiam muitos conflitos dentro e fora da sala de aula; no 4º ano do 1º CEB o projeto relacionava-se com o nosso país, sendo que esse era o conteúdo que a turma estava a trabalhar naquele momento. Penso que tanto um como outro foram bem elaborados e conseqüentemente bem implementados, realizei diversas atividades dinâmicas e tentei desprender-me dos manuais escolares o que acabou por ser a minha maior dificuldade, ainda assim considero que o meu objetivo pessoal foi cumprido, uma vez que, realizei muitas dinâmicas sem manuais, e consegui que existissem aulas não tradicionais com todos os alunos sentados a realizar fichas dos manuais escolares. Tentei que os/as alunos/as

construíssem coisas, manipulassem materiais, realizassem experiências, tivessem contacto com elementos da natureza e que fugisse ao máximo dos manuais escolares, nem sempre foi fácil tanto pela minha imaginação como pelos pedidos das professoras que incluíam muitas vezes a realização das fichas presentes nos manuais.

Como já referi acima a minha maior dificuldade foi a não utilização dos manuais escolares e, conseqüentemente, a planificação de aulas dinâmicas e fora da caixa, contudo penso que consegui muitas vezes fugir às tradicionais fichas. Posso ainda enunciar outra dificuldade que diz respeito à gestão do tempo. Para mim era um pouco complicado perceber quando planificava quanto tempo iria demorar cada dinâmica, acabando, por vezes, por não conseguir terminá-la, alongando-a para a aula seguinte ou terminando-a no dia seguinte. As professoras cooperantes sempre foram bastante compreensivas e ambas me diziam que as planificações são o fio condutor daquilo que vamos fazer, mas que não têm de obrigatoriamente ser cumpridas tal e qual como estão pensadas. Quando uma planificação é implementada existem muitas coisas que acontecem que não estão planificadas, porque os/as alunos/as são muito imprevisíveis e colocam questões ou temos de explicar de diversas maneiras para que todos entendam e aquilo que idealizámos acaba por seguir um caminho diferente, mas a linha de pensamento está lá, planificada e a ser cumprida, por vezes não é tal e qual como foi pensada inicialmente, mas esta situação não é dramática e nem é espectacular que aconteça. Isto foi-me explicado pelas professoras cooperantes e após estas conversas sentia-me bastante mais tranquila. Contudo, com o decorrer das práticas penso que fui sempre conseguindo adaptar cada vez melhor as minhas dinâmicas ao tempo que tinha para implementá-las.

Em suma, quero dizer que sinto que evolui bastante ao longo de todas as minhas práticas supervisionadas, aprendi muito com todas as educadoras cooperantes e também com todas as professoras cooperantes. Aprendi também imenso com todos os meus professores e, principalmente, com as minhas professoras orientadoras. Ouvi sempre todos os conselhos e todas as críticas tentando agarrá-los a todos como boas oportunidades para o meu futuro enquanto professora. Defendo que durante toda a nossa existência estamos a aprender, mas penso que o professor multiplica o sentido desta afirmação. O professor está durante toda a sua vida em constante aprendizagem e melhoria das suas práticas, nunca chegando a um ponto onde se possa dizer que é detentor de toda a verdade e de todo o saber.

Parte 2 - Exercício Investigativo

Percurso do Desenvolvimento Investigativo

O presente exercício investigativo surgiu com o decorrer das minhas práticas supervisionadas e das observações feitas nas mesmas, contudo este tema sempre me interessou bastante e sempre quis perceber como seria se conseguíssemos ter todos a mesma igualdade de oportunidades e participação. Com o ingresso na Licenciatura de Educação Básica e, posteriormente, no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB este interesse intensificou-se mais ainda e focou-se no aspeto da educação.

No decorrer das minhas práticas supervisionadas foram várias as questões que emergiram das mesmas, surgiram situações que me suscitaram algumas dúvidas conduzindo-me à reflexão e pesquisa. Muitas vezes questionava a educadora ou professora cooperante do porquê das coisas de processarem de determinada forma e não de outra. Passo a enunciar alguns exemplos, na minha prática em creche a questão que penso ter sido a mais fraturante foi o facto do grupo nunca se dirigir ao exterior mesmo quando existia uma porta na sala que tinha acesso direto ao espaço ao ar livre, durante a minha prática o grupo utilizou a zona exterior apenas uma vez. Quando questioneei a educadora cooperante foi-me dito que, muitas vezes, os pais não queriam que as crianças fossem para a rua com frio e que a logística de levar todos para o exterior era complicada e demorada, portanto, não acontecia muitas vezes.

Por outro lado, na valência de jardim de infância a minha maior questão relacionava-se com uma criança com espectro de autismo, porque sentia que a mesma não estava integrada no grupo, muitas vezes não realizava as atividades e não participava em momentos de grande grupo, por exemplo quando todos/as se reuniam na área de convívio em grupo (vulgarmente definida como área do tapete). Esta situação incomodava-me, uma vez que não havia um acompanhamento feito à medida daquela criança. Quando questioneei a educadora cooperante foi-me dito que não existiam recursos humanos que permitissem esse acompanhamento e que como a criança, muitas vezes, se recusava a participar nas dinâmicas o melhor era deixá-la fazer o que quisesse e não insistir. Outra questão que gostaria de enunciar teve lugar na valência de 1º CEB na turma de 1º ano, é uma questão que em nada está relacionada com as que mencionei anteriormente, nesta situação aquilo que mais me fez pensar e questionar a professora cooperante foi mesmo a metodologia de ensino, questioneei sobre a introdução de um novo grafema, por exemplo. Era bastante complicado, para mim, perceber como era feita a introdução de um grafema, qual o ponto de partida, o que se fazia para a turma aprender o grafema e, conseqüentemente, como era o processo da leitura. A professora cooperante explicou-me que partia sempre do som e daquilo que os/as alunos/as já sabiam, questionava se alguém já conhecia o grafema em questão e depois se conheciam

palavras com o mesmo. Depois era feita a associação às vogais e a progressão era feita sucessivamente até à leitura de palavras.

À medida que fui realizando as minhas práticas apercebi-me, ao longo do tempo, que existiam algumas diferenças de oportunidades e de participação em relação às crianças. Observei uma situação específica no contexto de 1º CEB em que a professora colocou os/as alunos/as com mais dificuldades nas últimas mesas da sala e todos/as juntos/as, o grupo não acompanhava as aulas e acabava por não concluir as atividades realizadas ao longo do dia. O único apoio que este grupo tinha era realizado duas vezes por semana, num dia em que ia uma professora à sala e ficava a acompanhá-los durante uma hora e noutro dia este grupo ia também uma hora para o ninho. Era visível que este apoio não era suficiente, uma vez que, todo o grupo continuava com muita dificuldade em acompanhar a professora e a restante turma. Conseguia ainda perceber-se que este grupo não participava nas dinâmicas de grande grupo e não era solicitado a responder a questões colocadas pela docente.

Esta situação foi efetivamente a mais flagrante, contudo, existiram outras observações que me fizeram querer trabalhar a igualdade de oportunidades e participação nos jardins de infância e nas escolas.

Assim sendo, a questão problema deste estudo é a seguinte: Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças. No entanto, esta questão foi sendo aperfeiçoada ao longo do tempo até surgir tal como é apresentada em cima. O tema igualdade de oportunidades sempre foi o meu foco, contudo, teve várias variantes e à medida que ia experienciando diversas vivências em estágios ia limando as arestas do tema que queria realmente estudar. Inicialmente, pensei em estudar a influência que o meio de onde uma criança/aluno/a era proveniente tem no seu sucesso escolar, porque via muitas crianças e alunos/as que viviam em meios muito distintos e pensei que seria interessante perceber até que ponto é que o meio envolvente onde vive uma criança influencia ou não o seu sucesso escolar, depois pensei em estudar o nível socio económico das famílias e como ele influencia o percurso escolar de crianças e alunos. Após algumas reflexões individuais e de algumas ponderações tentei juntar todas as minhas ideias e elaborar uma só questão alvo de pesquisa e estudo e, assim, obtive a questão problema do meu exercício investigativo.

Estando a questão definida passo a enunciar os objetivos de forma sintética, são eles: perceber como os processos de planificação de educadores/as e professores/as contemplam a igualdade de participação e oportunidades; identificar metodologias favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades; a influência do ambiente educativo na igualdade de participação e oportunidades e caracterizar qual é o papel do/a docente no combate às

desigualdades de participação e oportunidade, ou seja, o que deve o/a docente fazer para proporcionar igualdade para todos/as.

2. Revisão de Leitura

A presente revisão de leitura pretende dar espaço à explicitação de alguns conceitos fundamentais, bem como, temas considerados pertinentes para o estudo, funcionando assim como fator de contextualização para o leitor.

Conceito de igualdade de oportunidades

“A igualdade de oportunidades é um princípio fundamental da justiça social.” A resposta que é dada a cada cidadão, de forma a garantir a igualdade de oportunidades, tem de ser adaptada a ele mesmo e isso depende do contexto social e territorial de cada um. A igualdade de direitos diz que as necessidades de cada pessoa têm a mesma importância e que a sociedade deve estar organizada de forma a conseguir utilizar os recursos disponíveis de forma a garantir que todos têm a mesma oportunidade de participação. (Centro de Informação das Nações Unidas em Portugal [CINUP], p.41).

Como igualdade de oportunidades entende-se a forma como os sistemas da sociedade estão disponíveis para todos/as na mesma proporção, sejam eles meios físicos, serviços, atividades, informação, etc.

Foram criados documentos cuja função é reconhecer a todas as pessoas os mesmos direitos na sociedade, tais como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais, o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, a Declaração dos Direitos dos Deficientes, entre outros. É sobre estes direitos que se encontra assente a igualdade de oportunidades, ou seja, se todos estes direitos foram cumpridos e iguais para qualquer cidadão/ã existe igualdade de oportunidades para todos/as.

As pessoas podem ser colocadas em situação de desigualdade por diversos motivos, ou pelo grupo social a que pertencem, pelo contexto territorial onde nascem ou vivem, pela sua etnia... é importante perceber que mesmo que as pessoas não sejam discriminadas pelos fatores acima apresentados isso não significa que a igualdade de oportunidades esteja assegurada, pois essas mesmas pessoas podem ver o seu acesso à educação ou trabalho, por exemplo, condicionado por serem julgadas pelo preconceito. (Dicionário do Desenvolvimento [DD]).

Segundo Benavente (2001) dizer-se igualdade de oportunidades não é o mesmo que dizer-se sociedade uniforme, sendo que esta igualdade é feita a partir da diversidade de

respostas, ou seja, para que todos/as possam ter as mesmas oportunidades é preciso que o leque de respostas disponíveis na sociedade seja diversificado e não igual e uniforme para todos, porque nem todos os indivíduos precisam da mesma face à mesma questão.

Deste modo, a estratégia para conseguir atingir uma heterogeneidade em contexto escolar é diversificar as propostas educativas e formativas, de maneira, a que preparar “cidadãos num mundo globalizado” (Rodrigues, 2010).

É cada vez mais urgente que o sistema de ensino proporcione aos alunos diferentes e diversas vias de ensino para que cada um consiga fazer o seu próprio percurso (Sebastião & Abrantes, 2010). A escola tem de proporcionar a todos/as uma oferta educativa variada e que seja pensada de maneira a poder ser adaptada a todas as crianças e alunos/as, porque só assim será possível que todos/as tenham a mesma igualdade de oportunidades e participação se existirem ofertas que consigam ir ao encontro das necessidades específicas de cada um/a.

A Constituição da República Portuguesa tem prevista a igualdade de oportunidades como sendo um direito de todos aqueles que residem em Portugal.

Constituição da República Portuguesa (2005), artigo 13º - Princípio da Igualdade:

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

Assim sendo, a igualdade de oportunidades é um direito de todos os/as cidadãos/ãs, ninguém pode ser discriminado por uma condição que possui, seja ela qual for. Todos/as devem ter acesso às mesmas respostas sendo que a sociedade deve ter essas respostas preparadas de maneira que possam ser adaptadas a qualquer um/a.

2.1 O papel do jardim de infância e da escola na promoção da igualdade de participação e oportunidades

Nos dias de hoje podem verificar-se contextos educativos cada vez mais heterogéneos aos quais os/as profissionais de educação têm de adaptar-se, esta adaptação é fundamental e necessária, uma vez que, este é um mundo em constante mudança e evolução. Cada docente deve consciencializar-se que a diferenciação pedagógica é essencial para o sucesso escolar (Clérigo et al., 2017). A diferenciação pedagógica tem como centro a criança ou o/a

aluno/a e todo o seu percurso de aprendizagem e assim pretende-se que o ensino seja adaptado a cada criança em específico fomentando o respeito por qualquer ser humano. Esta pedagogia tem como objetivo que o insucesso escolar seja cada vez menor, porque se o currículo e o/a educador/a ou professor/a se adaptam a cada criança ou aluno/a a probabilidade deste/a vir a ter sucesso no seu percurso escolar aumenta, uma vez que, são potencializadas as suas capacidades e características individuais. Em vez de se excluírem alunos/as por não se adaptarem à escola deverá ser a escola a adaptar-se a todos/as os/as alunos/as para que todos/as possam estar incluídos no meio de ensino. (Clérigo et al., 2017 as cited in Perrenoud 2000).

Compete ao jardim de infância e à escola motivar as crianças e alunos/as para aquilo que nelas é feito, o seu papel é manter as crianças e alunos/as interessados/as no que estão a fazer porque se o fizerem com gosto e vontade irão ser muito mais produtivos/as e a aprendizagem será muito mais ativa. O interesse do/a aluno/a numa determinada tarefa é tão decisivo para o desenvolvimento do talento como a combinação entre a complexidade da tarefa e da receptividade dos alunos para essa tarefa.

Não só os investigadores explicam que o interesse dos alunos é essencial para que estes possam desenvolver tarefas de complexidade crescente como também o interesse e a satisfação decorrentes das tarefas anteriores são, frequentemente, essenciais para o desempenho continuado dos alunos num dado trabalho que não seja momentaneamente interessante. (Pinharanda, 2009, p.8).

Mais que a instituição é o/a docente o/a responsável por esta motivação e interesse das crianças e alunos/as, cabe aos/as profissionais de educação arranjar e adaptar estratégias para que seja possível fazer um trabalho contínuo que conduzirá ao sucesso. De acordo com Pinharanda (2009) “a pedagogia diferenciada tem subjacente uma crença: uma única abordagem não funciona para todos os alunos.” É fundamental que o/a docente se preocupe com os interesses de cada um/a e é também muito importante conhecer todos os elementos do grupo para conseguir ir ao encontro daquilo que todos gostam individualmente.

Segundo Pinharanda (2009) os professores/as devem conseguir fazer com que os/as alunos/as estejam completamente interessados/as e motivados/as para a aprendizagem, devem conseguir formar uma pedagogia consistente que suscite no grupo a vontade e predisposição para aprender. Para que isto seja possível é necessário que o/a docente consiga criar um ambiente propício a isso mesmo. Pode falar-se em dois tipos de ambiente, o físico, sendo o espaço da escola, sala e turma que deverá ser motivador e facilitador do desenvolvimento e aprendizagem e também o ambiente que não é visível, aquele em que o/a profissional de educação deve conhecer todos/as os/as seus/suas alunos/as, os seus gostos,

particularidades, curiosidades e interesses de maneira a conseguirem direcionar as suas práticas de acordo com esses mesmos interesses e assim conseguir que os/as alunos/as desenvolvam um trabalho mais motivados/as e predispostos/as para a aprendizagem.

A escola deve permitir a “qualquer criança, em função das suas próprias capacidades, chegar à melhor situação social possível, onde os critérios de seleção e de orientação são por isso intrínsecos à personalidade do aluno e não sofrem o efeito da origem social” (Seabra 2009, as cited in Van Haecht, 2001, p.75).

2.2 Obstáculos e condicionantes à igualdade de participação e oportunidades

Existe um parâmetro fraturante associado à desigualdade de oportunidades entre as crianças: as diferenças sociais entre as famílias. Situações como condições sociais dos progenitores, a etnia da criança ou da sua família, o território onde reside, por exemplo, podem existir diferenças entre duas crianças que vivem no meio rural ou meio mais urbanizado respetivamente e ainda a condição de género. Posto isto, estudos revelam que perante estes parâmetros a escola penaliza crianças e alunos/as cujas famílias são pouco escolarizadas, desempenham funções consideradas subalternas, crianças e “alunos negros, os que vivem em meios rurais e do interior em condições de habitação degradada e alunos do sexo masculino.” (Seabra, 2009, p.82)

Existem diversos estudos feitos no sentido de investigar a relação entre a desigualdade escolar e a desigualdade na sociedade em geral, estudos esses que têm como principais autores Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Existem diversos autores que analisaram o porquê da existência das desigualdades em contexto escolar e chegaram a conclusões que permitem “esclarecer os mecanismos através dos quais a escola tende a reproduzir as desigualdades sociais preexistentes” (Seabra, 2009, p.89). Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron e Basil Bernstein deram origem a modelos analíticos que analisam e defendem a teoria de que o insucesso escolar é justificado pelas diferenças culturais entre as crianças e pela existência de grupos mais desfavorecidos. Os filhos destes grupos desfavorecidos sentem um choque cultural quando passam do seu ambiente familiar para o ambiente da escola, uma vez que existem culturas diferentes nos dois ambientes. (Seabra, 2009, p.90).

De acordo com Bourdieu e Passeron (1964) citados por Seabra (2009), não existem dons naturais que os/as alunos/as possuem, existem sim um conjunto de fatores que conduzem ou não ao sucesso escolar. São esses fatores os hábitos culturais da classe a que pertence o/a aluno/a, as exigências do sistema de ensino e os critérios que definem o sucesso, ou seja, por que parâmetros é que são avaliados os alunos e o que é considerado ter sucesso.

É enunciado o exemplo dos filhos de camponeses ou de operários em que a sua aquisição de cultura é a aculturação, ou seja, adquirem cultura socializando, convivendo e conversando com as pessoas do seu quotidiano.

As crianças que no seu seio familiar vivem uma educação e pensamento diferentes daqueles que estão institucionalizados nas escolas estão, à partida, à margem do coletivo dos/as alunos/as. Aqueles/as que proveem de uma família mais desfavorecida são, muitas vezes, aqueles/as que são colocados à margem porque a escola rege-se pelos ideais das famílias de classes económicas mais altas.

Nesta perspetiva, a escola, ao ser enformada pela cultura das classes dominantes e ao não reconhecer legitimidade nem valor académico a modelos culturais diferentes do que adota, penaliza os estudantes que são portadores de uma cultura familiar que é dissemelhante da cultura escolar. As dificuldades acrescidas sentidas pelos alunos oriundos das classes sociais mais desfavorecidas e o seu consequente insucesso escolar maciço explicam-se por esta rutura cultural sentida ao acederem à escola. O sucesso escolar dos estudantes mais favorecidos socialmente encontra a sua razão de ser nas afinidades culturais sentidas e nas vantagens decorrentes da detenção (e uso) do capital cultural herdado (Seabra, 2009, p.90).

Estudos apontam que a grande maioria dos/as professores/as quando questionados/as afirma que um dos grandes obstáculos à igualdade de oportunidades e participação é o elevado número de alunos/as por turma. Segundo Crahay (2007, p.186), é tanto mais fácil adequar atividades ao grupo quanto mais homogêneo ele for, a homogeneidade do grupo permite também que o docente consiga mais facilmente encontrar um ritmo de ensino e de trabalho que se encaixe em todos/as os/as alunos/as. Por outro lado, quando um/a professor/a tem pela frente um grupo mais heterogêneo este tem mais dificuldade em acertar o ritmo de trabalho a todos os/as alunos/as, pois irá sempre agir mais rápido e mais devagar. “[...] mais rápido para os alunos mais fracos, e mais lentamente para os mais fortes.” Ou seja, os/as alunos/as que têm mais facilidade veem o seu progresso atrasar em relação àquilo que sentem ter capacidades para fazer e os/as alunos/as mais fracos/as veem o seu progresso ser acelerado e não conseguem acompanhar o ritmo da turma. Assim sendo, é difícil para o educador/a ou professor/a conseguir arranjar um meio termo que não prejudique nenhum/a dos/as alunos/as e que respeite o ritmo de trabalho de todos/as.

2.2 Práticas e estratégias favorecedoras à igualdade de participação e oportunidades

Para promover a igualdade de oportunidades e de participação, é importante ter como ponto de partida a criança ou aluno/a. Desta forma, devem observar-se as suas características e barreiras que estas possam apresentar e investir na diversificação de estratégias pedagógicas. Esta diversificação de acordo com as suas características levará a um maior conforto e à vontade no momento de participação, colocando, assim, todos/as os/as alunos/as no mesmo patamar de igualdade de oportunidades, levando-os/as a uma participação adequada e significativa. Assim, impõe-se a reflexão crítica sobre a hipótese de substituir-se a preocupação com a igualdade de oportunidades educativas, pelo retorno a uma visão elitista e seletiva dos percursos escolares.

Segundo Coleman (1968) pode fazer-se um caminho em direção à igualdade de oportunidades, contudo a mesma nunca poderá ser alcançada. Segundo Sebastião (2007) e Seabra (2009, p.97) este progresso em relação à igualdade é determinado “pela influência da escola e pelo poder dos recursos escolares para obter melhores resultados, pois, para além do efeito da origem social existe o efeito-escola.”

Está provado que um método eficaz e que permite garantir a igualdade de oportunidades e participação é aquele que escuta as crianças e os/as alunos/as e que lhes dá espaço para que manifestem os seus interesses e curiosidades e que a planificação e práticas do dia-a-dia são feitas tendo por base esses mesmos interesses e gostos de cada criança e aluno/a. A metodologia que proporciona esta partilha entre crianças e alunos/as e docente é a metodologia de trabalho de projeto. A mesma, tem como objetivo promover quatro tipos de educação:

- Educação motivada e aberta, participada e partilhada, cooperativa e de interação e integrada e integral.

Perante isto veem definidas diversas estratégias de trabalho como: estimular as crianças para o hábito de serem questionadas e de se questionarem a elas próprias, proporcionar a visão de que a escola está ao serviço do conhecimento e da compreensão, motivar o indivíduo que irá aprender. Com esta metodologia pretende-se também que “os alunos sejam envolvidos na planificação do trabalho a realizar, tanto a nível conceptual como funcional”, para isso são eles que definem o que querem estudar e aprender, expõem o que cada um já sabe sobre cada assunto, o que gostavam de ver estudado e aprofundado e o que deveria ser feito para atingir esse objetivo, respondendo às questões “quem, quando e como”, quem irá fazer, quando será feito e como será feito. Em todas as etapas de trabalho é importante que haja trabalho cooperativo na organização do mesmo, na recolha de materiais

e de informação, no tratamento dos dados recolhidos, na procura de respostas e soluções e na produção de resultados. Pretende-se ainda que crianças e alunos/as “mobilizem recursos mais alargados, para a procura de respostas e para uma compreensão global do problema” para isso o/a profissional de educação deverá apelar à utilização dos diferentes sentidos, à utilização de recursos diversos, à diversificação das abordagens e à mobilização dos “saberes e competências dos diferentes domínios.” (Gonçalves & Rangel, 2010, pp.23-24).

Segundo a mesma linha de pensamento e de trabalho referida em cima uma metodologia que deve ser utilizada de forma a conseguir proporcionar igualdade de oportunidades e participação é a pedagogia diferenciada que deve ser utilizada sempre por todos/as os/as docentes em todos os contextos e valências.

De acordo com Clérigo et al. (2017, p.100), não existe consenso sobre a definição de pedagogia diferenciada, pois é um conceito que engloba vários aspetos sendo muito abrangente. “Quando se fala de diferenciação é necessário explicar o porquê da sua importância no ensino, assim como, referir a quem se direciona essa diferenciação e essencialmente clarificar que a educação diferenciada não se destina apenas aos alunos “diferentes”.” Atualmente os/as docentes têm em mãos a tarefa de conseguir gerir grupos muito heterogêneos e, para isso, é preciso que se reinventem constantemente, que reflitam sobre as suas práticas e que consigam adaptar as suas metodologias a todos, utilizando a diferenciação pedagógica, de maneira a promoverem o sucesso escolar.

“O termo ensino diferenciado refere-se ao esforço diversificado de métodos que os/as profissionais de educação fazem com o intuito de responder à diversidade dos/as alunos/as nas suas turmas” (Clérigo et al, 2017, as cited in Legrand,1971, p.100). Para Perrenoud (1997), muitas vezes o que acontece é que existe um padrão em sala que é repetido de forma sistemática e para todos/as, não sendo adaptado às necessidades de cada criança. Todas as crianças têm níveis de desenvolvimento diferentes, diferentes vivências e experiências familiares e do mundo que as rodeia, diferentes interesses e curiosidades o que conduz a que todas tenham diferentes relações com o conhecimento e com a maneira que o adquirem. O/A profissional de educação deve conseguir criar um cenário que coloque todos/as numa situação ideal, sendo que essa situação irá diferir de criança para criança, todos/as conseguem aprender e desenvolver-se desde que sejam colocados/as em situações à sua medida.

Metodologia

Neste capítulo serão apresentadas as escolhas metodológicas para a realização do presente portefólio, bem como a escolha dos/as participantes, os métodos de recolha e análise de dados e as conclusões obtidas com todo o trabalho de investigação.

3.1 Tipo de estudo

O meu exercício investigativo tem a seguinte questão problema: “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a igualdade de oportunidades e participação para todas as crianças”, e tem como objetivos:

- › Caracterizar como o processo de planificação das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola contemplam a igualdade de oportunidades e participação;
- › Identificar práticas (metodologias, recursos, formas de comunicação e relação...) promotoras de igualdade de oportunidades;
- › Relacionar a organização do ambiente educativo com práticas promotoras de igualdade de oportunidades e participação de todos/as os/as alunos/as;
- › Identificar formas de organização do ambiente educativo mais favorecedoras da igualdade de oportunidades e participação;
- › Caracterizar o papel dos/as docentes no combate à desigualdade dentro da sala e na escola (conhecer as conceções sobre o papel do/a docente no combate, enquanto profissional de educação).

O presente estudo tem um carácter qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen citados por Ludke e André (1986) são cinco as características que se destacam na pesquisa qualitativa, a saber:

1. O investigador deve ser o principal instrumento de recolha de informação, sendo neste caso notório que o investigador, eu, sou o principal instrumento de recolha de informação para o meu estudo, na medida em que realizei as práticas supervisionadas e delas adveio a motivação e experiência para a presente investigação;
2. Os dados recolhidos devem ser de carácter descritivo, na minha investigação os dados são bastante descritivos, utilizando transcrições de autores, entrevistas e relatos de experiências pessoais vivenciadas ao longo da realização do mestrado;
3. “A conceção do processo como mecanismo mais importante que o produto”, na medida em que o que realmente é relevante é estudar o porque dos acontecimentos e perceber como se pode ou não alterar o processo das coisas;

4. O investigador deve dar especial importância às perspetivas dos/as participantes e penso que se torna evidente que foi feito nesta investigação, uma vez que, tudo se processa em torno da análise dos resultados obtidos através de entrevistas às participantes;
5. A análise de dados deve seguir o método indutivo, baseando-se o meu estudo na análise de situações específicas.

Posso ainda acrescentar que nesta investigação as características acima referidas são respeitadas na medida em que o investigador está, efetivamente, no centro da recolha de informação, estando o mesmo no local de estudo e recolhendo diversas informações quer pela observação, registo fotográfico ou em vídeo, notas de campo...; os dados recolhidos são de caráter descritivo, fazendo diversas citações de diferentes autores e realizando entrevistas; o estudo da problemática é mais significativo que o resultado que dele advém, na medida em que é importante estudar o porquê do acontecimento e tentar perceber como pode mudar-se a situação e não é tão importante assim corroborar ou negar aquilo que está em estudo; o investigador teve sempre como principal foco perceber a perspetiva dos intervenientes do estudo, ouvindo as suas opiniões e aquilo que pensavam à cerca do mesmo; por fim este estudo contém a análise de todos os dados recolhidos.

Este estudo contou com a utilização do método investigação-ação, que segundo Tripp “é uma forma de investigação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (2005). Kurt Lewin foi o pioneiro na aplicação deste método, investigação-ação nos Estados Unidos, tentando provar que a ação consegue mais facilmente mudar atitudes humanas que o discurso (Fonseca, 2012, as cited in Esteves, 2009, p.19).

Ao longo dos anos, o ensino e a pesquisa, tal como a teoria e a prática têm vindo a criar caminhos distintos. Podem ser enunciados alguns motivos para essa distância, tais como:

- A falta de precisão das técnicas de pesquisa;
- A escolha pouco acertada dos problemas a pesquisar, pois, quem cria os alvos de pesquisa não são os/as mesmos/as indivíduos que trabalham na prática, portanto, esses problemas podem não ser aqueles que realmente precisam de ser investigados;
- Diferenças de pensamento entre professores/as e investigadores/as, pois, os/as cientistas caminham para um conhecimento universal e os/as professores/as para um conhecimento educacional válido na prática;
- A falta de valorização da relação entre os resultados da pesquisa e a prática educacional. (Latorre, 2005, p.8)

A proposta da existência de um corpo docente investigador traz algumas alterações ao processo educacional. Sendo investigadores os/as professores/as podem identificar quais os problemas ou dificuldades existentes na sua prática, investigá-los e após essa investigação fazer um período de reflexão para conseguirem, depois, propor intervenções na medida em que as mesmas deverão conduzir a soluções dos problemas identificados inicialmente ou aprimoramento das práticas educativas.

O/A professor/a que pesquisa tem de ser aquele/a que questiona, questiona o porquê das suas práticas serem de determinada forma, o porquê dos seus objetivos, das suas estratégias e dinâmicas em sala, o porquê da sua ação enquanto profissional de educação e, depois de se questionar, deverá fazer uma avaliação de todo o processo e dos seus resultados. (Latorre, 2005, p.12)

3.2 Participantes do estudo

A investigação contou com a participação de duas professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico, ambas docentes numa instituição pública; duas educadoras de infância, também, ambas numa instituição pública e ainda duas colegas de Licenciatura e Mestrado que o terminaram neste momento, tal como eu. Penso que este grupo de intervenientes é bastante pertinente pois permite-me comparar três realidades e contextos distintos, uma vez que existem pessoas com vinte anos de experiência e outras que irão iniciar agora o seu percurso na área da educação.

Duas intervenientes do meu estudo, duas professoras de 1º ciclo, foram também professoras cooperantes nas minhas práticas supervisionadas. As restantes intervenientes trabalham em diversos meios, alguns deles com bastantes problemáticas a nível da igualdade de oportunidades e participação e considero uma mais valia poder ter o seu testemunho.

Existem ainda, duas intervenientes que são recém-formadas no curso de educação básica tendo terminado o mestrado em 2020 e 2021, por esse motivo têm uma visão diferente dos acontecimentos e são um grande contributo para o meu estudo, uma vez que, a sua perceção sobre os factos difere bastante de um/a profissional de educação que exerce funções há vários anos.

Seguidamente, é apresentada uma tabela que sintetiza os dados das entrevistadas. Penso que será pertinente perceber a diferença de anos de serviço e idades entre todas e se esses fatores influenciam ou não as suas ideias sobre o tema em análise. É ainda interessante perceber o tipo de formação de cada interveniente. Apenas duas intervenientes tiveram o mesmo tipo de formação, sendo também elas as mais recentes a exercer esta profissão.

Tabela 1 - Organização de dados das entrevistadas

	Atividade Profissional	Formação Acadêmica	Anos de serviço
Entrevistado 1	Educadora de infância	Licenciatura em Educação de Infância	26 anos
Entrevistado 2	Educadora de Infância	Bacharelato em educação de infância, licenciatura em educação de adultos e animação comunitária e mestrado em supervisão pedagógica	30 anos
Entrevistado 3	Professora do 1º Ciclo do Ensino básico	Licenciatura em Educação Básica vertente de educação física	23 anos
Entrevistado 4	Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Curso de professores do 1º Ciclo	32 anos
Entrevistado 5	Educadora de Infância	Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico	1 ano
Entrevistado 6	Recém mestre em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico	Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico	0 anos

3.3 Procedimentos de recolha e análise de dados

Os instrumentos de recolha de dados foram escolhidos consoante o tipo de estudo realizado, assim sendo, foi utilizada a entrevista. “Na pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, faz-se necessário também compreender os passos de utilização dos principais métodos e/ou instrumentos de recolha dados que podem ser utilizados nas pesquisas educacionais, sendo os principais: a observação, a entrevista e a análise documental” (Glen & Wallace, 2018, pp.535-536).

Para realizar a recolha de dados a fim de investigar a questão problema estabelecida inicialmente, foi utilizada a entrevista semiestruturada, a observação de práticas no decorrer de todo o mestrado e também a reflexão sobre tudo o que foi observado.

A entrevista semiestruturada permite alguma liberdade tanto do entrevistado como do entrevistador. Existe um guião de entrevista, previamente elaborado, que conduz todo o decorrer da mesma funcionando como fio condutor para que nunca se perca o foco do essencial daquilo que está a ser falado, contudo, existe a possibilidade de surgirem novos temas e há abertura para que o entrevistado fale sobre algo que não consta no guião e o mesmo também acontece com o entrevistador, pode colocar questões que não estejam presentes no guião.

“A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenómeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc.” (Manzini, 2012, p.156). No presente estudo esse grupo específico consiste em profissionais de educação, no caso, educadoras de infância e professores de 1ºCEB. Este tipo de entrevista caracteriza-se por existir flexibilidade em relação à apresentação das questões, podendo o entrevistador realizar perguntas que não estavam inicialmente presentes no guião se assim considerar pertinente.

Como já foi referido anteriormente, para a recolha de dados deste estudo foi realizada uma entrevista semiestruturada aplicada a um conjunto de participantes sendo eles duas professoras de 1º CEB, duas educadoras de infância e duas recém-formadas na área de educação. Foi elaborado, previamente, um guião de entrevista que teve a função de ser fio condutor, contudo, tratando-se de uma entrevista semiestruturada existe a liberdade tanto da parte do entrevistado com o entrevistador para surgirem novos temas e novas questões ao longo do processo.

O guião de entrevista estruturava-se em dezasseis questões divididas por três blocos de questão, são eles:

- › Conhecer o entrevistado e o seu percurso profissional, este bloco de questões tem como objetivo conhecer um pouco o percurso académico do/a entrevistado/a bem como a sua experiência profissional;
- › Perceber quais as conceções sobre estratégias e metodologias que contemplam a igualdade de participação e oportunidades a todos/as os/as alunos/as, as questões deste bloco são direcionadas àquilo que o/a entrevistado/a pensa sobre a igualdade de participação e oportunidades e como pode ser posta em prática dentro da sala, quais são as metodologias que o favorecem/desfavorecem;
- › De que maneira elabora as suas planificações de acordo com a igualdade de participação e oportunidades, o último bloco de questões tem como objetivo saber quais os processos que o/a entrevistado/a utiliza nas suas planificações a fim de conseguir proporcionar igualdade de participação e oportunidades para todos/as.

Foi utilizado o mesmo guião de entrevista para todas as intervenientes do estudo. Sendo que, para as entrevistas a recém-formadas algumas questões não podiam ser respondidas pela sua experiência, apesar das intervenientes em causa terem a experiência das suas práticas supervisionadas realizadas aquando do decorrer do mestrado, mas sim pela perspectiva que têm das situações referidas e também por aquilo que pensam um dia fazer quando exercerem funções como profissionais de educação.

Os dados recolhidos foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin. Esta metodologia de análise de conteúdo tem por base a clarificação e categorização de conteúdo presente num texto transformando-o em palavras-chave, a fim de poderem ser comparados a outros elementos (Carlomagno & Rocha, 2016).

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas. (Carlomagno & Rocha, 2016 as cited in Janis, 1982)

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), apresenta três fases distintas. A primeira denomina-se pré-análise e o objetivo é que seja feita uma síntese das ideias e que sejam estabelecidos “indicadores de interpretação” dos dados recolhidos. Nesta fase devem ser lidos e organizados os documentos recolhidos, no caso do presente estudo: as entrevistas. Esta fase contempla diversos parâmetros:

- Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas;
- Escolha dos documentos a analisar;
- “Formulação de hipóteses e objetivos;”
- Definição de parâmetros de interpretação. (Fossá & Silva, 2015)

Em relação ao meu estudo, primeiramente, nesta fase de pré-análise procurei recolher informação pertinente sobre a minha questão problema, li e segreguei informação organizando-a da forma que me era mais conveniente. Investiguei diversos autores a fim de conseguir recolher diferentes crenças sobre o mesmo tema, li outras teses e dissertações de mestrado cujo tema se assemelhava ao meu e, ainda, procurei encontrar palavras-chave para conseguir mais facilmente selecionar informação.

A segunda fase intitulada como exploração do material “consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registo, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas.” (Fossá & Silva, 2015). Segundo Bardin (1977) a codificação é a transformação, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações obtidas através da investigação, representativas das características do conteúdo. É nesta fase que toda a informação recolhida através das entrevistas é selecionada de acordo com os parâmetros estabelecidos à priori transformando-a em unidades de registo. Da informação selecionada para as unidades de registo é retirada a categorização que são as palavras-chave das unidades de registo.

Sobre a segunda fase mencionada em cima o presente estudo foi desenvolvido de acordo com a mesma. Assim sendo, nesta fase e já com as entrevistas efetuadas e transcritas realizei uma leitura das mesmas retirando delas as informações consideradas mais pertinentes que iriam dar lugar às unidades de registo. Por fim, unidades de registo são agrupadas pelas suas semelhanças naquilo que é afirmado e são colocadas de acordo com esse parâmetro na correspondente categorização, como tal foram assim criadas as seguintes categorias: diferenças entre o setor público e o setor privado, metodologias favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades, barreiras e obstáculos à igualdade de participação e oportunidades, influência da organização do ambiente educativo na igualdade de participação e oportunidades, processos de planificação utilizados para que exista igualdade de participação e oportunidades, papel do profissional de educação no combate às desigualdades e práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades.

A terceira e última fase é chamada de interpretação e remete para o tratamento de resultados, é feita uma análise daquilo que foi colocado em cada categorização e unidade de

registo e são estabelecidos pontos em comum e postos discordantes entre as afirmações dos entrevistados. No meu trabalho realizei uma leitura de todo o quadro, percebendo quais os pontos em que as entrevistadas concordam e quais os pontos em que discordam. Confrontei todos os resultados de forma a conseguir perceber quais as ideias mais comuns.

Os resultados do presente estudo serão apresentados de acordo com a análise feita às entrevistas realizadas. Os mesmos serão ordenados em formato de tabela de forma mais organizada e esquemática para que seja de mais fácil consulta.

Foi elaborada uma tabela síntese para cada entrevista para que a informação se encontre mais organizada e mais acessível. Depois, foi elaborada uma tabela comparativa de todas as entrevistas, ou seja, uma tabela organizada por categorias, unidades de registo, frequência e unidades de contexto que permite comprar e agrupar todos os dados recolhidos através das entrevistas realizadas. Portanto, existem sete categorias, a saber: diferenças entre o setor público e o setor privado, metodologias favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades, barreiras e obstáculos à igualdade de participação e oportunidades, influência da organização do ambiente educativo na igualdade de participação e oportunidades, processos de planificação utilizados para que exista igualdade de participação e oportunidades, papel do profissional de educação no combate às desigualdades e práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades.

3. Apresentação e Análise de resultados

De seguida irão apresentar-se todos os resultados obtidos através deste estudo, bem como a sua análise.

Resultados das entrevistas às docentes

Tendo em conta a divisão dos blocos de entrevista proceder-se-á à apresentação e análise dos resultados das entrevistas.

3.1 Análise de resultados – educadoras de infância

Entrevistada 1

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a primeira interveniente é uma educadora de infância que sempre o quis ser profissionalmente. Exerce a sua profissão há 26 anos, tendo ingressado pela área de humanísticas no secundário e, posteriormente, em educação pré-escolar na faculdade. Em relação ao seu percurso profissional, trabalhou em primeiro lugar numa IPSS, seguidamente exerceu funções numa instituição privada durante 15 anos e, por fim, trabalhou numa instituição pública que é onde se mantém até aos dias de hoje. Em relação à questão que aborda as diferenças entre o setor público e o privado, tendo a entrevistada já vivenciado os

dois mundos respondeu que sim, efetivamente sente existem diferenças, uma vez que, no setor privado não existia controlo da parte pedagógica, existia sim uma grande preocupação em que tudo parecesse bem aos olhos de quem o via, festas de final de ano e festas de Natal, por exemplo, eram um exemplo disso. Era dada mais importância a estas festas porque iam ser vistas por dezenas de pessoas que ao desenvolvimento das crianças.

Em relação ao segundo bloco de questões, a entrevistada começa por afirmar que é importante que exista igualdade de oportunidades, pois, é fundamental para a realização pessoal do/a educador/a e para que o seu trabalho faça sentido. Refere que as metodologias que favorecem a existência da igualdade de oportunidades e participação são a metodologia de trabalho de projeto e o movimento da escola moderna.

No que diz respeito às barreiras e dificuldades que encontra ao tentar proporcionar uma igualdade de oportunidades e participação para todos/as a entrevistada menciona o número de crianças por sala, o envolvimento em projetos externos à sala e muitas vezes externos à própria escola o que limita o tempo que a educadora tem para pôr em prática dinâmicas com o grupo. Já nos facilitadores da igualdade de oportunidades e participação a entrevistada refere o facto da liberdade que as educadoras têm para a elaboração dos seus projetos pedagógicos. Por outro lado, na perspetiva do/a aluno/a as dificuldades sentidas são a falta de apoio que as crianças têm em casa, a desvalorização da escola e do que lá é feito e a falta de capacidade económica das famílias.

Em relação à influência do ambiente educativo na igualdade de oportunidades e participação a entrevistada defende que o papel da escola é fornecer a todas as crianças a mesma oportunidade de contacto com os materiais, ou seja, na escola todos devem ter acesso aos mesmos recursos, pois há crianças que em casa não têm essa possibilidade. Desta forma conseguem atenuar-se as diferenças experienciais que existem entre todas as crianças.

Como profissional de educação pensa que a sua função é conhecer bem cada uma das crianças com quem trabalha para que seja possível realizar um trabalho individualizado com cada uma de forma a conseguir criar dinâmicas favorecedoras de igualdade de oportunidades e participação para todos/as.

Passando agora para a análise do último bloco de questões, em relação aos processos utilizados na planificação das suas práticas a entrevistada diz que tenta sempre adaptar as ideias das crianças às suas práticas, tenta também gerir o tempo pensando se todas as crianças irão conseguir usufruir da experiência com qualidade, pois defende também que quantidade não é qualidade, portanto, não é preciso fazer-se muita coisa para mostrar trabalho é sim importante criar oportunidades de experiência para as crianças e que essa experiência seja vivida com qualidade para todos/as. Faz ainda reflexões e avaliações diárias

que permitem à educadora ficar a saber a perceção que as crianças têm sobre as dinâmicas realizadas e ir sempre adaptando o trabalho consoante aquilo que as mesmas dizem e sugerem.

Dentro da sua sala tenta ter em consideração a opinião de todas as crianças ouvindo-as sempre e valorizando aquilo que dizem. Utiliza as suas planificações como fio condutor das suas práticas, contudo, não as utiliza como uma regra podendo a planificação diária ser alterada consoante o decorrer das práticas e a reação das crianças às mesmas. Esta adaptação é feita consoante as necessidades de todos/as de maneira que seja o mais proveitoso possível para o grupo.

À questão sobre as metodologias, formas de comunicação e relação que a docente utiliza nas suas práticas a entrevistada diz que utiliza quadros onde as crianças podem escrever as suas sugestões e os temas que lhes despertam interesse, o objetivo é fazer uma recolha dessas ideias do grupo para que a educadora consiga depois projetá-las em todas as suas práticas. São ainda utilizadas listas nas diferentes áreas da sala para que a educadora consiga perceber onde cada criança passa mais tempo e qual é a área preferida de cada uma.

Em relação aos obstáculos encontrados ao tentar incluir todos na sua prática afirma que o grande obstáculo é o elevado número de crianças por sala o que é um impedimento à realização de um trabalho individualizado com cada uma.

Por fim, na última questão do terceiro bloco a entrevistada diz que faz um esforço por conseguir dar a mesma atenção diária a todas as crianças da sua sala para que seja possível ir ao encontro das necessidades de cada uma delas em específico.

Entrevistada 2

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a segunda interveniente é uma educadora de infância que escolheu esta profissão pois pareceu-lhe a escolha mais acertada de acordo com as suas convicções de vida. Começou por fazer bacharelato em educação de infância, posteriormente fez a licenciatura em educação de adultos e, por fim, fez o mestrado em supervisão pedagógica. É profissional de educação há 30 anos e, até hoje, trabalhou em duas IPSS, sendo que na primeira trabalhou durante três meses e na segunda exerce funções até hoje.

Em relação ao setor público e privado afirma que existem diferenças entre os dois nomeadamente as diferenças económicas e sociais das famílias e o apoio que as mesmas dão às crianças em ambiente familiar.

Passando para o segundo bloco de questões, a entrevistada afirma que a igualdade de oportunidades consta dos direitos de todos e deve ser tida em consideração como tal,

estando presente em toda e qualquer prática pedagógica independentemente do grau de ensino. Assim sendo, na sua opinião, as metodologias que favorecem esta igualdade de participação e oportunidades são dar a cada criança liberdade para escolher, fazendo-as parte integrante da sua própria educação.

No que diz respeito às barreiras e dificuldades sentidas pela docente ao tentar proporcionar igualdade de oportunidades e participação a mesma afirma que não sente que existam barreiras nesse sentido, conseguindo incluir todos nas suas práticas. Quando a entrevistada foi questionada em relação às condicionantes na perspetiva do aluno, a sua resposta seguiu o mesmo sentido da anterior, afirmando que não sente que existam condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciem a igualdade de oportunidades e participação.

À questão relacionada com o ambiente educativo e como este contribui ou não para a igualdade de oportunidades e participação a entrevistada defende que o ambiente educativo deve ser pensado para cada criança em particular e para o grupo de forma que seja um facilitador das aprendizagens e do desenvolvimento de todos por igual.

Na última questão pertencente ao segundo bloco de questões pensa que o seu papel enquanto profissional de educação, face ao combate às desigualdades de participação e oportunidades passa muito por conhecer as crianças bem como as suas famílias, saber a realidade de cada um fora da sala para que, assim, seja possível apoiar cada uma delas naquilo que mais necessita.

Analisando agora o último bloco de questões a entrevistada afirma que em relação aos processos utilizados na planificação das suas práticas tenta sempre planificar com intencionalidade educativa sendo que nesse momento pensa em todas as crianças, a fim de conseguir planificar de acordo com as especificidades de cada uma. Dentro da sua sala tenta respeitar todas as crianças, todos os ritmos diferentes e todas as características diversas de cada uma, observa constantemente o grupo e as suas interações e faz ainda reflexões sobre as suas práticas de modo a conseguir sempre melhorar e proporcionar o melhor para cada uma.

A entrevistada respondeu que fomentar a participação ativa de cada criança nas tomadas de decisão importantes e do dia a dia, fazendo cada uma delas sentir-se um agente ativo da sua educação é uma boa metodologia, forma de relação e comunicação para proporcionar igualdade de oportunidades e participação para todos/as dentro da sala.

Sobre os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática afirma que mostrar-se sempre disponível para cada criança e para a sua família é uma boa

estratégia de colmatar estes obstáculos, porque permite conhecer melhor a criança e o mundo que a rodeia e, assim, ir mais facilmente ao encontro das suas necessidades.

Por fim, na última questão do último bloco da entrevista, a docente afirma que escutar todas as crianças e tudo aquilo que têm para dizer, valorizando toda a informação que transmitem quer por palavras ou ações, tentar compreender o porquê das suas ações, incentivar a livre escolha, o debate, a participação em tomadas de decisão, em ações solidárias e cívicas, fomentar a entreaajuda e a cooperação entre todos/as são fatores importantes para que exista igualdade de oportunidades e participação.

4.2 Análise de resultados – professoras de 1º CEB

Entrevistado 3

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a terceira entrevistada é uma professora do 1º CEB, fez a sua licenciatura na área da educação, vertente de desporto. Os primeiros cinco anos de trabalho foram na vertente de desporto que é a sua preferencial, os 18 anos seguintes exerceu funções como professora do 1º CEB, sendo então professora há 23 anos. Nunca trabalhou no setor privado, contudo, pensa que existem algumas discrepâncias entre este e o público, uma vez que, na sua opinião, só ingressa numa escola privada quem tem possibilidades económicas para tal, sendo essas famílias, por regra, as com maior grau de escolaridade e, por isso, as crianças no seu seio têm mais apoio em relação à escola porque lhe é dada uma maior valorização.

Pensa que é importante existir igualdade de oportunidades nas escolas porque é preciso apoiar os/as alunos/as que não têm tanto suporte em casa, fazendo um trabalho mais individualizado com cada um/a e, para que se consiga igualdade de oportunidades e participação para todos/as é preciso utilizar algumas metodologias como o ensino individualizado, a diferenciação pedagógica, o trabalho colaborativo entre os/as alunos/as, a utilização de materiais disponíveis na escola para que todos/as os/as alunos/as consigam ter acesso a todos os materiais e não existir diferenças entre os/as alunos/as que os podem comprar e os/as que não podem. Em relação ao ambiente educativo, a docente pensa ser importante a existência de um ambiente onde exista formação pessoal e social para que haja respeito entre todos/as os/as alunos/as, um ambiente bem planificado e organizado.

No que diz respeito ao seu papel enquanto profissional de educação a entrevistada pensa ter um papel fundamental, uma vez que, é o/a professor/a que estabelece a relação entre a escola e a família e é também ele/a que passa mais tempo com os/as alunos/as, o/a professor/a passa mais tempo com os/as alunos/as que a própria família, portanto, ele/a conhece todos/as muito bem conseguindo perceber quais as potencialidades de cada um/a e, assim, é-lhe mais fácil proporcionar uma igualdade de oportunidades e participação para

todos/as. É também o/a professor/a que deve desencadear vários alertas, como por exemplo, para terapias, apoios, possíveis problemas em casa...

Em relação ao último bloco de questões a docente afirma que quando planifica as suas práticas tenta sempre pensar em todos os/as alunos/as que tem em sala, utiliza a diferenciação pedagógica na elaboração de fichas de trabalho, utiliza metodologias de valorização das aprendizagens, no sentido em que tentar perceber aquilo em que cada aluno/a tem mais capacidade e tenta potencializar essas capacidades em vez de focar-se apenas nas suas fragilidades. A diferenciação também é utilizada nos momentos de avaliação, pois a docente diz que tenta utilizar diferentes métodos e parâmetros de avaliação adequando-os a cada aluno/a em específico.

Dentro da sua sala a docente afirma que tenta potencializar as capacidades de cada um/a, utilizar recursos variados e ter sempre auxílio de um/a outro/a docente a fim de conseguir apoiar individualmente cada aluno/a. As metodologias, formas de comunicação e relação que pratica para que haja igualdade de oportunidades e participação para todos/as são a diferenciação pedagógica, o trabalho em grupo, sendo que a docente agrupa os/as alunos/as tendo em consideração as suas dificuldades, para que os/as alunos/as com mais facilidade auxiliem aqueles com mais dificuldade. Em relação às formas de comunicação a docente tenta sempre utilizar uma linguagem cuidada e correta, contudo, adequada à sua faixa etária e ao seu desenvolvimento.

No que diz respeito aos obstáculos e dificuldades que sente ao tentar incluir todos/as na sua prática considera que os/as alunos/as têm muita falta de atenção, têm muita dificuldade em cumprir regras e em respeitar o outro. Afirma que existem muitos problemas de comportamento entre todos/as os/as alunos/as e é bastante difícil para os/as docentes conseguirem gerir a turma.

Por fim, em relação aos exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de oportunidades e participação que o/a docente pode adotar, a entrevistada pensa que as atividades práticas são uma mais-valia para a aprendizagem ativa e também favorecem a igualdade entre e para todos/as.

Entrevistado 4

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a quarta entrevistada é uma professora do 1º CEB, ingressou na Escola Superior de Educação depois da sua formação ter sido feita na área do secretariado, surgiu a oportunidade de ingressar na ESE e assim fez. É professora há 32 anos, lecionou na área das Práticas de Secretariado nos 7º, 8º e 9º anos durante três e anos e, depois, concorreu ao concurso nacional de professoras do 1ºCEB onde dá aulas até hoje. Nunca lecionou no setor privado, contudo, pensa que existem diferenças entre este e o público, sendo que, no

setor privado o número de alunos/as por turma é inferior e o nível socioeconómico das famílias é superior.

Em relação ao segundo bloco de questões, a docente pensa ser importante que haja uma igualdade de oportunidades e participação para todos/as, pois assim iriam ver-se melhorias nas aprendizagens. As metodologias que podem favorecer esta igualdade poderão ser, por exemplo, a disponibilização por parte da escola de materiais para que todos/as estejam em pé de igualdade. No que toca às barreiras para conseguir proporcionar igualdade para todos/as a docente afirma que são necessários mais recursos tanto físicos como humanos, que existem muitas burocracias que os/as professores/as têm para além das suas funções em sala de aula e também o facto dos programas serem bastante extensos, não permite aos/as professores/as fazerem um trabalho individualizado com os/as alunos/as nem apoiar aqueles que têm mais dificuldades.

Algumas das condicionantes, na perspetiva do/a aluno/a, que influenciam a igualdade de oportunidades e participação mencionadas pela entrevistada são, por exemplo, o lugar onde o/a aluno/a está sentado na sala, porque se este/a não conseguir concentrar-se, por exemplo, ou tiver dificuldade de visão ou audição não poderá estar sentado/a no fundo da sala, o tipo de materiais e trabalhos que são pedidos, no caso do/a docente pedir um trabalho que exija a utilização do computador só o poderão realizar aqueles/as que tiverem um computador em casa, o mesmo acontece com o acesso à internet ou com os materiais exigidos pelos/as professores/as. O ambiente educativo é, também, um fator importante que deve estar organizado de maneira que todos/as tenham acesso ao que é transmitido na aula, o que remete para a situação do lugar onde estão sentados na sala, por exemplo. A entrevistada defende que o seu papel, enquanto profissional de educação é de ser facilitador de aprendizagens e que para isso deverá identificar as dificuldades e fragilidades de cada aluno/a em particular e organizar, uma vez mais, o ambiente educativo no sentido de as colmatar.

Em relação ao último bloco de questões a entrevistada afirma que os processos que utiliza nas suas planificações para garantir a igualdade de oportunidades e participação são, aquando de a planificação, tentar perspetivar as dinâmicas indo ao encontro de todas as particularidades dos/as alunos/as, planificando atividades que todos/as consigam realizar para que ninguém se sinta inferiorizado. Na sua sala tenta respeitar todos/as os/as alunos/as respeitando as características de cada um/a e tenta também que todos/as se respeitem uns aos outros com as suas diferenças.

A docente pensa que em relação às metodologias, recursos e formas de comunicação e relação utilizadas na sala de aula para que haja igualdade de oportunidades e participação, é importante encontrar e desenvolver estratégias que incluam todas as particularidades

dos/as alunos/as para executarem as tarefas de acordo com os seus diferentes ritmos de trabalho e adaptar as fichas de trabalho e avaliação ao perfil individual de cada um/a. Quando questionada sobre quais os obstáculos e dificuldades encontrados ao incluir todos/as na sua prática a docente respondeu que não sente que existam obstáculos nesta inclusão. Por fim, no que às práticas favorecedoras de igualdade de oportunidades e participação diz respeito, a entrevistada enuncia que tenta sempre adaptar a transmissão de um conteúdo de acordo com o público-alvo, uma vez que, o discurso tem de ser sempre adaptado a cada um/a, porque nem todos/as os/as alunos/as compreendem e percebem as mensagens que lhe são transmitidas da mesma forma.

4.3 Análise de resultados - recém-formadas

Entrevistado 5

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a quinta entrevistada é uma recém-formada. Realizou a licenciatura em Educação Básica e, posteriormente, o mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Ainda não tem muita experiência profissional, contudo, já foi professora de prolongamento durante um mês e tem também a experiência dos estágios que realizou ao longo da licenciatura e mestrado. Enquanto estagiária sente que não existem diferenças entre o setor público e o setor privado.

No que diz respeito ao segundo bloco de questões a entrevistada afirma que a igualdade de oportunidades e participação é importante, pois têm de ser proporcionadas às crianças as mesmas oportunidades para que todas consigam ter sucesso escolar, sendo que esse sucesso não pode ser condicionado pela falta de capacidades de uma criança/aluno/a, sejam elas capacidades cognitivas, financeiras, más condições familiares...

Algumas das barreiras que a entrevistada enuncia são: o elevado número de alunos/as por sala e os recursos serem concebidos para um grande grupo e não para cada criança/aluno/a em particular, esta situação leva a que os recursos sejam feitos e pensados para aquilo que a maioria gosta e consegue fazer o que não é adequado, uma vez que, todas as crianças e alunos/as devem ser ouvidos/as e os seus interesses, capacidades e fragilidades devem ser tidos em consideração. Já na perspetiva do/a aluno/a pensa que muitas vezes este pode não se sentir parte integrante do grupo e, por isso, recusar-se a integrar as dinâmicas.

Em relação ao ambiente educativo pensa que devem tentar proporcionar-se ao grupo as mesmas oportunidades e, para isso, é preciso fornecer os mesmos materiais a todos/as, as escolas que utilizem materiais da natureza e que os trabalhem conseguem mais facilmente proporcionar uma igualdade de oportunidades e participação para todas as crianças e

alunos/as. A entrevistada defende que como profissional de educação o seu papel é dar liberdade e confiança a todas as crianças e alunos/as para que os mesmos consigam partilhar os seus sentimentos com o grupo e refletir sobre eles e, pensa ainda que assim todos irão, mais facilmente, sentir-se integrados/as.

Nas questões pertencentes ao último bloco da entrevista em relação à planificação das práticas afirma que tentou sempre pensar em todas as crianças no momento de planificar, pensando se todas conseguem integrar determinada dinâmica e arranjando estratégias alternativas para as crianças que têm algum tipo de condicionante. Pensa que é fundamental que todas as crianças e alunos/as façam parte de momentos importantes na sala, como por exemplo, a decisão de questões pertinentes. Ouvir o que têm a dizer e não fazer apenas aquilo que o/a educador/a ou professor/a pensa ser melhor para o grupo.

À questão sobre quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza para promover a igualdade de oportunidades e participação a entrevistada afirma que é muito importante encontrar estratégias para cada criança individualmente e que não pode existir um modelo único que se utilize com todos os grupos com que se trabalha. Pensa ainda que um dos obstáculos e dificuldade que poderá existir é o facto da criança/aluno/a não querer participar nas dinâmicas propostas pelo/a adulto/a.

Por fim, em relação a alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de oportunidades e participação que podem ser adotadas pelo/a docente, enuncia que considera importante incluir o grupo em todas as tomadas de decisão, ouvir aquilo que todos/as têm para dizer e abordar em sala questões sobre a igualdade de oportunidades para, assim, conseguir ouvir o que as crianças e alunos/as têm a dizer sobre este assunto.

Entrevistado 6

Considerando as questões presentes no guião de entrevista realizado a todas as intervenientes deste estudo, a sexta entrevistada é uma educadora de infância recém-formada na área de educação básica. Realizou a Licenciatura em Educação Básica na ESE e, posteriormente, o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico também na mesma instituição. Já trabalhou como professora explicadora aquando da realização do mestrado e depois do seu término está no seu segundo ano de trabalho como educadora. Trabalha neste momento numa instituição privada e anteriormente trabalhou numa IPSS e sente que no privado existem mais crianças por sala e menos adultos.

Pensa que é importante que exista igualdade de oportunidades, porque, nenhuma criança pode ser dada como um caso perdido à partida, todas devem ter acesso às mesmas coisas, independentemente das suas capacidades cognitivas, condição financeira, meio envolvente onde vivem e crescem...

Em relação às metodologias utilizadas que podem ser favorecedoras de igualdade de oportunidades e participação a entrevistada trabalha com a metodologia de trabalho de projeto que consiste em ouvir todas as crianças e trabalhar no sentido de ir ao encontro dos seus interesses. Uma das grandes barreiras que considera existir e que condiciona essa igualdade de oportunidades e participação é o preconceito que muitas vezes existe por parte de professores/as e educadores/as sobre as crianças, aquelas crianças que se sabe à partida que vêm de uma família mais destruturada, com um meio envolvente mais problemático, a própria postura da criança em relação à instituição que frequenta é uma postura de desprezo e com nenhuma valorização por parte da mesma e da sua família... nestes casos a entrevistada pensa que existem docentes que consideram aquela criança/aluno/a como um caso perdido e que não investem nele e isto na sua opinião não pode acontecer pois todas as crianças têm de ser tratadas de igual forma para que todas possam ter as mesmas oportunidades de sucesso escolar. Já no ponto de vista do/a aluno/a a entrevistada pensa que algumas das condicionantes que influenciam a igualdade de oportunidades e participação são a falta de recursos humanos, o elevado número de crianças por sala e o baixo número de adultos por sala.

À questão de que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade de oportunidades e participação a entrevistada afirma que a utilização de recursos tecnológicos impossibilita muitas vezes alguns alunos/as de realizarem o que é solicitado. Na pandemia, por exemplo, foi notório a falta de meios de grande parte dos/as alunos/as para assistirem às aulas. Pensa que num modelo pedagógico que trabalhe com a natureza o com o que esta lhe fornece é mais fácil conseguir proporcionar uma igualdade de oportunidades para todos/as, pois os recursos que são utilizados estão à disposição de qualquer um/a. Enquanto profissional de educação, a educadora pensa que o seu papel é ouvir sempre todas as crianças e aquilo que as mesmas têm para lhe dizer, tentar adaptar-se a cada uma para conseguir que todas, à sua maneira, consigam alcançar o desenvolvimento, a autonomia e a integração no grupo. Mesmo que alcancem estas metas com estratégias e tempos diferentes cabe ao/à educador/a proporcionar-lhes isso igualmente a todos/as.

Por fim, nas questões pertencentes ao último bloco, em relação aos processos que utiliza nas suas planificações a entrevistada afirma que tenta sempre colocar em prática aquilo que ouve por parte das crianças, tenta ouvi-las sempre e perceber quais são os seus interesses e, depois disso, tem um momento de reflexão em que tenta planificar de acordo com tudo o que lhe foi dito tentando assim ir ao encontro dos interesses e gostos de cada uma e de todas em simultâneo. Sobre quais as metodologias, formas de comunicação e relação que promove na sua sala para que haja igualdade de oportunidade e participação para todos a educadora refere, uma vez mais, que é muito importante adaptar estratégias, para

que todas as crianças consigam perceber a sua mensagem, adaptar o discurso tantas vezes quanto necessário até que todas compreendam o que é dito.

A entrevistada refere que os obstáculos que sente ao incluir todos/as na sua prática são a realização de atividades em grande grupo, pois, existe falta de recursos humanos. Por último, à questão relacionada com os exemplos de práticas favorecedoras à igualdade de oportunidades e participação refere que é fundamental escutar todas as crianças, perceber as suas especificidades, perceber as suas potencialidades e fragilidades para que assim seja possível criar dinâmicas em sala favoráveis à participação de todos.

Síntese comparativa dos resultados

Serão apresentadas as comparações entre todos os dados recolhidos nas entrevistas. Em primeiro lugar, irei confrontar os resultados obtidos entre o mesmo nível de ensino, ou seja, irei confrontar cada par isoladamente, nomeadamente, as entrevistas realizadas às educadoras, às professoras e às recém-formadas. Depois desta análise inicial irei analisar as seis entrevistas no seu todo e utilizarei todas de maneira a conseguir criar elos de ligação comuns e também pontos dispares.

Esta análise será realizada de acordo com o método de Bardin, como já foi referido ao longo deste portefólio. Como tal, foram criadas sete categorias, cada uma delas dividida em unidades de registo que permitem a análise e compreensão dos resultados.

Atendendo à primeira categoria de questões e tendo em consideração as unidades de registo criadas para a análise dos dados recolhidos pode afirmar-se que em relação às diferenças existentes entre o setor público e o setor privado cinco dos seis participantes afirmam que sentem que existem diferenças entre os dois setores, sendo a entrevistada 6 a única a referir que para si não existirem diferenças, contudo, não descarta esta hipótese, porque esta opinião pode ser derivada do facto de não ter uma experiência profissional muito alargada. Posto isto, duas entrevistadas afirmam que sentem que uma das diferenças é o cumprimento dos prazos e objetivos, sendo que, existe mais exigência no setor privado, sendo que quem defende esta opinião são duas educadoras de infância. Duas entrevistadas, sendo elas uma educadora de infância e uma professora de 1º CEB, mostrando que existem opiniões concordantes em diferentes valências, ambas defendem que o nível socio económico das famílias que frequentam as instituições é dispare, pois, no setor privado as famílias têm mais capacidade económica que no setor público, nas suas opiniões isto reflete-se no acompanhamento que é feito a cada criança e aluno/a e no apoio que lhe é ou não dado em casa, o que para a entrevistada três é reflexo de outra diferença mencionada apenas pela mesma: a valorização da escola que também difere nos dois setores, para si no setor público não existe uma valorização tão acentuada daquilo que é a escola, já no setor privado, devido

ao nível socio económico das famílias que conduz, muitas vezes, a uma escolarização mais elevada existe, portanto, uma maior valorização da escola como alicerce fundamental no desenvolvimento de uma criança. Por fim, existem duas unidades de registo apenas com frequência de um, sendo elas número de crianças/alunos/as por sala e recursos humanos, ambos os aspetos foram mencionados apenas pela entrevistada cinco, sendo esta entrevistada educadora de infância há um ano e tendo experienciado pouco tempo em casa uma das instituições (pública e privada).

Passando agora para a análise da segunda categoria que faz referência às metodologias favorecedoras da igualdade de oportunidades e participação, começando pelas unidades de registo que obtiveram frequência de um, sendo elas o trabalho individualizado e a diferenciação pedagógica, ambos mencionados pela entrevistada três, professora do 1º CEB. Nas unidades de registo liberdade de decisão, trabalho de projeto e trabalho cooperativo existe uma frequência de dois, ou seja, duas das docentes entrevistadas estão de acordo pensando que estas são boas metodologias para a igualdade de participação e oportunidades. A entrevistada dois, educadora de infância, e a entrevistada seis, recém-formada na área de educação básica, concordam, no sentido em que pensam ambas que deve ser dada a cada criança a liberdade de escolher sobre diversos aspetos fraturantes das dinâmicas em sala, este aspeto é bastante pertinente na medida em que com uma diferença tão grande de idades e de experiência ambas têm a mesma opinião em relação a uma metodologia a adotar para proporcionar igualdade de oportunidades e participação. Existem duas entrevistadas que utilizam a metodologia de trabalho de projeto e estão de acordo sobre esta ser uma boa metodologia para que seja possível proporcionar igualdade de oportunidades e participação para todos/as. Uma vez mais pode ser evidenciada a diferença de idades e experiência profissional entre duas docentes que estão de acordo sobre a metodologia de trabalho de projeto ser uma boa estratégia para conseguir igualdade para todos/as, tal como mencionam os autores Gonçalves e Rangel citados na revisão de leitura do presente portefólio.

A unidade de registo anterior impulsiona para uma outra, interesses das crianças/alunos/as, uma vez que, a metodologia de trabalho de projeto se baseia em escutar muito as crianças percebendo quais os seus gostos, interesses e aquilo que mais as fascina. Esta última unidade de registo é referida por três participantes que afirmam que é fundamental perceber os interesses de cada criança para conseguir proporcionar igualdade de oportunidades e participação para todos/as, conhecendo cada criança/aluno/a individualmente é possível fazer um trabalho muito mais direcionado para cada um/a não deixando de, ainda assim, ser direcionado para todo o grupo em simultâneo. As participantes mencionadas neste são duas educadoras de infância e uma recém-formada na área de educação básica. Gostava de referir ainda outro aspeto que não se encontra contemplado na

tabela de análise de resultados, mas, ainda assim, penso que seja pertinente, a entrevistada quatro (professora de 1ºCEB) afirma que a escola deve fornecer a todos/as os/as alunos/as recursos físicos, humanos e materiais para que todos/as estejam em pé de igualdade em relação à educação. Refere ainda que estes recursos podem ser, por exemplo, “currículos alternativos e adaptados aos alunos”.

Na terceira categoria, “barreiras e obstáculos à igualdade de participação e oportunidades”, foram criadas seis unidades de registo, começando por aquela que foi mencionada apenas por uma recém-formada, entrevistada cinco, “preconceito sobre a criança”, a mesma afirma que muitas são as vezes que as crianças são vistas como um caso perdido quando entram na escola e que os/as educadores/as ou professores/as perdem o interesse ou vontade de incentivar aquela criança/aluno/a pois pensam que não irá existir nenhuma progressão tanto a nível de desenvolvimento como de interesse e motivação. Indo ao encontro das ideias desta entrevistada existe Seabra (2009), mencionado na revisão de leitura deste trabalho que afirma que as condições sociais dos progenitores, a etnia de cada criança e da sua família, o meio envolvente onde vivem e crescem são fatores que influenciam a igualdade de oportunidades para cada um/a.

Passando para outra unidade de registo que também foi mencionada apenas por uma docente, entrevistada 4, professora de 1ºCEB “trabalhos com recurso a tecnologias”, a mesma afirma que este pode ser um obstáculo para que haja igualdade para todos/as, uma vez que, nem todos/as os/as alunos/as têm acesso a tecnologias em casa e, por esse motivo, podem não conseguir realizar as propostas solicitadas pelo/a docente. Falando agora aquele que foi mencionado como um obstáculo por duas docentes, sendo elas duas professoras de 1ºCEB, a “falta de recursos humanos”, foi apontada por ambas como sendo uma condicionante à igualdade de oportunidades e participação para todos/as, uma vez que, não é possível realizar um trabalho individualizado com as crianças/alunos/as existindo apenas um adulto por sala. Para Crahay (2007) o trabalho do profissional de educação é tanto mais difícil quanto mais heterogéneo for o grupo, porque existem níveis de desenvolvimento, ritmos de aprendizagem e até experiências sociais muito distintas, portanto falta de recursos humanos de que as docentes falam é um ponto fundamental, uma vez que, os grupos são bastante heterogéneos e compostos por crianças e alunos/as muito diferentes é importante que existam mais recursos humanos para que seja possível acompanhar todos/as os/as presentes em sala.

Sobre a unidade de registo “desvalorização da escola” foi mencionada por uma professora de 1ºCEB e por duas recém-formadas como um obstáculo à igualdade de oportunidades e participação, sendo que, consideram que as crianças e alunos/as precisam que haja um acompanhamento, em casa, daquilo que é feito na escola, ou seja, tem de existir uma ligação entre escola e casa para que as crianças e alunos/as se sintam motivados/as e

sintam que há interesse naquilo que fazem, isto só se consegue se existir uma valorização da escola e do que nela é feito por parte de cada família. Uma vez mais, esta questão vai ao encontro das ideias de um autor já mencionado anteriormente, Seabra. Que defende que o meio social onde reside uma criança e a sua família é um fator que impede a igualdade de oportunidades e participação.

Por outro lado, existem duas entrevistadas que consideram que uma barreira à igualdade de oportunidades e participação é o nível socio económico das famílias, as entrevistadas três e seis consideram que este fator e o anterior acima mencionado se encontram intimamente ligados, uma vez que, afirmam que as famílias com mais capacidade económica são aquelas que têm graus de escolaridade mais elevados e, consequentemente, aquelas que irão apoiar mais as crianças e alunos/as valorizando todo o trabalho realizado nos jardins de infância e nas escolas.

Por fim, na última unidade de registo referente à terceira categoria de análise de conteúdo, cinco dos seis participantes estão de acordo, portanto, profissionais de todas as valências afirmam que o elevado número de crianças e alunos/as por sala dificulta que seja possível proporcionar igualdade de oportunidades e participação para todos/as. Juntamente com a falta de recursos humanos que já foi mencionada anteriormente, as docentes afirmam que sentem muita dificuldade no sentido de apoiar e conseguir chegar a todas as crianças/alunos/as, sentem que não existe um acompanhamento individualizado porque é impossível fazê-lo, que é necessário que existam mais terapeutas, professores/as de apoio e psicólogos/as para que seja possível proporcionar a todos/as igualdade de oportunidades e participação. Por outro lado, com uma opinião completamente oposta existe a entrevistada dois, educadora de infância e que afirma não sentir qualquer dificuldade em integrar todos/as nas suas práticas, pensa que atualmente a escola consegue proporcionar a todas as crianças/alunos/as as mesmas oportunidades.

Analisando agora a quarta categoria sobre a influência do ambiente educativo na igualdade de oportunidades e participação, foram criadas duas unidades de registo cada uma delas com frequência 2. Existem duas docentes que consideram que o ambiente educativo deve estar direccionado no sentido de fornecer a todos “contacto com diversos materiais e recursos” para aqueles/as que não conseguem ter essa oportunidade junto das suas famílias conseguirem tê-la na escola e, assim, todos/as terem a mesma oportunidade de vivenciar experiências diversificadas ao longo da vida. Noutra perspetiva, mas indo ao encontro da mesma linha de pensamento duas docentes pensam que o ambiente educativo tem de ser um “facilitador de aprendizagens e desenvolvimento”, promovendo, lá está, o desenvolvimento e aprendizagem de todos/as de igual forma fornecendo diversos materiais e experiências a todos/as. Ainda dentro desta questão, mas numa outra perspetiva a

entrevistada quatro menciona que dentro da sala de aula devem ser tidos em consideração os lugares onde cada aluno está posicionado para que não fique em desvantagem em relação a outro colega.

Na quinta categoria intitulada de “processos de planificação utilizados para que exista igualdade de participação e oportunidades” foram criadas três unidades de registo. Começando por aquela que tem menor frequência tendo sido mencionada apenas por uma das participantes: “gestão do tempo”, esta unidade de registo foi referida pela entrevistada um que afirmou ser importante fazer uma boa gestão do tempo pensando se todos os elementos do grupo vão conseguir usufruir com qualidade da dinâmica. Na unidade de registo “planificar de acordo com os interesses do grupo” existe uma frequência de três, portanto, este aspeto foi referido por três participantes como sendo importante para que exista igualdade de oportunidades e participação, a entrevistada um, educadora de infância, afirma que tenta sempre planificar de acordo com os interesses do grupo, tal como a entrevistada dois, também ela educadora de infância, que afirma tentar sempre escutar as crianças e tudo o que elas têm para dizer para, assim, conseguir compreender os seus interesses e necessidades. Concordando com o que foi mencionado anteriormente existe a entrevistada cinco, recém-formada que também afirma ser fundamental ouvir as ideias, gostos, interesses e curiosidades de todos/as para conseguir proporcionar igualdade de oportunidades e participação a todos/as. Tal como é referido no presente portefólio por Pinharanda (2009) “[...] uma única abordagem não funciona para todos os alunos.”

Como última unidade de registo desta categoria está a “diferenciação pedagógica” que foi referida por quatro docentes como sendo um processo de planificação favorável à igualdade, ou seja, todos/as mencionam que é fundamental que exista uma adaptação do adulto às necessidades de cada criança/aluno/a para que assim consigam proporcionar a cada um/a aquilo que ele/a necessita e só assim será possível que todos/as tenham a mesma igualdade de oportunidades e participação.

A penúltima categoria intitulada de “papel do profissional de educação no combate às desigualdades” é constituída por quatro unidades de registo. Começado por aquela que tem maior frequência, “conhecer bem o grupo” que obteve uma frequência de cinco, duas educadoras de infância, duas professoras de 1ºCEB e uma recém-formada pensam que conhecer bem todo o grupo é fundamental para que seja possível proporcionar as mesmas oportunidades a todos/as. A unidade de registo “conhecer cada criança/aluno/a”, teve uma frequência de quatro docentes que referiram que este é um aspeto do papel do/a profissional de educação, o/a mesmo/a deverá esforçar-se para conseguir conhecer todas as crianças e alunos/as com quem está a trabalhar naquele momento de maneira que lhe seja possível proporcionar igualdade para todos/as, porque só conhecendo todos/as muito bem é que se

consegue fazer um trabalho individualizado e direcionado para cada um/a em específico. Após este conhecimento real e efetivo de cada criança/aluno/a já é possível ao adulto fazer um trabalho individualizado com cada um a fim de proporcionar a mesma igualdade para todos/as, podendo potencializar aquilo em que cada um tem mais capacidade. Posto isto, o/a profissional de educação deve adaptar-se a todas as crianças/alunos/as para conseguir ir ao encontro de todas as especificidades de cada um/a e do grupo em geral, isto direciona para outra unidade de registo mencionada por duas participantes: “adaptação”, a entrevistada seis afirma que “nós adultos é que temos de nos adaptar a eles e não o contrário”.

Como última unidade de registo desta categoria existe “comunicação escola/família” e foi mencionada por duas participantes que pensam ser este o seu papel enquanto profissionais de educação, têm o papel de ser o elo de ligação entre a escola e a família de cada criança/aluno/a para que seja possível um trabalho conjunto e um maior desenvolvimento e aprendizagem por parte de cada um/a. As docentes que mencionaram este aspeto foram uma educadora de infância e uma professora do 1ºCEB, evidenciando que existe o mesmo pensamento nas diferentes valências.

Por fim, na última categoria existem três unidades de registo, sendo elas: “abordar o tema igualdade de oportunidades”; “escutar crianças/alunos/as” e “atividades práticas”. Em relação à primeira, com frequência de um, a entrevistada 6, sendo a mesma uma educadora de infância, pensa que uma prática favorecedora da igualdade de oportunidades é abordar o próprio tema em sala com o grupo, começando pela igualdade de género, por exemplo, e daí partir fazer a ponte para a igualdade de oportunidades entre todas as crianças na escola, escutar o que as crianças pensam deste tema, se têm algumas ideias prévias sobre o mesmo e o que gostavam de saber mais dentro dele. A segunda unidade de registo mencionada tem uma frequência de três o que significa que três dos participantes deste estudo pensam que escutar as crianças/alunos/as é uma prática favorecedora da igualdade de oportunidades e participação, dando sempre espaço a todos/as para que manifestem os seus interesses, gostos, curiosidades e aquilo que gostariam de realizar e de que forma gostariam de fazê-lo, as entrevistadas que mencionaram este aspeto estando de acordo em relação ao mesmo foram duas educadoras de infância e uma recém-formada. Noutra perspetiva a entrevistada três afirma que as atividades práticas serão uma boa prática para conseguir que todos tenham igualdade de oportunidades e participação, uma vez que, na sua opinião aqueles alunos/as que, por vezes, não têm tantas competências a nível cognitivo têm-nas na componente prática, portanto, será mais fácil para eles/as conseguirem executar atividades que sejam de carácter prático. Isto deve ser feito para que todos/as possam ver as suas potencialidades evidenciadas e trabalhadas, porque nem todos os alunos/as são bons/as a fazer a mesma coisa e isto repete-se ao longo de todo o percurso escolar.

Penso que é bastante interessante, após a análise de todos os resultados, perceber que existem ideias tão semelhantes entre educadoras e professoras que estão na profissão há muitos anos e recém-formadas que pouca ou nenhuma experiência profissional têm ainda. Penso também que tem tanto de interessante como de preocupante. Isto é, perante esta diferença de idades entre indivíduos as ideias são as mesmas porque existe algo que não muda com o passar dos anos, existem aspetos que têm de ser corrigidos porque estão errados há décadas. O facto de não existirem recursos humanos e materiais nos jardins de infância e nas escolas, não existirem profissionais de educação suficientes para que seja possível apoiar cada criança individualmente naquilo que ela precisa, o elevado número de crianças e alunos/as por sala que não permite ao/à docente personalizar a sua metodologia a cada elemento do grupo. Tudo isto são problemas mencionados tanto por professoras que o são há 23 anos como por uma educadora que exerce a sua profissão há apenas 1 ano. Esta situação mantém-se e arrasta-se ao longo dos anos e as desigualdades continuam de alguma maneira enraizadas nas escolas portuguesas.

Considerações finais

Como futura profissional de educação, penso que uma das minhas grandes responsabilidades é refletir. A reflexão, como a capacidade de se voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer (Júnior, 2010). Refletir sobre aquilo que as minhas práticas, estratégias, metodologias e também sobre as minhas pesquisas, estudos e investigações.

Neste caso, trata-se de refletir sobre o trabalho investigativo realizado por mim. “O docente como profissional reflexivo não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem. Dessa forma, fica evidente a necessidade de adequar as teorias utilizadas em sala de aula com a realidade e a necessidade dos educandos, e não basear-se em teorias que nada têm a ver com os aprendizes.” (Fávero & Fontana, 2013, pp. 2-3).

Posto isto, considero ser fundamental refletir sobre as práticas desde sempre, portanto, irei fazer o paralelismo reflexivo entre as minhas práticas supervisionadas realizadas aquando do decorrer do curso e as conclusões sobre os dados recolhidos neste processo investigativo, sendo que considero que a forma mais pertinente de fazê-lo é analisar e comparar as minhas questões de entrevista confrontando as minhas ideias antes de iniciar a investigação e as ideias que os/as profissionais de educação têm sobre a questão da igualdade de oportunidades e participação.

Regredindo até antes de iniciar o meu percurso académico na área da educação e falando um pouco dos processos que podem favorecer a igualdade de oportunidades e participação, quando me questionava sobre este assunto, porque comecei a fazê-lo desde cedo, pensava sempre que deviam ser criadas metodologias que permitissem a todos viver as mesmas experiências mesmo que não conseguissem vivê-las da mesma forma, ou seja, pensava que uma criança com alguma condicionante, fosse ela motora ou cognitiva devia conseguir experienciar o mesmo que as outras que não têm nenhuma condicionante, ainda que o caminho que conduzia a essa experiência fosse diferente, o fim seria o mesmo. Nessa altura, não me debruçava verdadeiramente sobre esta questão, mas agora que o fiz penso que passei por algumas instituições onde esta igualdade não existia, quer fosse por falta de recursos humanos e físicos ou por falta de competências. Quando falo em falta de competências refiro-me a profissionais que exercem há muitos anos e que não renovaram os seus saberes naquilo que às metodologias de integração diz respeito, ou seja, que lecionam

com um método bastante tradicional e em que quem conseguir acompanhar acompanha, quem não conseguir não acompanha. Na minha ótica este não é o caminho e tem de ser mudado radicalmente, porque não faz sentido continuar a existir um currículo escolar que não privilegia a diferença, sendo que todas as crianças são diferentes, portanto é urgente que o currículo tenha como centro a criança e que seja pensado para a criança, de maneira a poder ser adaptado a todas as crianças com todas as suas diferenças e particularidades.

Seguidamente, irei dividir esta análise reflexiva em duas partes que considero primordiais, a primeira em que serão abordados os fatores que favorecem e permitem que haja igualdade de participação e oportunidades e, posteriormente, aqueles que são os obstáculos e barreiras à igualdade de participação e oportunidades.

Observando as respostas dadas pelas participantes deste estudo foram mencionadas diversas metodologias que consideram ser favorecedoras à igualdade de oportunidades e participação. Foi referida a diferenciação pedagógica, o ensino individualizado, os apoios e terapias que também são considerados fundamentais para o desenvolvimento de cada criança, o facto de conhecer muito bem cada criança conseguindo reconhecer tanto as suas potencialidades como as suas fragilidades, escutar tudo aquilo que todas têm para dizer, ouvir os seus interesses, as suas curiosidades, os seus desânimos, as suas angústias e alegrias, planificar de acordo com aquilo que cada criança gosta individualmente e mesmo assim conseguir ir ao encontro dos gostos do grupo em geral. Estas foram as metodologias, estratégias e formas de ação mais mencionadas pelas participantes e, fazendo agora um confronto entre a informação que recolhi e aquilo que vivenciei nas minhas práticas supervisionadas posso afirmar que estas metodologias, muitas vezes, não eram utilizadas, e os motivos que conduziam a essa não utilização eram diversos.

Como é referido no parágrafo anterior as metodologias de igualdade e inclusão nem sempre são utilizadas, sobre a minha experiência posso afirmar que observei duas situações, enquanto estagiária, em que existia uma desigualdade de oportunidades e participação bastante acentuada, as crianças não tinham o apoio que precisavam porque também não existiam recursos humanos para isso, contudo, penso que existia também algum preconceito da parte do profissional de educação em relação a determinadas crianças, este ponto foi mencionado por uma participante do estudo e considero importantíssimo falar sobre ele, foi apontado como sendo uma barreira para conseguir proporcionar igualdade de oportunidades e participação a todos/as. Muitas vezes, quando um/a educador/a ou professor/a tem no seu grupo uma criança que não cumpre com as normas estabelecidas pelo/a mesmo/a, que não tem aproveitamento escolar, que não trabalha em casa, que não tem apoio nem estrutura familiar, esta criança acaba por ser associada a um rótulo e o que acontece é que o adulto

descarta a possibilidade de a criança conseguir superar todas estas condicionantes e ter um percurso escolar com sucesso e aproveitamento.

Posto isto, posso afirmar que neste aspeto concordo inteiramente com a entrevistada seis, pois, já presenciei situações em que realmente isto acontecia e como é óbvio não pode acontecer, um/a profissional de educação nunca pode olhar para uma criança e rotulá-la como caso perdido, tem sempre de adaptar-se e de tentar fazer tudo para conseguir motivar todas as crianças e para que todas consigam ter um desenvolvimento positivo. O/A professor/a não pode nunca desistir tem de desdobrar-se para conseguir que todos/as os/as alunos/as se sintam motivados com aquilo que é a escola.

Passando agora para os obstáculos e dificuldades sentidas pelas participantes quando tentam incluir todos nas suas práticas, foram várias as entrevistadas que mencionaram fatores comuns, nomeadamente, o elevado rácio de crianças por adulto, pois não é possível fazer um acompanhamento individualizado de cada criança sendo apenas um adulto por sala, não é possível escutar todas as crianças e perceber as suas necessidades e potencialidades, não é possível parar quando uma criança não consegue realizar determinada proposta e explicar-lhe de outra forma ou tentar fazer com que ela alcance o pretendido por outro caminho, existem muitas crianças por sala e isto torna mais difícil a igualdade de oportunidades e participação, porque é impossível que uma só pessoa consiga acompanhar vinte e cinco crianças com o mesmo tempo, com a mesma dedicação, fazer um trabalho individualizado com todos, permitir que todos se expressem, que todos partilhem as suas ideias, os seus medos, as suas frustrações, as suas conquistas... Na minha opinião, e indo ao encontro da opinião das entrevistadas, é completamente impossível conseguir igualdade quando os moldes que os/as educadores/as e professores/as têm de seguir são estes.

Por outro lado, e numa perspetiva completamente dispare de tudo aquilo que mencionei até agora, existe uma participante que me surpreendeu bastante ao dizer que não sente qualquer dificuldade ao incluir todos nas duas práticas, não sente que existam barreiras à igualdade de oportunidades e pensa que hoje em dia os estabelecimentos de ensino estão preparados para conseguir combater as eventuais desigualdades que possam existir. Estas afirmações deixam-me com um pensamento bastante ambíguo. Por um lado fico bastante satisfeita porque significa que existem efetivamente contextos em que é possível combater todas as desigualdades e é possível fazer um trabalho no sentido de integrar todos da mesma forma conseguindo que todos vivenciem e experienciem de igual modo; por outro lado, sinto que esta realidade é um pouco irrisória, no sentido em que a precessão que tinha e que confirmei com esta investigação é que as coisas não funcionam assim, no terreno não existe, ainda, igualdade para todos, sinto que este cenário está bastante longe de ser alcançado na maior parte das instituições e confesso que inicialmente não esperava ter este resultado em

nenhuma das entrevistas realizadas, mas como mencionei anteriormente fico satisfeita por ter acontecido, pois significa que a igualdade é possível, a integração de todos é possível e que está a ser feito um caminho nesse sentido.

Outra questão que me fez refletir bastante ao longo da pesquisa que realizei foi a igualdade de géneros, embora tenha sido referida apenas por uma participante este assunto já fazia antes parte das minhas pesquisas, pois, penso que para que exista igualdade de oportunidades para todos tem que existir primeiro igualdade de géneros, porque sem uma nunca se irá alcançar a outra. A igualdade de oportunidades é, por definição, a resposta que é dada a cada cidadão, de forma a garantir a igualdade de oportunidades, tem de ser adaptada a ele mesmo e isso depende do contexto social e territorial de cada um (Centro de Informação das Nações Unidas em Portugal [CINUP]). Ou seja, cada cidadão tem o direito de ter as mesmas oportunidades que outrem, independentemente do contexto social e territorial de cada um/a e é isto que tem de acontecer também nas escolas, as crianças têm de ser vistas todas como iguais para que assim se consiga trabalhar com cada uma delas aquilo que as torna diferentes, quero com isto dizer que um/a profissional de educação, como qualquer outra pessoa na verdade, tem de olhar para todas as crianças como iguais, não descriminando nenhuma por determinada característica seja ela qual for. Contudo, ao mesmo tempo que se faz isto é importante conseguir dar apoio a cada criança consoante as suas especificidades e apoiar todas no sentido em todas precisam de um apoio diferente e individual que resulta apenas com aquela criança em específico. Posto isto, penso ser fundamental que exista um trabalho inicial com as crianças sobre a igualdade de géneros para que compreendam que mulheres e homens têm os mesmos direitos e, posteriormente, trabalhar-se a igualdade de oportunidades de forma global, até porque penso que para o entendimento das crianças será mais fácil trabalhar primeiro a igualdade de géneros e depois a igualdade de oportunidades e participação para todos/as.

Passando agora para uma análise mais reflexiva de todo o processo investigativo, confesso que inicialmente esta não era bem a problemática que queria investigar, no entanto, acho que foi uma grande mais-valia, porque me permitiu perceber quais os problemas que ainda existem a nível de igualdades na educação. Percebi que o problema já não é propriamente no acesso à mesma, mas nas condições que são dadas a cada criança e aluno/a num jardim de infância ou numa escola. Permitiu-me compreender quais as dificuldades que educadores/as e professores/as têm quando tentam incluir todos/as na sua prática e também o porquê de muitas vezes não conseguirem fazê-lo.

Com esta investigação descobri quais as metodologias que são mais eficazes no combate às desigualdades, quais as estratégias utilizadas e também os paralelismos que se encontram entre um/a profissional de educação que exerce há muitos anos e um/a que tenha

terminado o seu percurso académico há pouco tempo. Sobre este último ponto enunciado queria referir que não foram muitas as diferenças encontradas, ambos consideram que existem desigualdades e também estão de acordo sobre as metodologias que as mitigam e sobre os obstáculos que encontram quando tentam fazê-lo. À medida que ia pesquisando e lendo sobre esta questão fui-me apercebendo que existem inúmeros estudos sobre a mesma e que as desigualdades podem ser descritas por inúmeros fatores, uma vertente que não abordei muito na minha investigação foi a das crianças com necessidades educativas especiais, não por achar pouco pertinente, mas pelo contrário, sinto que seria um tema com tanta informação que não conseguiria filtrar tudo de maneira a conseguir fazer um encadeamento lógico das ideias neste portefólio, assim sendo, decidi abordar a igualdade de participação e oportunidades de um modo geral englobando também esta vertente, contudo, não lhe dando espaço individual. Ainda assim, é uma questão que não está descartada mantendo a minha vontade de investigá-la posteriormente.

Sobre as minhas práticas posso concluir que no primeiro estágio de mestrado, portanto, em creche, senti que não existiam desigualdades nenhuma entre as crianças da sala, penso que a educadora distribuía bem o seu tempo por todas e que nenhuma ficava “esquecida” ou menos apoiada.

Já no estágio em contexto de jardim de infância o cenário referido anteriormente modificou-se bastante, uma vez que, existia uma criança na sala tinha necessidades educativas especiais que não participava nas dinâmicas da sala, não tinha um plano pedagógico adequado a si e não existiam metodologias que permitissem que participasse nas dinâmicas que os colegas participavam, o que acontecia muitas vezes era mesmo o alheamento aquilo que estava a acontecer dentro da sala. Esta situação é aquilo que eu penso que acontece na maioria dos casos, as crianças não têm um acompanhamento próprio e acabam por não participar nas atividades realizadas e nas dinâmicas propostas, posso estar enganada e gostava de estar, no entanto, eu penso que hoje em dia será este o cenário encontrado em muitos jardins de infância e escolas portuguesas.

Em relação à valência de 1º ciclo, onde realizei dois estágios, no primeiro senti que existia um esforço enorme da parte do adulto responsável para que todos conseguissem acompanhar as dinâmicas realizadas em sala, mas, ainda assim, muitas vezes não era possível, porque existiam muitos/as alunos/as que precisavam de um acompanhamento mais específico e individualizado, alunos/as que não reconheciam os números e não conseguiam ler acabam por ficar prejudicados/as em relação aos/às outros/as, porque cada um/a tem o seu próprio ritmo e nenhum/a está errado/a, mas a escola como está moldada hoje em dia não permite que se espere mais tempo por esses/as alunos/as, existem muitas metas e objetivos externos que é preciso cumprir e os/as docentes não conseguem fazer este trabalho

neste panorama. Nesse estágio vivi muitas das dificuldades mencionadas pelos participantes no decorrer das entrevistas, a falta de recursos humanos, o número de alunos/as por turma ser muito elevado, a falta de apoios e terapias e até mesmo de psicólogos, em sala existia apenas um adulto para 23 crianças em que muitas delas exigiam trabalho individualizado e pedagogia diferenciada.

Por outro lado, no segundo estágio em 1º ciclo na turma de 4º ano senti que não existiam tantas desigualdades evidenciadas, existiam sim alunos/as com diferentes ritmos, mas na globalidade o grupo era mais homogêneo, ainda assim existiam alunos/as que não acompanhavam o ritmo da turma ficando um pouco excluídos/as do que era realizado na sala de aula. Esta questão dos diferentes ritmos dos/as alunos/as causa-me muitas dúvidas, porque sempre ouvi em práticas supervisionadas que isso era uma condicionante e que dificultava o trabalho do/a professor/a, uma vez que tinha de ser feito um acompanhamento mais individual e isso muitas vezes é difícil por todos os motivos que já referi em cima, contudo, na minha ideologia penso que a idealização de escola perfeita será essa mesmo, uma escola onde todos/as possam aprender e desenvolver-se ao seu próprio ritmo, sem imposições de um adulto que não sabe aquilo que será mais benéfico para cada um. Um sítio onde cada criança e aluno/a possa desenvolver-se sem a pressão de ter de fazê-lo ao mesmo tempo do/a colega do lado, penso que esta questão é fraturante para que haja igualdade para todas as crianças. Ainda sobre esta prática queria mencionar duas situações específicas onde penso estar em questão o problema da igualdade de oportunidades e participação, o primeiro caso era de um aluno que estava a ter aulas em casa, contudo, não assistia à grande maioria das aulas porque não existiam meios que o permitissem; o outro caso era de um aluno com paralisia cerebral que também não estava integrado na turma, frequentava-a uma vez por semana e nos restantes dias estava na sala da unidade com uma professora de ensino especial e mais alguns alunos/as na mesma situação, penso que neste caso devia existir uma maior integração destes alunos/as nas turmas, mesmo que não a tempo inteiro, mas deviam existir metodologias e estratégias de integração que permitissem estes alunos participarem ativamente na vida da turma.

Por fim, gostaria de referir que senti e vivi muitas das dificuldades e obstáculos mencionados pelas docentes entrevistadas e percebi que eram problemas reais e que existiam em praticamente todas as instituições onde estagiei. Penso que estas desigualdades são mais evidentes na valência de 1º ciclo do ensino básico, pelo menos no caso da minha experiência foi o que senti, contudo, também existem no jardim de infância, mas como que camufladas, ou seja, no 1º ciclo é mais fácil perceber quando todos/as os/as alunos/as já conseguem ler e reconhecer números se existem alguns que não o conseguem fazer é bastante notório, já no jardim de infância penso que estas desigualdades se camuflam no sentido em que é mais fácil parecer que uma criança está integra no grupo sem o estar. Não

só aos/às docentes compete a responsabilidade de proporcionar igualdade para todos/as, a instituição é também ela responsável, uma vez que, tem de fornecer as condições necessárias aos/às docentes para que estes/as consigam proporcionar igualdade.

Em suma, esta investigação mesmo sendo apenas um exercício investigativo permitiu-me supor algumas ilações sobre o tema. Fiquei com a ideia que a igualdade de oportunidades e participação ainda não foi atingida na sua totalidade nos jardins de infância e nas escolas, porque não existem profissionais nem recursos suficientes, o número de alunos/as por sala é muito elevado, existem muitos objetivos e metas que os/as educadores/as e professores/as têm de cumprir e isso não lhes permite que façam um trabalho individualizado com cada criança nem que consigam ouvir todas de maneira a conhece-las realmente para conseguirem fornecer um maior suporte a cada uma, conhecendo os seus gostos e curiosidades e assim conseguirem planificar de acordo com o que as mesmas lhes dizem, indo ao encontro dos seus gostos e assim conseguir que exista uma aprendizagem e desenvolvimento mais positivos.

Gostava ainda de referir que para que haja igualdade é importante descobrir em que cada um é bom para poder potenciá-lo ao máximo. A escola como está formatada nos dias de hoje não permite que isso aconteça, existe um currículo a cumprir, muitas vezes extenso de mais, não deixando que os/as profissionais de educação trabalhem com cada criança aquilo em que cada uma é boa, portanto todos/as são colocados/as no mesmo molde de maneira a pensarem todos/as da mesma forma sem margem para poderem trabalhar aquilo em que realmente têm potencial, porque penso que muitas vezes nem é permitido aos/às alunos/as que percebam realmente aquilo em que são bons e aquilo de que gostam. A igualdade só poderá ser alcançada quando o jardim de infância e a escola deixarem de estar projetados para um bloco estático e passarem a estar projetados para seres individuais e em constante crescimento e mudança.

Referências bibliográficas

- Alves, R., Cardona, M. J., Clérigo, B., Piscalho, I., (2017), *Diferenciação Pedagógica nas Primeiras Idades para a Construção de uma Prática Inclusiva*, volume (5), páginas 98-118. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/Ler%20prof%20Isabel%20Piscalho.pdf>
- Benavente, A. (2001). "Portugal, 1995/2001: reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica". *Revista Ibero-Americana de Educação*, 27, pp.99-123;
- Cardona, M. J. (2015). Trabalhar as questões de género numa perspetiva de educação para a cidadania no jardim-de-infância e na escola. *Revista Aprender*. (36), 63- 71. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/Ler%20artigo%20prof%20Maria%20Jo%C3%A3o%20Cardona.pdf>
- Cardona, M. J. Nogueira, C. Vieira, C. Piscalho, I. Uva, M. Tvaes, T. (2011). *Guião de Educação Género e Cidadania 1º ciclo*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género/Presidência do Conselho de Ministros.
- Carlomagno, M. Rocha, L. (2016). Como Criar e Classificar Categorias para Fazer Análise de Conteúdo: Uma Questão Metodológica. *Revista Eletrónica da Ciência Política*. 7(1)., 173- 188. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%Bado%20LB.pdf>
- Carvalho, C. M., & Portugal, G. (2017). *Avaliação em Creche- crechendo com qualidade*. Porto: Porto Editora.
- Clérigo, B. Alves, A. Piscalho, I. Cardona, M. (2017). Diferenciação Pedagógica nas Primeiras Idades para a Construção de uma Prática Inclusiva. *Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 5(1), 98-118. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/Ler%20prof%20Isabel%20Piscalho.pdf>
- Coleman, J. S. (1975 [1968]). "The concept of equality of educational opportunity". Em I. R. Dale e outros (orgs.), *School and Society*, Cambridge, MA, MIT, Open University Press;
- Crahay, M. (2007). *Which Pedagogy for Students With School Difficulties?* [Master's thesis, Faculdade de Psicologia da Educação da Universidades de Genebra e de Liege.] <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/LER%20PEDAGOGIA%20PARA%20OS%20ALUNOS%20EM%20DESIGUALDADE%20ESCOLAR.pdf>
- Fávero, A. Fontana, M. (2013). Um Professor Reflexivo: Uma Integração Entre Teoria e Prática. *Revista de Educação do Ideau*, 8(17), 2-3. https://www.caxias.ideau.com.br/wp-content/files_mf/de946928fc01518999bb019ba65f89a830_1.pdf
- Ferro, A. Castanheira, A. Santos, A. Lopes, C. Bolotinha, F. Silva, M. Almeida, M. Machado, R. Pinto, V. (2018). *Igualdade*. Dicionário do Desenvolvimento. 41. <https://issuu.com/imvf/docs/dicionariododesenvolvimento2019>
- Fitoussi, J.-P., Rosanvallon, P., (1997), *A Nova Era das Desigualdades*, Oeiras, Celta Editora.
- Fonseca, K. (2012). Investigação-Ação: uma Metodologia para Prática e Reflexão Docente. *Revista Onis Ciência*, 1(2), 16- 31. <https://revistaonisciencia.com/wp-content/uploads/2020/02/2ED02-ARTIGO-KARLA.pdf>

- Fossá, M. Silva, A. (2015). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica Para Análise de Dados Qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica* ISSN, 17(1). 1 – 14. <file:///C:/Users/Asus/Downloads/2113-7552-1-PB.pdf>
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. 35(3), 20-29.
- Gonçalves, C. Rangel, M. (2010). A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica. *Escola "Tangerina"*, 1(3). 21-43. <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/68/69>
- Júnior, V. (2010). Reviewing, Rethinking, and (Re)signifying: the Importance of Reflection on Practice in the Teaching Career. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 580-586. <https://www.scielo.br/rbem/a/sM7Mj6hRK5bjkLZqrHzv6g/?format=pdf&lang=pt>
- Latorre, A. (2005) *La investigación- acción Conocer y cambiar la práctica educativa*. (3ª edición). Editorial Graó.
- Lei Constitucional n.º1/2005 do Diário da República. (2005). Assembleia da República: I Série, n.º 155. <https://files.dre.pt/1s/2005/08/155a00/46424686.pdf>
- Manzini, E.J. (2012). Uso da Entrevista em Dissertações e Teses Produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. <file:///C:/Users/Asus/Downloads/49548-Texto%20do%20artigo-751375172477-1-10-20121220.pdf>
- Marchão, A. Bento, A. (2012). *Promoção da igualdade de género – um estudo em contexto de educação pré-escolar*. (pp.1-13). https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4117/1/Amelia%20March%C3%A3o_Alexandra%20Bento.pdf
- Marchão, A. Henriques, H. (2015). Educação, Cidadania e Igualdade de Oportunidades: Olhares sobre a Educação de Infância. *Revista Aprender*. (36), 72- 85. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/ler%20artigo%202.pdf>
- Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais – Articulação com o Perfil dos Alunos*. 4º ano 1º Ciclo do Ensino Básico Estudo do Meio. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf
- Ministério da Educação. *Organização Curricular e Programas 1º Ciclo do Ensino Básico*. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Estudo_Meio/eb_em_programa_1c.pdf
- Patto, P. (2011). Entre sexo e género. *Público*. <https://www.publico.pt/2011/02/05/jornal/entre-sexo-e-genero-21220925>
- Perrunoud, P. (1997). Concevoir et Faire Progresser des Dispositifs de Differentiation. <http://jeunes.profs.free.fr/doc/differeciation.htm>
- Pinharanda, M. A. M. S., (2009), Diferenciação Pedagógica no 1º C.E.B [Master's thesis, Universidade da Beira Interior]. Departamento de Psicologia e Educação. Página 8. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2560/1/DIFERENCIA%c3%87%c3%83O%20PEDAG%c3%93GICA%20NO%201.%c2%ba%20CEB.pdf>
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.

- Rodrigues, M. L. (2010). *A escola pública pode fazer a diferença*. Coimbra: Almedina.
- Seabra, T. (2009). "Desigualdades escolares e desigualdades sociais". *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº59, pp. 75-106;
- Seabra, T., (2009). *Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais* [Master's thesis, ISCTE-IUL]. Repositório ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/LER%20DESIGUALDADES%20ESCOLARES.pdf>
- Sebastião, J. & ABRANTES, P. (2010). "Portões que se abrem e que se fecham. Processos de inclusão e de segregação nas escolas públicas portuguesas". Em A. Dornelas, L. Oliveira, L. Veloso e M. D. Guerreiro (orgs.) *Portugal Invisível*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, pp. 75-93;
- Sebastião, J. (2007). "Famílias, estratégias educativas e percursos escolares". *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº 17/18, pp. 281-306.
- Serpa, S. (2011). *Os Papéis de Género no 1º Ciclo do Ensino Básico: Promover a Igualdade de Oportunidades*. [Master's thesis, Universidade dos Açores – Campus de Angra do Heroísmo]. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/ler%20tese%202.pdf>
- Silva, O. Navarro, E. (2012). A Relação Professor-Aluno no Processo de Ensino-Aprendizagem. *Revista Eletrônica da Univar*, 8(3), 95-100. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/ler%20rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20professor-aluno%20no%20ensino%20aprendizagem.pdf>
- Valente, S. (2015). *Gestão da Sala de Aula: Um Estudo com Professores do 1º Ciclo*. [Master's thesis, Universidade de Lisboa Instituto de Educação]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18326/1/ulfpie047293_tm.pdf
- Wallace, A. Lemos, G. (2018). Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Ludke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 4(12), 531- 541. <file:///C:/Users/Asus/Desktop/TESE/METODOLOGIA%20LER%20PARA%20FAZER%20TIPO%20DE%20ESTUDO.pdf>

4. Anexos

5.1 Guião de entrevista

Tabela 2 - guião de entrevista

Bloco de Questão	Objetivos	Tópico de Questão
1	Conhecer o entrevistado e o seu percurso profissional	O que a levou a escolher esta profissão?
		Há quanto tempo exerce a sua profissão?
		Qual foi o seu percurso académico?
		Como foi o seu percurso profissional até hoje?
		Sente que existem diferenças entre o setor público e o privado?
2	Perceber quais as conceções do entrevistado sobre estratégias e metodologias que contemplam a igualdade de participação e oportunidades a todos os alunos	Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?
		Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a participação e igualdade de oportunidades?
		Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de participação e oportunidades? Quais? E o que a facilita?
		No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam igualdade de participação e oportunidades?
		De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade de participação e oportunidades?
		Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?
		Quais os processos utilizados na planificação

3

De que maneira o entrevistado elabora as suas planificações de acordo com a igualdade de participação e oportunidades	das suas práticas ara garantir a igualdade de oportunidades e participação?
	Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?
	Quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?
	Quais são as dificuldades e obstáculos que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?
	Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

5.2 Transcrição das entrevistas

Entrevistada 1

Eu: Bom dia. Podemos dar início à nossa entrevista?

Entrevistada: sim, claro que sim.

Eu: a questão do meu exercício investigativo é “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças”, assim sendo começo aaa por perguntar-lhe o que a levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: aaaa pronto (pausa) penso que posso dizer que foi por vocação, sempre disse que era o que queria ser no futuro e aaa pronto, foi o que realmente aa aconteceu.

Eu: muito bem e há quanto tempo exerce a sua profissão?

Entrevistada: exerço há há 26 anos aaaa, portanto, terminei o curso em junho de 1995.

Eu: certo e pode dizer-me qual foi o seu percurso académico?

Entrevistada: bem acho que normal... sempre em em escolas públicas aaaa, sempre na minha área de residência pronto e e (pausa) no secundário escolhi humanísticas aaa e no ensino superior entrei na 1ª opção que era educação pré-escolar.

Eu: certo, e sobre o seu percurso profissional até hoje? Pode dizer como foi?

Entrevistada: bem aaa foi um pouco atribulado (risos) o meu primeiro emprego como educadora foi numa ipss, aaa ao abrigo de um projeto do instituto do emprego e formação profissional era tipo um estágio profissional pronto, aaa e tinha a duração de um ano, recebia o ordenado mínimo (risos) mas contava tempo de serviço e fiquei lá 13 meses... (suspiro) de seguida consegui uma vaga numa instituição particular aaaa e no mesmo dia fui colocada no público pronto (risos) optei pela privada aaaaa na altura no publico ficávamos sem subsidio de desemprego e a vaga no privado, era a 20 quilómetros de casa, era para o quadro e o salário era bom portanto... Fiquei lá durante aaa 15 anos e saí porque já estava muito cansada de dar, dar e continuar a dar...(pausa) fins de semana, aaa horários longos sem hora para sair, aaaa tarefas extra, sem auxiliar a tempo inteiro e desgaste... aaa é muito tempo no mesmo sítio... saí de bem com todos, continuo a ter grandes amigos da equipa de trabalho, mas quis ter mais liberdade para me preocupar mais com a parte pedagógica e não só com as aparências das festas e afins porque era muito assim (pausa) uma festa era mais importante que o desenvolvimento das crianças e isso aaa pronto aaa não não me fazia sentido algum não é? Depois pronto aaa ninguém impunha um controle aaa um controle na parte pedagógica, mas a máquina tinha que dar dinheiro que é mesmo assim não é? Aaaa a pressão para nos submetermos a essa máquina era muito grande. Pronto depois aaa vim para o público a ganhar na altura menos 200€ por mês pronto aaa, mas nunca me arrependi (pausa) saltitei de agrupamento em agrupamento de cidade em cidade..., mas também acumulei experiências e e e conheci pessoas, muitas pessoas, costumes diferentes aaa e sou hoje uma pessoa mais destemida, mais capaz e resiliente por causa disso sim, sem dúvida.

Eu: sendo que já trabalhou nos dois aaa sente que existem diferenças entre o setor público e o privado?

Entrevistada: (risos) sim sim, no que já referi antes pronto no meu caso não havia um controlo sobre a parte pedagógica e aquele ambiente aaa condiciona e sufoca-te, há uma falta de respeito no que refere a horários e trabalho extra e tens de alinhar com a máquina para seres produtivo porque aaa pronto tem de ser mesmo assim e e e vá aquilo é assim porque tem de parecer tudo bonito não é? É o que importa pronto (risos).

Eu: muito bem, aaa qual aaa a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: pronto é isso como já referi aaa quer no setor público aaa quer no setor privado tive sempre aaa liberdade para conceber aaa conceber e organizar a minha prática educativa, contudo, imagino que nem todos os casos serão assim, não é A importância desta igualdade de oportunidades pronto é que é essencial para que o educador se sinta realizado e para que o seu trabalho faça sentido.

Eu: e na sua opinião, quais são as metodologias que mais favorecem a participação e igualdade de oportunidades?

Entrevistada: aaa pronto penso que são duas aaaa a metodologia de trabalho em projeto e o movimento da escola moderna. Acho que estas duas metodologias funcionam bem nesse sentido e que aaa são favoreceras (pausa) favorecedoras de igualdades.

Eu: muito bem, e existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de participação e oportunidades? Quais? E o que a facilita?

Entrevistada: as dificuldades que pronto aaaa eu sinto são aaa muitas vezes o número elevado de crianças por grupo pronto 15 crianças é o ideal e muitas vezes existem mais aaa ou aaa quase sempre existem mais, não é? Depois pronto aaa acho que a rotina desenfredda das famílias e a correria do dia a dia não aaa não ajudam e também alguns agrupamentos e autarquias que promovem e envolvem-se em projetos e datas comemorativas que interferem e ocupam muito tempo de trabalho útil no pré-escolar, pronto é bom termos os miúdos envolvidos nesses projetos aaa mas pronto para ser sincera acho que nos rouba tempo para aquilo que temos de fazer com eles. Aaa por outro lado o que facilita é (pausa) é a liberdade que é dada às educadoras para elaborarem e dinamizarem o seu projeto de grupo.

Eu: no seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: penso que seja nem todas as famílias compreenderem a importância de um acompanhamento com qualidade das crianças que tem de ser feito aa pronto em casa, não é? Do tempo que o adulto dá à criança para o ouvir, para interagir e assim. Pronto, nem todas as famílias têm a mesma disponibilidade financeira nem cultural para proporcionar experiências mais enriquecedoras às crianças e claro essas que não conseguem aaa não conseguem fazê-lo vão sempre estar em em em desvantagem em relação às outras.

Eu: certo, em relação ao ambiente educativo aaaa de que maneira é que a sua organização contribui para a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: penso que o ambiente educativo aaaa pode (pausa) pode dar às crianças uma visão e vivência de ambientes e materiais a que ela não tem acesso aaa no contexto familiar.

Cabe à escola criar esse ambiente educativo com materiais que as crianças não têm acesso noutro local sem ser aquele (pronto) pronto a escola.

Eu: enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

Entrevistada: aaaa na minha opinião, os educadores e docentes em geral pronto, apesar de tudo aaa continuam a ter um papel muito importante na formação das crianças e jovens. Aaa após fazerem uma apreciação do seu grupo, podem promover atividades e proporcionar experiências que atenuem as desigualdades sentidas. O docente deve conhecer muito bem todos aaa todos os integrantes do grupo para pronto conseguir adaptar a sua prática pedagógica a cada aaa a cada criança, mas aaa não só pronto a cada criança e ao mesmo tempo a a a todo o grupo.

Eu: quais os processos que utiliza na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: bem aaaa tento incluir temas e propostas que vão ao encontro (pausa) dos interesses das crianças e fazer uma boa gestão de tempo aaa para que todas as crianças possam ter a mesma oportunidade aaa de de experienciar com qualidade a atividade, porque eu acho que quantidade não é qualidade é isso. Ahhh depois através da reflexão e avaliação do dia a dia, temos que perceber se todas as crianças estão a participar e a poder expressar os seus interesses e preocupações aaa e ao planear (pausa) aaa podemos utilizar essas reflexões para incluir atividades ou propostas aaa que vão dar oportunidades iguais a todos.

Eu: na sua sala aaaa, o que (pausa) o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: dou a palavra a todas as crianças para se expressarem (pausa) e entendo a planificação como um plano e não como uma obrigação aaa, ou seja, se no dia perceber que faz mais sentido para as crianças alterar o plano e realizar outra proposta, o que estava planeado é adiado. Pronto penso que assim consigo corresponder aaa mais facilmente aaa às necessidades das crianças.

Eu: certo aaa e quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação aaa que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Acha que pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: fiz uma coisa aaa criei quadros de registo para que as crianças sintam que as suas propostas são consideradas é assim o quadro dos projetos tem três colunas uma “o que queremos”, outra “quem faz” e a última “o que precisamos”, são as crianças que preenchem estas colunas aaa com as suas ideias, pronto eu estou lá para ajudar e escrever não é, mas

as ideias são todas aaaa delas pronto. E depois é assim aaaa mesmo que aaaa não consiga trabalhar um tema proposto ou realizar aquela atividade proposta ela é escrita para realizar mais tarde e assim aaaa as próprias crianças percebem que o que dizem não cai em saco roto (risos). Depois tenho também aaaa listas das crianças, nas diferentes áreas de trabalho da sala, onde as crianças que as utilizam desenham uma bolinha no seu nome... assim consigo acompanhar com que frequência as utilizam e posso sugerir outras áreas e até decidir entre duas crianças que queiram a mesma atividade...

Eu: certo e quais são as dificuldades e obstáculos que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

Entrevistada: pronto como já disse com grupos grandes é mais difícil e exigente para o educador conseguir responder com qualidade a cada criança, acompanhar tanto os que solicitam a nossa atenção como os que são mais discretos aaaa (pausa) e esses são muitas vezes os que precisam mais da nossa atenção e acompanhamento, não é?

Eu: pois e pode agora enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

Entrevistada: penso que já enumerei vários exemplos de práticas e dinâmicas possíveis de pôr em prática dentro da sala. Mas, aaaaa no geral é estar atento, gerir o grupo, o tempo e agarrar a oportunidade de deixar falar ou optar pelos interesses do grupo, aaaa ou daquela criança que precisa de “crescer” no grupo (pausa) sempre pela positiva e com amor e dando sempre algum elogio e incentivo positivo pronto para que a criança não se sinta aaaa não se sinta desamparada e frágil e se torne mais segura de si mesma. Afinal trabalhamos com o melhor do mundo e trabalhamos para eles, penso que aaaa é isso que temos sempre de ter em mente, não é? Nós damos tudo por eles e para eles. Acho que é assim.

Eu: muito bem, não tenho mais questões. Deseja acrescentar alguma coisa que aaaaa pense ser pertinente sobre este tema?

Entrevistada: não, acho que não. Espero ter ajudado (risos).

Eu: ajudou bastante. Muito obrigada pelo seu tempo.

Entrevistada 2

Eu: boa tarde, o tema do meu exercício investigativo é “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças”. Podemos dar início à nossa entrevista?

Entrevistada: boa tarde, sim eu sei. Podemos sim.

Eu: boa, primeiro pode dizer-me o que o levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: eu quando me candidatei ao aaa ao ensino superior escolhi vários cursos e em diferentes áreas, mas aaa e após ter feito vários processos de seleção este pareceu-me ser o meu caminho aaa e de facto foi uma boa opção pois gosto muito da minha profissão.

Eu: há quanto tempo exerce a sua profissão?

Entrevistada: sou educadora há 30 anos (risos) muitos anos disto já.

Eu: (risos) e qual foi o seu percurso académico?

Entrevistada: foi assim fiz o bacharelato em educação de infância aaa passados 10 anos fiz uma Licenciatura em educação de adultos e animação comunitária aaaa e 12 anos depois fiz Mestrado em supervisão pedagógica.

Eu: certo, como foi o seu percurso profissional até hoje?

Entrevistada: só trabalhei em duas IPSS até hoje aaa sendo que na primeira trabalhei 3 meses e os restantes na segunda instituição, onde ainda hoje trabalho pronto.

Eu: sente que existem diferenças entre o setor público e o privado?

Entrevistada: sinto sim, aaa eu acho que no setor privado pronto as famílias que existem no privado são diferentes daquelas que existem no público, eu acho, aaaa as do privado têm mais possibilidades financeiras, por exemplo. Aaa depois aaa também acho que no privado existem mais horas de trabalho, não é? Que é tudo mais exigente, existe mais pressão sobre os educadores e professores aaa pronto (pausa) para que o trabalho seja feito num determinado período de de (pausa) período de tempo e também para que as crianças atinjam certos objetivos. Pronto acho que é isso, existe mais pressão para aaaa que certos níveis sejam alcançados.

Eu: muito bem e qual pensa ser aaaa a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: a igualdade de oportunidades está consagrada na lei e nos direitos e aaa como tal aaa deve ser sempre um dos vetores fundamentais na conceção e desenvolvimento de todas e quais práticas pedagógicas aaaa independentemente do grau de ensino.

Eu: na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a participação e igualdade de oportunidades?

Entrevistada: as que mais utilizo são a livre escolha, aaaa tomadas de decisão e privilegiar a criança como agente ativo na sua educação, a educação da criança aaa deve ser feita a

pensar nela e não no adulto, acho que é fundamental aaa que a criança seja o centro do acontecimento e não o adulto, acho que faz aaa faz sentido.

Eu: pensa que existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de participação e oportunidades? Quais? E o que a facilita?

Entrevistada: é assim aaa na minha prática diária não considero que exista qualquer tipo de limitação. No sistema educativo e na abrangência aaaa que o mesmo tem atualmente penso aaa que todas as crianças conseguem ter as mesmas oportunidades.

Eu: na sua opinião todas as crianças, hoje em dia, têm as mesmas oportunidades no jardim de infância?

Entrevistada: sim, penso que sim.

Eu: certo e no seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades? Se considerar que existem (pausa) condicionantes?

Entrevistada: considero que o ensino é neste momento muito democrático aaaa e até mesmo as limitações financeiras das famílias, poe exemplo, podem ser ultrapassadas com os diferentes recursos que existem.

Eu: muito bem e de que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: Na minha opinião, a organização do do do ambiente educativo (pausa) deve ser centrado na criança e no grupo, aaa nos seus interesses e necessidades e claro aaa deve contribuir como elemento facilitador das aprendizagens e do desenvolvimento de cada um. Aaa penso que desta forma ficam esbatidas questões como a desigualdade de participação e de (pausa) de oportunidades.

Eu: enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

Entrevistada: aaaa eu penso que é estar atento a todas as crianças e famílias através de um conhecimento real de cada uma delas aaa para isso aaa mostrar interesse por conhecer pronto não só as crianças aaa mas também também as suas famílias (pausa) para e caso seja necessário intervir em termos pedagógicos, emocionais, afetivos, sociais ou outros que se considerem necessários nos as pessoas que passam mais tempo com aaa aquelas crianças conseguirmos ser aaa um apoio e um suporte. Acho que sim.

Eu: quais os processos utilizados aaaa na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: tentar sempre ouvir aaa ao máximo aaa as crianças, ter um conhecimento real e efetivo dos seus interesses e necessidades e fundamentalmente respeitar cada criança como única e ter intencionalidade educativa naquilo que é feito ao longo aaa ao longo dos dias.

Eu: muito bem na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: acho que o respeito pela individualidade de cada um aaa (pausa) uma observação atenta do contexto e das dinâmicas intergrupais aaaa, registos sistemáticos e fundamentalmente uma reflexão da da (pausa) da minha parte para que seja possível haver aaa uma aaa progressão sistemática sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas e a desenvolver.

Eu: quais as metodologias, aaa recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Pode (pausa) pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: como disse? Formas de (pausa) não entendi peço desculpa.

Eu: formas de comunicação e relação que utiliza a fim de promover a igualdade de participação e oportunidades e se aaa se pode dar alguns exemplos.

Entrevistada: sim aaa (pausa) é isso aaa como já referi anteriormente, valorizo bastante a livre escolha e a capacidade de fazer escolhas conscientes aaa e a participação ativa da criança no seu processo educativo. É importante.

Eu: certo e quais são as dificuldades e obstáculos que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

Entrevistada: eu acho que (pausa) estando atento e disponível para ouvir aaaa e respeitar cada criança e a sua família, aaaa naturalmente todos se vão sentir como parte integrante do todo.

Eu: por fim, pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

Entrevistada: ouvir e ver o tudo o que as crianças nos dizem ou mostram com as suas ações, tentar compreender, aceitar e respeitar cada uma delas, aaa a livre escolha, participação nas

tomadas de decisão, ações de solidárias, participação cívica, entreajuda, cooperação aaa (pausa) são tudo exemplos daquilo que aaa pode ser feito para favorecer a igualdade.

Eu: muito bem, pretende acrescentar alguma informação que considere pertinente a esta entrevista?

Entrevistada: aaa gostava só de mencionar que penso que caminhamos aaa cada vez mais aaa (pausa) cada vez mais para um mundo onde todas as crianças têm as mesmas oportunidades independentemente das condições financeiras ou grau de escolaridade das famílias. Pronto aaa é isso (risos).

Eu: muito obrigada, damos por terminada a nossa entrevista.

Entrevistada 3

Eu: Então, podemos começar? (Risos) Aaa então a primeira pergunta, o que a levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: Aaaa inicialmente, inicialmente e a minha formação é é professores do ensino básico variante de educação física e aaa quando eu escolhi esta profissão porque gostava muito de desporto aaaa fiz sempre desporto quer dizer fiz sempre desporto a partir do oitavo ano mais ao menos porque antigamente era um bocadinho diferente porque nós íamos entravamos nos clubes um bocado mais tarde na idade, agora os miúdos com três, quatro cinco anos já entram nos clubes. Eu entrei no oitavo, murava num bairro e brincámos muito e aaaa fazia desporto era na rua, portanto, quando entrei para o oitavo ano pó pó basquete as minhas competências eu tinha-as todas desenvolvido porque depois fartava-me de correr e de saltar à corda e trepar tudo e mais alguma coisa portanto tava tudo feito, isto para dizer o que? Sempre gostei muito de desporto e nunca me vi noutra situação senão com alguma coisa que estivesse ligada ao desporto então o ensino aa tirei então professores do primeiro ciclo aa variantes aa de educação física , estive na educação física 6 anos e aaa (pausa) só que entretanto aa como contratada aa tava difícil entrar para os quadros, então aa havia possibilidade de entrarmos, vincularmos ao 1º ciclo e se na segunda parte do concurso conseguíssemos horário completo para a educação física tínhamos o destacamento direto e foi o que me aconteceu no primeiro ano, no segundo ano mudou (pausa) então fiquei presa ao 1º ciclo. (risos)

Eu: pois. (risos)

Entrevistada: aaa portanto, neste momento presa no sentido de deixei, eu depois sempre que concorri quando há os concursos grandes eu concorro sempre para a mudança para a

educação física mas como já estou no primeiro ciclo há muito tempo, portanto eu tenho 22 anos de serviço tenho 6 de educação física e o resto de 1º ciclo.

Eu: já respondeu à próxima questão. (risos)

Entrevistada: pronto (risos) aaa e aa como já não estou na educação física há muitos anos, mas os meus últimos 3 anos não são na educação física quando concorro, concorro em terceira prioridade com zero tempo de serviço, portanto, por isso é que eu digo que estou presa ao 1º ciclo. No entanto não é nada que eu desgoste. Eu gosto muito do 1º ciclo, é um trabalho diferente nós agarramos neles e eles não sabem nada, não sabem ler, não sabem escrever e nós vemos essa evolução aa e em nenhum ciclo nós vemos essa evolução pronto. É muito, muito giro, é muito interessante. No entanto, não estou na área na minha área que eu gostava de estar, mas pronto como na via de ensino gosto muito de crianças, sempre trabalhei com crianças aa quando deixei de treinar comecei a dar treinos de basquete, fiz compôs de férias com crianças, portanto, foi sempre tudo ligado às crianças, gosto muito de crianças, portanto, não me via noutra situação que não a trabalhar com crianças, daí aa eu estar no ensino e neste caso no primeiro ciclo.

Eu: muito bem, pronto, entretanto a professora já respondeu à segunda questão que é há quanto tempo exerce a sua profissão? (risos) 22 anos.

Entrevistada: 22 ou 23 já não sei bem, faz este ano 23 anos de serviço.

Eu: pronto, e também à terceira na verdade. Qual foi o seu percurso académico? (pausa) Também já explicou.

Entrevistada: pronto sim, o meu percurso académico foi sempre opção de desporto, aaa depois fui para aa desporto, fiz os exames os testes físicos em Leiria aa para ir para a ESE de Leiria aa na altura já não era preciso fazer na FMH aa anos anteriores era preciso, na altura já não era preciso. Eu já não sei se era por eu ser federada, ser jogadora já assim, não sei se era por isso se não porque tinha feito numa ESSE só que, entretanto, como abriu em Santarém acabei por ficar em Santarém aa embora tenha ido fazer os testes físicos a Leiria (pausa) aaa pronto, o meu percurso foi sempre dentro da educação física. (pausa) pronto depois quando ingressei no 1º ciclo aa as minhas formações são neste âmbito do 1º ciclo, nas pedagogias do 1º ciclo.

Eu: e como foi o seu percurso profissional até hoje? (pausa) (risos) também já explicou um bocadinho não é.

Entrevistada: pronto o meu percurso profissional foi os 6 primeiros anos aaa (pausa) os 5 primeiros anos estive como contratada aaa como tinha como tinha trabalhado no ano antes do 1º concurso, no meu ultimo ano de serviço de de curso estive a dar aulas de educação

física no 3º período a substituir uma professora e como tinha tido um contrato imediatamente anterior aaa as minhas colegas começaram a contar o tempo de serviço na altura que entravam e aa embora tenha entrado só em outubro comecei a contar logo o tempo de serviço completo portanto eu tenho 5 anos na educação física e os outros aaa (pausa) os outros 18 (risos) aaa no 1º ciclo tem sido, tive muito tempo fora tou há 9 anos, este é o 9º ano que estou em Santarém todos os outros aaa todos os outros anos estive fora de Santarém aa Lisboa, Coruche, Rio Maior (pausa) tive em Vila Franca mas Vila Franca Castanheira do Ribatejo portanto tenho andado por ai pelos vários agrupamentos.

Eu: certo. E sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado?

Entrevistada: sim (pausa) aaa no setor privado dá-me a sensação, dá-me a sensação e tenho quase a certeza não quero tar aqui a (pausa) a discriminar nada mas é assim aaa só vai para o setor privado quem tem dinheiro aa e quem tem dinheiro à partida serão as famílias que têm uma estrutura familiar melhor, que têm mais interesse pela escola, que dão um apoio diferente aos miúdos, portanto são muito mais acompanhados aaa no setor público nós temos de receber todos os miúdos (pausa) sejam eles, venham eles à escola saibam escrever, saibam saibam falar aaa sejam bem comportados, sejam não mal comportados, sejam bons alunos sejam maus alunos. No privado até me (pausa) ouve-se aaaa (pausa) que eles às vezes até são convidados a sair porque se são malcomportados ou se não têm os os os resultados aaa esperados são convidados a sair por causa dos rankings e essas coisas todas portanto (pausa) logo ai ao fazermos esta seleção aaaa tem que haver diferença. Eu numa sala onde eu tenho aaa miúdos que têm (pausa) todos eles (pausa) conforto em casa, alimentação, aa cuidados de saúde, aa tudo isso, ou seja, têm à volta deles um bem estar que lhes permite e lhes fomenta ter um ambiente propicio à aprendizagem aaa e eu na escola pública tenho miúdos que nem o pequeno almoço tomam, se calhar a única refeição que fazem é na escola, que o único apoio que têm escolar é a professora, portanto, tem que haver diferenças (pausa) tem que haver diferenças não é, pronto. Aaa por isso, nas famílias que têm algum dinheiro também há famílias destruturadas e também há miúdos que mal comportados e há miúdos que não aprendem mas é diferente têm um apoio se calhar têm umas explicações têm aaa fazem o mesmo teste 10 vezes até conseguirem ter bons resultados, nós no publico temos esta esta heterogeneidade aaa que nos aaa muitas vezes torna difícil ter um ambiente propicio para a aprendizagem, porque é tão diferenciada e nós temos que tratar de tantos assuntos aa e mais mais do que a nível pedagógico, a nível pessoal, a nível social aa que não pode, não pode ser igual de todo.

Eu: e qual é a importância da igualdade de oportunidades e de participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: lá está a importância é que estes, há muitos miúdos que só o facto de em casa não terem esta, este cuidado, não terem por parte dos seus encarregados de educação, esta sensibilização para a educação, a valorização da escola aaa (pausa) os meios aa básicos para estudar para conseguir, portanto a escola tem que tentar potenciar nesses miúdos através de uns apoios mais individualizados, através de outros meios terapêuticos e isso, temos de tentar dar-lhes esta oportunidade até para que eles possam sair deste ciclo, este ciclo de pobreza ou este ciclo de desvalorização da escola, aaa este ciclo de pensamento portanto aaa e é através da igualdade de oportunidades que alguns destes miúdos conseguem singrar, singrar e ter sucesso e acompanhar e entusiasmar-se para a vida académica.

Eu: então e na sua opinião quais são as metodologias que favorecem essa igualdade de oportunidades e participação? (Pausa) como professora...

Entrevistada: logicamente podemos fazer um ensino mais individualizado aaa uma diferenciação pedagógica aaa (pausa) agora com esta questão da recuperação das das aprendizagens dos ninhos que são pequenos grupos de nível (pausa) sei lá quando planificamos ter em atenção a heterogeneidade dos grupos e planificar de acordo com as competências e com as capacidades de cada um, aaaa tentar que eles também trabalhem de forma colaborativa, o aluno que tem mais facilidade, o aluno que se despacha mais rápido pode ajudar o aluno que tem mais dificuldade aaa a ler ou a perceber o exercício aa mais (pausa) acho que basicamente é isto e e e tentar que aaa algumas atividades e algumas aprendizagens que se fazem aa com recurso a materiais ou objetos ou ou ou que sejam precisos que haja na escola para que todos tenham oportunidade e tou a falar por exemplo a nível da tecnologia não é. Embora tenha havido um grande investimento a nível tecnológico e a e a distribuição de computadores e routers aaa por muitas famílias carenciadas nós sabemos que alguns deles nem sequer foram utilizados, ou seja, ou são estragados logo, ou não há cuidado ou são utilizados para outros fins portanto lá está a sensibilização a tal valorização da escola e aa (pausa) pronto, portanto há alguns tipos de atividades, algumas coisas que têm de ser feitas mesmo na escola porque sabemos que estes miúdos não têm apoio em casa, não têm quem os ajude e ainda vai as suas expectativas ainda vão ser muito mais frustradas porque não vão conseguir fazer.

Eu: exato. Aaa e sente que existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação na na escola?

Entrevistada: sim sim, obviamente as turmas são muito grandes nós não conseguimos, aaa o número de alunos por turma aa com a heterogeneidade de crianças e de níveis é muito difícil aaa porque todos ou quase todos precisam de um apoio mais individualizado e com 23 ou 24 alunos dentro da sala isso torna-se incomportável. Aaa (pausa) há dias em que não

conseguimos chegar aos que têm mais dificuldade porque estamos aaa o número de alunos por turma aaa a falta de terapeutas nas escolas, a nossa escola tem terapia da fala, tem tem psicologia, mas quer dizer (risos) o rácio de alunos para o número de terapeutas é tão grande que (pausa) o trabalho acaba por ser um bocado inglório porque (pausa) meia hora para cada um por semana ou então aa (pausa) menos ainda aaa pronto acaba por ser muito pouco.

Eu: por não surtir efeito.

Entrevistada: não não, tal como as equipas de apoios. Ou turmas mais reduzidas aaaa e para isso tinham de ser colocados mais professores, ou então pelo menos mais colegas no apoio, não é? (pausa)

Eu: sim.

Entrevistada: agora o que é que nós temos? Temos colegas no apoio, falta um colega é o colega do apoio que vai substituir, já aquela turma ou aquele miúdo fica sem apoio aaa portanto aaa acaba por ser um trabalho aaa que não é não é... eu tive um ano, nós tivemos um ano ali na escola (pausa) que tivemos um colega que estava só nos apoios e ela tava só naquela escola e ela todos os dias estava com os miúdos e viu-se realmente aa um resultado (pausa) agora aaa os alunos que estão com muita dificuldade aaa e a Andreia conhece X por exemplo e a Y, o X toma medicação aquilo é muito difícil por mais que os pais e os avós, eu até acredito que os pais e os avós puxem por ele e deem apoio, com a medicação que toma por causa da hiperatividade e a falta de atenção/concentração aaa é difícil, ou a Y que não tem apoios praticamente em casa porque a mãe trabalha até tarde. Estes miúdos aaa eu tenho apoio na sala duas vezes por semana aaa um dia é a 3 horas e meia o outro dia é hora e meia. Por semana (risos) isto é muito pouco, devia ser um trabalho pronto. Se a colega de apoio fosse lá todos os dias conseguíamos fazer um apoio individualizado para a superação das das... agora assim só consigo fazer isso mais quando ela vem porque é difícil tar a a a ajudar e fazer uma diferenciação pedagógica com estes miúdos quando há outros tantos que também precisam pronto aaa por isso (pausa) parece-me que o número de alunos por turma, as poucas horas de apoio que temos por semana, aaa (pausa) a desvalorização da escola pronto aaa tudo isto influencia, é uma barreira, é uma barreira para a igualdade de oportunidades.

Eu: e e do ponto de vista do aluno quais é que são as condicionantes que influenciam a igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: (longa pausa) aaa do ponto de vista do aluno (pausa) se calhar a aaa desvalorização em casa, porque eu acho que a escola tem de tar sempre lado a lado com a família e se a família não for colaborando por mais que nós façamos na escola, em casa é muito difícil. Eles em casa depois também ninguém valoriza, portanto, fazer bem ou fazer mal,

estudar ou não estudar, é igual. Portanto, do ponto de vista do aluno é muito importante o apoio que ele tem em casa pelo menos a nível, há pais que já não têm capacidade para ajudar, tudo bem. O ensino está diferente, há pais com escolaridade baixa, mas se mostrarem interesse “tens que fazer bem”, “olha não sabes esta pergunta à professora que a mãe não te sabe ajudar, mas tens que fazer bem”, “anda faz”, “anda lê”, “anda estuda” quer dizer, esta valorização por pouco que se consiga ajudar os miúdos sentem que a escola é importante. se o pai fizeste ou não fizeste, nem pergunta aaaa olha pronto tá feito (pausa) o miúdo acaba por não valorizar aaa a nível de, na escola eu acho que na perspetiva do aluno se calhar também a falta de apoio que têm às vezes da professora porque a professora não consegue chegar a todos, não é? Aa e nós vemos quando vai lá alguém à sala há uns quantos que parece que chegou a boia salvadora (risos) e coitadinhos e e e... pronto. Porque às vezes também esta imaturidade deles aaa estes programas que agora não estamos aaa utilizar os programas já saíram da utilização, estamos a utilizar as metas e o perfil do aluno, mas mesmo assim ainda são muito ambiciosas para alguns alunos aaaa portanto eles coitados, nós às vezes estamos a explicar no quadro para todos e achamos que aquilo é assim muito fácil e eles não estão a perceber nada. Nem lá chegam porque não têm, não se conseguem abstrair ou não conseguem perceber a ponto de saber do que é que nós estamos a falar pronto, por isso, também a falta de ajuda de apoio acho que também na perspetiva do aluno também é (pausa) é uma barreira para a aprendizagem e para a igualdade de oportunidades.

Eu: Certo. Aa e de, de que maneira é que a organização do ambiente educativo contribui aa para a igualdade de oportunidades e de participação?

Entrevistada: oh contribui, contribui muito né, se nós, se nós planificarmos e se nós tentarmos aaa que, chegar a todos consoante as suas potencialidades e desenvolver as suas competências neste ambiente educativo contribui para esta esta valorização e para esta igualdade de oportunidades (pausa) aaaa às vezes é difícil com tudo o resto que faz o ensino e que perturba não é porque nós sabemos, e a Andreia teve lá na escola nós passamos aaa n minutos aaa resolver problemas de comportamento.

Eu: sim eu sei.

Entrevistada: Pronto, aa (pausa) e e depois a parte pedagógica fica um bocadinho mais para trás, é muito importante a parte da formação pessoal e comportamental e da formação cívica aaa (pausa) mas, mas acaba por influenciar um bocadinho. Se nós tivermos um ambiente em que todos sejam mais sossegados em que se consiga aplicar a diferenciação pedagógica aaa planificar em função das capacidades dos alunos, daquilo que eles conseguem fazer e daquilo que eles conseguem desenvolver, uns mais à frente e outros mais atrás, mas o importante é eles irem caminhando e chegarem lá, cada um ao seu ritmo. Às vezes é diferente são estes ritmos que são todos muito diferentes e não os conseguimos acompanhar todos estes ritmos

aaa quando depois temos uma meta para todos (pausa) às vezes é um bocado assim e e e a quantidade de conteúdos que têm de ser trabalhados e que nós as vezes não temos tempo para os consolidar e é assim aqueles miúdos que até têm mais facilidade de aprendizagem esses aprendem o problema são aqueles que são mais lentos, que demoram mais tempo, que também não são os mais trabalhadores, (risos) que também não são aqueles que fazem mais os trabalhos de casa não é? Portanto isto depois é uma bola de neve. Mas o ambiente é muito importante, um bom ambiente e um ambiente planificado é com certeza facilitador de aprendizagens e facilitador de criar oportunidades para todos.

Eu: certo. Aa eu penso que a professora já foi respondendo a esta pergunta, mas pronto como docente qual pensa ser o seu papel no combate a estas desigualdades de oportunidades e participação?

Entrevistada: pois aaa é eu acho que tenho um ponto essencial, não é? Porque primeiro faço, faço o intercambio entre a escola e a família aaa o facto de passarmos muito tempo com os miúdos nós conhecemo-los e percebemos as suas fragilidades e o que que precisam. Aaa e depois somos também aaa (pausa) os grandes potenciadores para desencadear as ajudas, as terapias, portanto nós melhor que ninguém os conhecemos para perceber o que é que eles precisam no momento aaa e o que é que... quais são as potencialidades e as capacidades de cada um, portanto, nós temos um papel fundamental nesta questão da... facilitação de oportunidades. Mas aaa não somos, de todo, aaa (pausa) os únicos e não conseguimos que a máquina funcione se uma série de recursos que nos rodeios também funcionem, família, terapias, a própria escola, aaa as vezes a CPCJ, aaa os psicólogos tudo isso, portanto, aaa (pausa) estamos envolvidos com uma série de recursos que muitas vezes não temos e que não nos ajudam a facilitar estas aprendizagens e estas oportunidades.

Eu: sim. Aaa quais são os processos que utiliza na planificação das suas práticas para garantir que existe igualdade de oportunidades e participação para todos?

Entrevistada: eu quando, quando estou por exemplo a planificar a minha semana aaaa eu faço a planificação semanal obviamente que dia-a-dia vai sendo alterada, porque se estende um bocadinho mais porque alguém não percebeu ou porque até aquilo não engrenou e pronto... é flexível é uma planificação flexível e quando planifico tento perceber se todos vão conseguir e e e tenho sempre... tento ter instrumentos que ajudem aqueles que têm mais dificuldade a chegar lá, portanto, aaa utilizo a diferenciação pedagógica a nível de fichas de trabalho ou de metodologias ou de valorização das aprendizagens, se calhar há um miúdo que não lê tão bem aaa não interpreta tão bem as perguntas mas a nível oral é muito perspicaz e consegue perceber e e dizer tudo oralmente portanto, não consegue ler é um bloqueio para conseguir escrever e para conseguir perceber o que é dito mas se lhe lermos ou se ele puder responder oralmente ele vai conseguir portanto, há outros métodos de avaliação que não têm

de ser todos iguais para todos os alunos. Além das das fichas e das atividades e do trabalho que é feito diferenciado também a nível de da avaliação aaa (pausa) é é... há diferenciação. E depois eu acho que no dia-a-dia os feedbacks positivos, aaa a valorização do trabalho, aaa um elogio todas estas coisas são facilitadores e motivadores aaa para que eles percebam que também são capazes.

Eu: claro, claro que sim. Aaa então na sua sala o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação? Penso que já mencionou alguns aspetos.

Entrevistada: pronto, é isso. O que é que eu tenho em consideração? É as capacidades e as competências de cada um podem desenvolver e o que é que conseguem fazer e partir daí para eles irem aprendendo aaaa é é (pausa) tentar utilizar recursos que os ajudem, recursos variados que os ajudem a aprender e a chegar aos objetivos e os recursos aaa os recursos humanos, tentar que... ainda hoje cada professora que me vai lá perguntar se eu preciso de ajuda porque era para ir a uma sala e não foi não sei que, eu aproveito esse essas ajudas todas (risos) porque eu acho quanto mais os puder ajudar e individualizar melhor. (pausa) Portanto, penso que é isso.

Eu: e quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: as metodologias de...?

Eu: as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza?

Entrevistada: pronto as metodologias é o que lhe disse.

Eu: sim as metodologias já falámos um bocadinho.

Entrevistada: é a diferenciação pedagógica, os grupos por níveis, aaaa aaaa o trabalho em grupo e a entreajuda entre eles. Por exemplo, agora na leitura ponho sempre a ler a pares, um que tenha mais facilidade com um que tenha mais dificuldade, para o ajudar. A nível dos recursos tento sempre utilizar o computador, a internet aaa o quadro interativo para que todos estejam a ver o mesmo aaa aí é importante porque às vezes eles perdem-se nos livros não estão a perceber do que é que nós estamos a falar e ao visualizarem aaa pronto, acho que que os recursos tecnológicos são muito bons, até porque alguns não têm tantas experiências porque não conhecem determinado tipo de coisas e rapidamente nós vamos à internet e mostramos o que é um pardal ou o que é um guaxinim. Pronto e eles visualizam facilmente. E depois a nível da comunicação tento ter sempre uma linguagem facilitadora e uma linguagem ao nível deles, pronto. (pausa) Falar tecnicamente correto, não é? Utilizar os termos técnicos da matemática e do português corretamente, mas depois às vezes temos de

desbloquear e temos de descodificar para eles perceberem, porque às vezes eles até sabem o que é mas não estão, não entendem por aquele... temos de usar sinónimos e e pronto, uma linguagem que baixe ao nível deles mas de qualquer forma uma linguagem que seja correta e técnica pronto, porque eles também precisam desse rigor não é? Não é abebezado nem é nada disso, eles precisam de rigor, mas há determinado tipo de linguagem que eles não têm maturidade, nem têm muitas vezes esse tipo de experiências para as perceberem.

Eu: certo, e quais são as dificuldades e obstáculos que encontra quando tenta incluir todos na sua prática?

Entrevistada: (suspiro) olhe as dificuldades é a atenção, a atenção deles. eles estão muito, eu acho que eles estão... há miúdos que têm muita falta de atenção/concentração, dispersam-se com muita facilidade, aaa têm muita dificuldade em cumprir regras, em respeitar quando alguém está a falar, em respeitar o outro, aaa e isto é uma grande dificuldade aaa porque nós repetimos 10 vezes a mesma coisa e mesmo assim há sempre alguém que não ouviu aaaa depois a imaturidade, a imaturidade também é eu acho que eles cada vez são mais imaturos, e a falta de competências, eu acho que eles também têm muita falta de competências e cada vez têm mais porque acabam por estar muito isolados com os jogos aaa brincam pouco autonomamente, ou seja, hoje em dia eles vão para os clubes muito cedo, eles estão habituados a estar sempre com alguém ali a com atividades muito direcionadas, na escola a professora direciona aquilo tudo, no clube o professor o treinador direciona, os jogos direcionam porque têm aquelas regras tanto e eu acho que eles têm muita falta de criatividade, de brincar de inventar os seus jogos aaa e isto também dificulta porque depois eles também não têm imaginação, não têm vocabulário, não têm experiências, e acaba também por ser uma dificuldade para as aprendizagens. Pronto e no dia a dia eu confronto-me é com isto, comportamento, comportamento, aaaa regras, aaa falta de saber estar. Eu acho que é muito falta de saber estar, porque eles não precisam de vir a saber ler a saber escrever, eles precisam de vir a saber estar. Têm que saber ouvir, têm que esperar pela sua vez para falar, têm que respeitar, têm que saber que uma tarefa é para ser feita do princípio ao fim aaa, têm que perceber que quando estamos a trabalhar é para trabalhar, há tempo para tudo para trabalhar para brincar e e eles não conseguem, não conseguem e acabamos por... é difícil as vezes trabalhar assim. São estas as grandes dificuldades que eu sinto.

Eu: bem, por fim, pode enunciar algumas práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente.

Entrevistada: é, é as atividades práticas também são muito favoráveis para esse tipo de aprendizagem porque hoje em dia o estar agarrados aos cadernos tudo isso é mais difícil portanto tudo o que sejam atividades práticas também facilita até porque às vezes alguns miúdos que tenham mais dificuldades a nível cognitivo ou a nível de aprendizagem

pedagógica dos conteúdos da escola são miúdos que a nível prático são muito bons, e gostam e às vezes, às vezes não, aprendem muito mais facilmente através das coisas mais práticas.

Eu: bem terminámos a nossa entrevista professora (risos) muito obrigada.

Entrevistada: espero que a tenha conseguido ajudar.

Eu: ajudou muito, obrigada.

Entrevistada 4

Eu: então o tema do meu exercício investigativo é “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças” a nossa entrevista baseia-se então aaaa nesse tema. Assim sendo, podemos dar início à nossa entrevista?

Entrevistada: sim, claro que sim.

Eu: o que o levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: aaaa esta profissão não foi escolhida... foi uma oportunidade que houve depois do 12º ano. O Magistério Primário fechou na mesma altura em que acabei o 12º ano e abriu a Escola Superior de Educação. Embora viesse da área de secretariado, (pausa) que nada tem a ver com a educação, foi uma opção, porque não precisava de sair da área da minha residência. Hoje, acho que é a melhor profissão do mundo por aquilo que me dá. (risos)

Eu: e há quanto tempo exerce a sua profissão?

Entrevistada: Sou professora há 32 anos.

Eu: certo, e qual foi o seu percurso académico?

Entrevistada: tirei 12º ano da área de Secretariado. Depois o curso de Professores do 1º ciclo, acabei em 1989, tirei Licenciatura em 2004, (pausa) aaaa e muitas formações pelo caminho.

Eu: aaa como foi como foi o seu percurso profissional até hoje?

Entrevistada: (suspiro) a dar aulas no ano letivo 1989/90 na área das Práticas de Secretariado no 7º, 8º e 9º anos, mas tinha habilitação mínima, o que me impedia a progressão. (pausa) Depois de 3 anos nesta área concorri ao concurso nacional de professores e aaaa fiquei aaaa vinculada em Setúbal, passei para o quadro de Lisboa e depois para o de Santarém, onde continuo até hoje. (risos)

Eu: Sente que existem diferenças entre o setor público e o privado?

Entrevistada: Nunca trabalhei no privado pronto, mas aaa acho que sim. A começar pelo número de alunos por turma e pelo nível socioeconómico das famílias... logo aaa os resultados têm de ser diferentes, não é?

Eu: pois... e qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: aaaa pronto é o motor que pode desencadear desigualdades a nível das aprendizagens, a nível do desenvolvimento das crianças e a nível aaa (pausa) dos dos resultados. Se todos tivessem as mesmas oportunidades, decerto iria ver-se melhorias significativas nas aprendizagens dos alunos.

Eu: na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a participação e igualdade de oportunidades?

Entrevistada: embora saibamos que a educação é um direito de todos, também sabemos que nem todos têm acesso a ela, (longa pausa) aaaaa na verdadeira acessão da palavra. Cabe à escola fornecer ou ter à disposição dos alunos recursos físicos e não só, para estes ficarem em pé de igualdade com os restantes. Poderão ser computadores, poderão ser currículos alternativos e adaptados aos alunos...

Eu: certo, e sente que existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de participação e oportunidades? Quais? E o que a facilita?

Entrevistada: (risos) penso que existem barreiras a nível de recursos humanos e físicos. Nem sempre os professores têm tempo para se dedicarem às suas turmas aaa existe muito trabalho burocrático, programas extensos, por aí... E conhecerem em concreto o que está por detrás daquele aluno que está sentado à sua frente. Se bem que, no 1º ciclo esta tarefa é facilitada pela dinâmica deste nível de ensino. Se a escola tiver recursos materiais, aos quais os alunos podem aceder em concreto, de certo modo essa igualdade de oportunidades pode ser facilitada.

Eu: certo, aaaaa no seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: na perspetiva do aluno, por vezes o facto de estar sentado num determinado espaço da sala, pode ser um fator condicionante à igualdade de oportunidades, se por exemplo tiver dificuldade em visualizar o quadro, ouvir o professor, não terão a mesma oportunidade de responder acertadamente a alguma questão. Outro exemplo (pausa) poderá

aaaa ser, aaaa se é pedido um trabalho de pesquisa ou outro tipo de trabalho que envolva um computador... o aluno que não o tenha, poderá ser um entrave à sua realização.

Eu: De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: o ambiente educativo deve ser organizado de forma que todos os alunos tenham acesso igual ao que é transmitido na aula, seja a nível visual, auditivo ou icónico. Deve considerar-se também a disposição da sala de aula...

Eu: e aaaa enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

Entrevistada: o papel do professor deve ser, para além de transmitir conhecimentos, facilitar a aprendizagem. Para isso, deve identificar as dificuldades e fragilidades dos alunos aaa conhecendo-os bem e as suas características e organizar o ambiente educativo no sentido de as colmatar, de forma que todos tenham acesso de igual forma aos conteúdos transmitidos.

Eu: pode agora dizer-me quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: tento, ao planificar as aulas, (pausa) ir ao encontro de todas as particularidades dos meus alunos. Tento incluir atividades que todos possam concretizar, para aaaa mediante as suas dificuldades, não se sintam diminuídos ou excluídos.

Eu: na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: respeito os alunos na sua individualidade, dentro da turma a que pertencem e tento que todos os alunos se respeitem e aceitem as diferenças dos outros. Igualdade de oportunidades para mim é também conseguir que um aluno de cadeira de rodas consiga participar num jogo de bola.

Eu: quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: encontrar e desenvolver estratégias que incluam todas as particularidades dos alunos, dar tempo aos alunos para executarem tarefas de acordo com o seu ritmo de trabalho, adaptar as fichas de trabalho/avaliação/outras ao perfil individual dos alunos.

Eu: quais são as dificuldades e obstáculos que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

Entrevistada: não sinto que incluir todos seja uma dificuldade ou obstáculo, (pausa) penso antes ser uma mais-valia e momentos únicos de inclusão, respeito e aceitação por parte de todos.

Eu: aaaa pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

Entrevistada: adaptar a transmissão de um conteúdo de acordo com o público-alvo, permitir a realização de trabalhos diversos de forma diferente da solicitada para ir de encontro aos recursos dos alunos...

Eu: damos por terminada a nossa entrevista (pausa) aaaa obrigada professora.

Entrevistada 5

Eu: bom dia, o meu exercício investigativo intitula-se “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças”. Toda a entrevista é direcionada em torno desta questão. Assim sendo, podemos começar?

Entrevistada: bom dia, sim podemos.

Eu: o que a levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: aaaa bom, aaa eu sempre tive aaa gosto em trabalhar e em aaa em perceber as crianças de um modo geral, desde pequena que sempre tive este gosto e este interesse e acho que também posso ter sido influenciada de forma positiva pela minha família, tanto pela minha mãe como pelas minhas tias que também trabalham neste área enquanto professoras aaa (pausa) portanto sempre sempre me vi mais como educadora mas ao longo do curso e dos estágios também fui ganhando o gosto pelo 1º ciclo aaa neste momento só tenho experiência profissional de educadora e tou a gostar muito e corresponde às minhas expectativas aaa mas acho que também gostava de acho não, tenho a certeza que gostava de trabalhar também no 1º ciclo aaa lá está porque são diferentes faixas etárias e diferentes trabalhos que me que me suscitam interesse.

Eu: certo. E há quanto tempo é que exerce a sua profissão?

Entrevistada: aaa como educadora há dois anos e antes de ser educadora e de estar a terminar a tese trabalhei como professora explicadora aaa com crianças do 6º ano, (pausa) portanto aaa há três anos.

Eu: certo, aaa portanto qual é que foi o seu percurso académico?

Entrevistada: então eu tirei a licenciatura, eu estudei sempre aaa na escola superior de educação em Santarém, tirei a licenciatura em educação básica e depois o mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo aaaa portanto foi tudo em Santarém, ao longo do do percurso académico tive vários estágios tanto na licenciatura como no mestrado aaa nas várias valências, em creche, jardim de infância e no 1º ciclo e (pausa) e pronto e foi assim o meu percurso académico.

Eu: aaa em relação ao seu percurso profissional até hoje penso que já falou um pouco sobre ele, mas quer dizer mais alguma coisa?

Entrevistada: pronto, eu o meu primeiro ano de trabalho como educadora foi em estágio profissional, sendo que, aaa (pausa) pronto nada tem a ver com os estágios que fiz ao longo da do meu percurso académico, porque foi mesmo enquanto educadora aaa aaa estava sozinha na sala com uma auxiliar, portanto, não tinha aaa a educadora da sala. Estava mesmo a substituir uma, portanto, foi tal e qual como se... trabalhar como contrato sem ser em estágio profissional aaaa e pronto e foi assim, este o meu percurso profissional até, portanto, dei as explicações a uma turma de 6º ano, aa depois foi como educadora numa sala de 2 anos em creche e agora sou educadora numa sala multietária dos 3 aos 5 anos, portanto em pré-escolar, (pausa) já passei um bocadinho por todas as faixas etárias.

Eu: muito bem, aaa e sente que existem algumas diferenças entre o setor público e o setor privado? Da sua experiência e também, também dos estágios que realizou?

Entrevistada: aaa eu não trabalhei no setor público, só numa IPSS e agora num privado. Estagiei uma vez no setor público aaa mas pronto, enquanto estagiárias nós não percebemos como é que as coisas se processam mesmo nas escolas não é... para mim o setor público aaaa tava tudo bem, tinha uma educadora, uma auxiliar o número de crianças por sala que é estabelecido aaaa e a meu ver, enquanto estagiária claro, aquilo aaa resultava bem e as crianças eram todas ouvidas e compreendidas de igual forma. Era uma sala multietária aaa e e acho que tinha aspetos positivos porque os mais novos prendiam com os mais velhos e os mais velhos tinham o sentido de responsabilidade e de partilha e de entreajuda para com os mais novos, portanto acho que essas salas são positivas nesse sentido do desenvolvimento da criança. Aaa enquanto educadores aa acho pronto, no ano passado numa IPSS eu tinha uma sala só de uma idade, os 2 anos, e agora no privado tenho uma sala multietária dos 3 aos 5 e enquanto educadora a dificuldade que eu sinto é aaa realmente eles estão em níveis de desenvolvimento diferentes e eu tenho que planear atividades diferentes ou com estratégias diferentes para para as várias idades e para os vários níveis de desenvolvimento pronto porque nem sempre tem a ver com a idade aaa para conseguir chegar a todas as crianças e aquilo que eu tenho sentido este ano no privado é como não se regem por aaa regras que estão pré-estabelecidas como o numero máximo de crianças por sala, o número

mínimo de adultos por sala, portanto, criam um bocadinho as suas próprias regras o que eu tenho sentido aaa na minha experiencia própria é que aaa eu não tenho muito apoio da minha auxiliar, ou seja, eu tou com 22 crianças, portanto, o número está certo porque tenho uma necessidades educativa especial porque se não tinha mais crianças aaa, mas assim como... (pausa) pronto a verdade é que há sempre aaa pessoas a faltar ou por estarem de férias ou por estarem de baixa ou por simplesmente haver falta de pessoal e isso influencia muito o nosso trabalho aaa e torna-se complicado trabalhar com falta de recursos humanos. E pronto, isso que eu tenho sentido é mesmo o facto de eu estar a trabalhar sozinha com 22 crianças, acaba por ser impossível dar a atenção individualizada e privilegiada a cada criança que aaa mesmo não tendo necessidades educativas especiais precisam muito da nossa atenção ainda para mais com uma criança com necessidades educativas especiais que não consegue trabalhar se não estiver só para ela, portanto, eu enquanto adulto numa sala com 22 crianças não consigo dar essa atenção a essa criança e é muito complicado e sinto-me frustrada por sentir que ela não não está a conseguir acompanhar aaa o grupo e o que nós estamos a trabalhar e a desenvolver. Já aaa tentei fazer atividades só com ela e uma vez consegui fazer com ela e com a minha auxiliar enquanto o restante grupo estava a ter a aula de inglês e correu muito melhor porque ela é daquelas crianças que exige realmente muita atenção e que grita muito e que magoa os amigos eee e não consegue trabalhar se não tiver com alguém e quando nós estivemos as duas só para ela correu tudo muito melhor e conseguimos ver que ela realmente consegue fazer as coisas mas aaa com o nosso apoio aaaa e realmente essa atividade correu muito bem. É isso que eu tento colocar nas minhas planificações e na minha operacionalização que é tentar ter momentos só para aquelas crianças que precisam mais da nossa atenção aaa e realmente nessa nessa vez correu muito bem, mas o que é certo é que no dia a dia isto não não é possível ou pelo menos não me tem sido possível realizar.

Eu: muito bem. No seu ponto de vista qual é a importância da igualdade de oportunidades e de participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: (pausa) é importante que exista esta igualdade de oportunidades porque (pausa) cada criança é uma criança e tem as suas necessidades e, portanto, nós temos que adotar estratégias diferentes para cada criança porque elas não aprendem todas da mesma forma aaa quer tenham a mesma idade quer estejam no mesmo nível de desenvolvimento aaa (pausa) nós é que temos de enquanto adulto e enquanto pessoa que percebe daquilo que está a fazer e que estudou para tal é que temos de nos adaptar às crianças e não o contrário (pausa) e portanto se virmos que uma das nossas estratégias não está a resultar e nós até podemos pensar esta estratégia vai resultar muito bem com o grupo todo em geral e depois vemos na prática que isso não acontece, quer seja numa sala multietária ou não, portanto, há sempre há sempre níveis de desenvolvimento diferentes e crianças que não aprendem da mesma forma simplesmente e nós precisamos de adotar essas estratégias e se

nós não adotarmos essas estratégias não vai haver igualdade de oportunidades para as crianças, porque se nós nos focarmos só num determinado grupo aaa o outro acaba por ficar desfavorecido e isso não pode acontecer. É o nosso trabalho é fazer com que todos aprendam e se desenvolvam da melhor forma possível e de igual forma, ou seja, conseguir atingir o nosso objetivo com diferentes estratégias para que seja proveitoso para todas as crianças.

Eu: e para que isso aconteça quais são as metodologias que acha que favorecem a igualdade de oportunidades e de participação para todos? Que metodologias pode adotar para que isso aconteça?

Entrevistada: eu trabalho com a metodologia de trabalho de projeto, ou seja, nós ouvimos muito as crianças e os seus interesses e aquilo que eles querem ou não trabalhar e aaa (pausa) há métodos que aaa só ouvem as crianças que participam mais, ou seja, se nós só partirmos dos interesses das crianças vamos partir sempre dos interesses de uma determinada criança e não de outra porque há outras crianças que são mais introvertidas e não vão dizer nada e portanto nós nunca... se nós trabalhamos sempre dessa forma nós nunca vamos conseguir chegar a outras crianças portanto eu acho que deve haver um equilíbrio, ouvir as crianças mas também proporcionar-lhes aaa diferentes aprendizagens e diferentes temas que se nós enquanto adultos não falarmos eles possivelmente também não se vão lembrar e não vão, não vão ter interesse nesses temas. Por exemplo, se uma criança só gostar de carrinhos e só brincar com carrinhos se nós não lhe mostrarmos outras coisas ela não vai ganhar interesse por outras coisas, não vai procurar outros brinquedos porque não conhece, portanto, acho que enquanto adulto devemos respeitar os seus interesses e acho que sim brinca com os carrinhos que quer, mas também dar-lhe outro tipo de brinquedos para ele também se interessar e alargar os seus aaaa os seus interesses. Isto num exemplo muito... muito básico e muito prático, mas acho que se reflete a nível das aprendizagens, portanto, acho que aaaa devemos partir muito dos interesses das crianças aaaa não esquecendo aquelas crianças que não falam tanto e não são tão ativas a partilhar os seus interesses e, portanto, ouvir sempre essas também e puxar por elas aaa para que consigamos chegar a todos e haver um equilíbrio e que todos participem de igual forma. Que não vão todos participar de igual forma, mas pelo menos chegarmos áquilo que todas gostam, não é? Ao ponto de equilíbrio e que consigamos chegar a todas as crianças e que elas consigam desenvolver-se assim da melhor forma.

Eu: sente que existem barreiras para conseguir proporcionar esta igualdade de participação e oportunidades? Que barreiras acha que existem? E por outro lado o que pensa que facilita esta igualdade? Em relação às barreiras já falámos um bocadinho no início sobre a falta de recursos humanos essencialmente, mas sente que existem mais barreiras?

Entrevistada: aaaa eu, na minha prática (pausa) aaa não sinto que faça isto que vou dizer, mas já vi acontecer em estágios aaa que algumas (pausa) educadoras ou professoras acabam por desvalorizar algumas crianças por saberem que vêm de meios mais desfavorecidos e de famílias mais destruídas. Ou seja, a criança não tem um comportamento adequado na sala de aula aaaa não tem um bom aproveitamento escolar e aaa já vi professoras e educadoras a desistir um bocadinho dessa criança porque ela também vem daquela família e, portanto, não vale a pena e acho que essa não é, de todo, a forma correta de lidar com uma criança. Esta é a nossa função, é o nosso trabalho, foi para isto que nós escolhemos esta profissão, foi para isto que estudámos e as crianças são todas diferentes e nós temos de conseguir chegar a todas elas mesmo que seja mais difícil, mais fácil... portanto é muito giro trabalhar com uma criança que já sabe tudo e que não nos dá problema algum, que se porta muito bem na sala, não destabiliza, ajuda os amigos, já sabe fazer tudo e nem sequer é preciso quase que ensinar porque a criança aprende logo com uma primeira explicação mas as crianças não são todas iguais e não estão formatadas todas para o mesmo, portanto, claro que há crianças com mais dificuldades, mas lá estão precisam de mais atenção nossa e, portanto, não podemos desistir dessa criança, é totalmente o contrário essa criança precisa é de mais atenção, ainda mais. Aaaa e portanto claro que existem famílias diferentes, de classes sociais diferentes, são todas diferentes mas isso não pode significar que (pausa) que seja um caso perdido entre aspas aaa como às vezes eu sinto que pensam, sem querer estar a ser injusta mas foi aquilo que observei ou pelo menos aquilo que entendi de situações que vi aaa portanto acho que nós também não devemos pegar pelas famílias, pelas classes sociais, devemos olhar para a criança como um ser individual e que precisa da nossa ajuda e o que é que podemos fazer para que ela se desenvolva da melhor forma e aprenda os conteúdos que tem de aprender com diferentes estratégias, porque nós é que temos de adotar diferentes estratégias necessárias para conseguir chegar a todas as crianças.

Eu: então no seu ponto de vista outra das barreiras que existem é muitas vezes o preconceito que o professor e o educador têm ou podem ter em relação a uma criança ou aluno?

Entrevistada: sim, certo.

Eu: que vê a criança como disse como um caso perdido logo à partida?

Entrevistada: sim, por vezes... eu não sinto que faça isso não é... e da experiência que tenho que é pouca (pausa) mas já assisti a situações dessas. Se não houver ninguém a puxar por elas as crianças não conseguem auto motivar-se para a escola, portanto, é muito importante que, não havendo esse apoio em casa, haja um apoio e um suporte muito grande na escola ou no jardim de infância.

Eu: pronto esta questão também vai um pouco ao encontro daquilo que acabámos de dizer. Quais são as condicionantes na perspetiva do aluno que influenciam esta igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: sim pode ser (pausa), pode ser então aaaa o facto de os professores olharem para a criança, portanto, pelo preconceito pode ser pelo preconceito que aaa os professores e educadores têm pelas suas crianças ou pelas suas famílias aaa pode ser pela falta de recursos humanos que não ajuda de todo e que pronto nós precisamos de ajuda para colocar as nossas estratégias em prática da melhor forma possível (pausa) pode ser o facto de haver muitas crianças por sala e, lá está, poucos recursos humanos, ou seja, não minha sala há as crianças aaaa o número estipulado mas não há recursos humanos, há outras salas que nem há recursos humanos e há demasiadas crianças na sala e isto não pode acontecer (pausa) porque se nós precisamos de dar atenção individualizada a cada criança tem de cumprir-se o mínimo... eu até acho que as salas deviam ser todas reduzidas, para conseguir, porque é assim isto nos privados depois acaba por ser um negócio e por isso é que há estes fatores todos que não ajudam, porque quanto mais crianças houver mais dinheiro entra na instituição (pausa) a verdade é esta, é um negócio. Aaa mas depois se formos a ver o que é que importa mais? É o dinheiro ou é a estabilidade e o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças? À partida são as crianças, não é? Como é obvio, ou deveria ser obvio aaaa, portanto, eu acho que era um ponto super a favor aaa reduzir-se o número de crianças por sala tanto em pré-escolar como em 1º ciclo (pausa) como em creche... em tudo, em todas as valências porque assim conseguimos dar mais apoio a cada criança e elas precisam porque quer dizer elas saem do seu meio familiar em bebé estão com duas pessoas sempre de volta delas, ou mais, que é o pai e a mãe e a restante família (pausa) e depois vão para uma escola com mais catorze crianças, com duas ou três adultas para eles aaaa e claro que eles aaa pronto não se sentem tão apoiados e importantes como sentiam dantes claro. Faz parte, mas acho que se tivéssemos menos, menos crianças e mais profissionais que que só ajudava que era só uma mais-valia. Todos ficavam felizes.

Eu: e em relação à organização do ambiente educativo, aaa acha que contribui para que haja igualdade de oportunidades e de participação? E em que medida é que contribui?

Entrevistada: aaaa como assim? Organização do ambiente educativo...

Eu: sim, a organização do ambiente educativo pode contemplar várias coisas, desde os recursos materiais disponíveis, desde a forma como (pausa) como é feita a disposição em sala dos mesmos até àquilo que o educador e o professor faz com o que tem disponível. Por exemplo, e em 1ºCiclo se calhar isto torna-se mais evidente, muitas vezes são pedidas coisas que os alunos não têm em casa e então é a escola que tem de proporcionar o ambiente educativo com todos esses materiais e com todos esses recursos de maneira a ser propício a

que todos possam realizar tudo aquilo que é pedido. Por exemplo, agora na situação de pandemia em que estávamos todos em casa isto foi muito evidente, muitas crianças não tinham computadores em casa para conseguirem assistir às aulas ou realizar as atividades propostas. Aaa mais tarde as escolas disponibilizaram alguns computadores, mas nem todos os alunos tinham...

Entrevistada: sim e nem todas as famílias têm acesso à internet também e depois acho que isso sim na pandemia sentiu-se, no confinamento aaaa até posso falar pela minha mãe também que eu via e que dava aulas on-line e que muitas vezes não tinha os alunos todos em aula porque eles não tinham computador ou não tinham internet ou então tinham, mas como também não tinham aquele apoio em casa aaa simplesmente não iam às aulas, pronto. Porque não tinham ninguém a supervisioná-los e acho que isso também é um ponto, lá está, famílias destruturadas que não devemos pegar nisso, mas que muitas vezes também não apoiam a criança porque lá está enquanto eles estão na escola é a escola que consegue dar esse apoio, mas no confinamento em particular a escola não estava em casa das crianças, não é? Não tinha acesso às crianças se elas não participassem nas aulas pelo computador, portanto, mesmo que a criança tivesse computador não fosse, portanto, se os pais tivessem em casa aaa ou a (pausa) aaa com mais... pronto que os apoiassem mais iriam dizer não vá vamos lá eu até te ajudo a fazer etc. E sim acho que isso também não acontecia. Agora em relação à minha experiência, portanto, os materiais aaaa não são pedidos aos pais no meu colégio, o colégio dá os materiais e, portanto, aaaa acabamos por ter aquilo que eu peço basicamente...

Eu: neste caso é mais uma diferença entre o público e o privado. No público a maior parte dos materiais têm de ser os encarregados de educação a comprar e levar para a escola.

Entrevistada: exato, no público pede-se aos pais e depois sim pode haver pais que não têm recursos para comprar os materiais... mas sim acaba por, pronto as famílias mais carenciadas podem não conseguir ter os recursos e os materiais que a escola acaba por pedir... mas acho que isto, pelo que eu tenho visto as escolas até tentam chegar a todos os alunos, porque é assim lá está é mais uma questão de dinheiro e nem sempre se consegue o dinheiro que se quer não é? Para investir nos materiais, mas daquilo que eu vi aaa até existiam professores que iam a casa das crianças dar-lhes os apontamentos, as fichas que eram necessárias para aquelas crianças que não tinham computador poderem participar na mesma, portanto, há professores que fazem isso aaa mas também, ou seja, fazem isso às crianças que sentem que precisam mesmo e que estão empenhadas, mas depois podem não fazer àquelas crianças que sabem que precisam mas que não estão para aí viradas entre aspas e e portanto lá está acaba-se por desvalorizar aquela criança por não ter meios nem ter interesse para fazer aquilo que a escola pede. Acho que são uma série de fatores.

Eu: sim. E nesta questão do ambiente educativo também podem ser considerados os diferentes modelos pedagógicos. Por exemplo, se tivermos uma escola que trabalha muito com a natureza, utiliza muita rua e muitos produtos que a natureza fornece. Será mais fácil promover a igualdade de participação e oportunidades nesta escola ou numa que adotou um modelo pedagógico tradicional e formatado em que as crianças, sejam elas de jardim de infância ou de 1º ciclo, estão dentro de uma sala a maior parte do dia a fazer as atividades muito estereotipadas, de corte e colagem? O que é que pensa sobre isto?

Entrevistada: sim, sim é verdade acaba por não ter que se comprar diferentes materiais porque se aproveita tudo e recicla-se e utiliza-se objetos da natureza aaaa mas acho que como a escola está hoje em dia, portanto, eu acho que isso é aaa (pausa) dá para se fazer em creche e em pré-escolar aaa mas depois numa escola de 1º ciclo não sei pelo menos eu não tenho conhecimento desse tipo, ou melhor, não tenho experiência nesse tipo de escolas e portanto como é tudo muito... mas lá está é tudo muito estereotipado e as coisas podem mudar e devem e estamos sempre em constante mudança e formação, mas tendo em conta que existe um currículo para seguir e acaba por se fazer tudo muito à volta dos mesmos recursos e das mesmas estratégias e (pausa) e pronto e nem sempre é dada essa oportunidade de utilizar esses diversos recursos e essas diversas estratégias, porque para se fazer isso eu acho na minha opinião e naquilo que eu estou a pensar também que tem de se estar mesmo numa escola própria para isso. Uma escola da natureza que valoriza muito o ar livre e essas aprendizagens ao ar livre aaa as escolas, a maioria das escolas são aquelas escolas comuns que nós conhecemos (pausa) que é dentro de uma sala... sei lá, podem fazer diversas visitas de estudo ou ir ao espaço exterior apanhar pronto os recursos da natureza para fazer um determinado trabalho, mas (pausa) a própria escola pede outras coisas, não é? E se calhar não vai aceitar muito bem um professor que vá para lá com essas ideias todas inovadoras e que acho ótimo, mas também tem a ver com a escola e com aquilo que ela defende e os seus valores e a sua forma de trabalhar, portanto. Acho que é ótimo, mas neste momento acho que não que não não dá para fazer ou pelo menos não se faz, portanto, para utilizar essas estratégias é preciso estar mesmo numa escola específica que defenda esses esses valores e essa maneira de trabalhar, mas... mas acho ótimo.

Eu: muito bem, pode dizer-me quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação aaa para todos??

Entrevistada: portanto, aaa penso que já fui referindo alguns desses processos aaa, portanto, acho que é ouvir as ideias, gostos, opiniões de todas as crianças e aaa pronto, depois aaa planificar (pausa) conseguir, portanto, planificar de acordo com isso que que ouvimos delas para depois conseguir dinamizar as atividades criando aprendizagens aaa e pronto (pausa), mas isto aaa claro indo sempre ao encontro dos interesses de cada uma e de todas em

simultâneo. Para, para, (pausa) para que seja possível que aaaa todas tirem proveito do que é realizado. Portanto, penso sempre naquilo que eles vão ser, ou não, não é pronto (pausa) aaa vão ser ou não capazes de realizar e também se vão gostar e se se relaciona com aquilo que eles demonstraram interesse.

Eu: certo. E enquanto profissional de educação qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

Entrevistada: pronto é isso, eu acho que é ouvir todas as crianças, chegar a todas as crianças com diversas estratégias, porque nós adultos é que temos de nos aaa aaaa temos que nos adaptar a eles e não o contrário e, portanto, aaa nós é que temos de fazer de tudo e arranjar as diversas estratégias para que todos consigam chegar ao nosso objetivo final que é a aprendizagem, o desenvolvimento, a integração aaaa, portanto nós temos de fazer isso tudo e dar atenção individualizada tem que se tentar e lutar para que isso aconteça porque sabemos que é difícil e não há recursos mas temos que nos desdobrar... não é fácil mas temos que nos desdobrar para conseguir chegar a todos porque o nosso principal interesse, ou pelos menos devia ser, o nosso principal interesse é a criança, ela tem de estar no foco da nossa prática pelo menos é assim que eu vejo as coisas e que deve ser não é? Nós trabalhamos para eles e temos que que arranjar diversas estratégias para chegar a eles e para que eles não se sintam desamparados. Isto não é só nas aprendizagens é também no apoio que lhes podemos dar, o saber a sua vida, pode estar a passar por dificuldades em casa ou problemas e precisa de falar e às vezes não tem o apoio ou à vontade para falar ou com a família ou com os amigos e acho que temos de ser nós também a ter esse papel. Chegar à criança e perceber a ajuda que ele precisa (pausa) para uma melhor relação aaa com os alunos, já nem falo da relação escola família, mas com os alunos/crianças que é este o tema também desta deste trabalho investigativo.

Eu: também penso que já foi falando um bocadinho sobre isto, mas aaa na sua sala o que tem em consideração para que haja uma igualdade de oportunidades e participação para todos?

Entrevistada: pronto aaa isso nem sempre é fácil, porque eu estou sozinha, mas aaa pronto tento sempre arranjar estratégias ou aproveitar com a minha criança com necessidade educativa especial aproveitar os momentos em que o grupo está com outra professora para conseguir trabalhar com ela, ela também tem uma terapeuta do desenvolvimento especializada para o seu desenvolvimento e motricidade e que é só para ela, mas acho que é muito importante e neste momento não dá para ser feito mas já falei com essa terapeuta e também com a diretora que achava importante essa terapeuta também estar em sala...

Eu: ia questionar isso mesmo, a terapeuta está sempre dentro da sala? Ou apenas em alguns momentos?

Entrevistada: não está em sala... a criança é levada para outra sala e duas horas semanais, divididas em dois dias aaaa e que a leva para outro sítio ou porque já são 17 horas e eu já sai e também acho que essas terapias não devem ser feitas a essa hora, porque a criança já está cansada de todo o dia e acho que não é o mais produtivo aaa, portanto aí acho que é um fator menos positivo, depois acho que o facto dela não estar em sala... porque podia-me ajudar aa aa, ou seja, a que ela ouvisse as mesmas coisas que os outros e fizesse o mesmo trabalho que os outros, mas com aquele apoio especializado que eu sozinha não consigo e com essa terapeuta aaa seria facilitado, não é? Aaaaa (pausa) depois tento aproveitar assim os momentos para dar essa atenção individualizada a essa criança que precisa ainda mais de atenção do que as outras crianças, em relação às outras aaaaa é é adotar diferentes estratégias, é enquanto uns estão a fazer uma coisa eu ajudar os outros que têm mais dificuldade nessa determinada tarefa aaa mas pronto... eu gostava também de dizer mais coisas sobre a minha prática mas não... também não tenho muito essa experiência porque sinto realmente que não tenho muito apoio também para mim, portanto, sinto que não estou a fazer o trabalho de forma mais correta com eles e como gostaria por também não ter este apoio, portanto, aquilo que eu penso e poderia fazer não está a ser colocado em prática, portanto, acaba por ser um bocadinho aaaa (pausa) não sei... não muito correto da minha parte dizer aquilo que faço ou não porque realmente adorava fazer, porque sei ou claro que sei que estamos sempre a aprender, mas sei o mínimo daquilo que deveria fazer mas não consigo fazer e, portanto, isso também me deixa descontente e não chego a todas as crianças e sei disso mas não é por falta de vontade é por falta de recursos.

Eu: Quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: por exemplo, as formas de comunicação que ainda não falei aaaa as crianças não aprendem todas da mesma forma como já foi dito aaa e há crianças em que eu posso dar uma indicação e ela compreende e faz e não precisa de ajuda. E há outras crianças que precisam ou que eu lhes diga várias vezes ou que eu arranje diversas maneiras de dizer a mesma coisa e que precisam sempre muito de justificação, não basta eu dizer aaaa vai para ali porque é assim ou faz isto porque é assim não... há crianças que precisam e quer dizer acho que isto também parte de nós eu não vou dizer a uma criança faz isto porque é assim e pronto ou por que eu quero, não é? Mas há mesmo crianças que precisam ainda mais desta justificação e desta forma de falar com elas, ou seja, elas têm sempre muita curiosidade, pelo menos, no meu grupo de agora nesta faixa etária dos 3 aos 5 anos eles têm muita curiosidade

por tudo, por tudo o que nós dizemos, por tudo o que os rodeia e querem sempre saber mais e mais e mais aaaa e e e há crianças que não percebem uma coisa que eu digo e perguntam sempre, mas porquê? E pode haver também educadoras e professoras que simplesmente não têm paciência para lhes explicar, não é? E pronto às vezes nem sempre o discurso é o mais correto e depois a criança nem vai perceber o que dissemos, nem vai fazer nada e, portanto, não vai chegar a lado nenhum e, portanto, estamos nesta bola de neve, portanto, mais uma vez acho que é o papel do educador e do professor chegar a essas crianças e terem eles a paciência de lhes responder e explicar quantas vezes for necessário e arranjar várias formas diferentes de discurso para que todas consigam entender.

Eu: e quais são as dificuldades e obstáculos que encontra quando tenta incluir todos na sua prática? Já mencionou alguns, essencialmente a falta de recursos humanos.

Entrevistada: sim, eu tenho de fazer sempre, sempre não mas a maioria das atividades tem de ser em pequenos grupos aaa, porque em grande grupo eu não consigo chegar a todos, lá está, e vão haver sempre crianças que vão ficar de fora por si próprias porque como não conseguem fazer e estamos a fazer em grande grupo não vão participar e não é esse o meu objetivo, portanto, quando faço pequenos grupos tento sempre aaa juntar as diferentes idades, os diferentes níveis de desenvolvimento, as crianças mais introvertidas com as mais extrovertidas, as que participam mais com as que participam menos aaa para que se entrem ajudem e que aprendam umas com as outras aaaa nas atividades em grande grupo é mais em jeito de reflexão aaa e sinto que mesmo as crianças mais... por exemplo, um exemplo muito prático, nós à segunda-feira partilhamos o fim-de-semana e acho que isso é muito importante para que as crianças adquiram o à vontade para falar em grupo, partilhem os seus interesses aaa aquilo que fazem em casa que é muito importante para eles e que transportem isso para a escola para que também percebam que existe esta relação escola família aaa e mesmo as crianças mais introvertidas eu não passo simplesmente à frente se não quiserem dizer grande coisa ou se demorar muito tempo a falar, porque há muitas crianças que ficam nervosas e e gaguejam muito e às vezes o mais fácil é passar à frente e dizer pois está bem, ou então as crianças que falam muito muito muito e já nem sequer estão a falar do fim-de-semana dizer-lhes está bem vamos passar à frente e pronto não é, de todo, o mais correto e eles já sabem que naquele momento todos têm oportunidade de falar e de dizer aquilo que querem, tento focar-me naquilo que é importante para eles também não divagarem e saberem daquilo que estamos a falar, digo sempre é muito interessante aquilo que estás a dizer mais podemos falar sobre isso mais tarde, para eles também se concentrarem e saberem realmente os temas que nós estamos a trabalhar e aquilo que é suposto ser falado e partilhar naquela altura, porque se não também nesta idade eles começam a desbobinar tudo e aaa e não avançamos não é? Se eu lhes der esse tempo nós ficamos o dia todo a falar, o que é ótimo, mas mas pronto eles também têm de perceber que há espaço para (pausa) para o amigo falar

que eles também têm alguma dificuldade aaa só querem eles partilhar e não querem ouvir e, portanto, temos de também partilhar essa parte do ouvir e não só falar aaa e, portanto, pronto lá está sem eu incluir todos eu acho que não dá para incluir todos numa atividade, ou seja, tenho de fazer pequenos grupos para incluir todos, para conseguir arranjar estratégias para cada grupo e para conseguir adaptar as atividades a cada grupo em específico para que consiga então incluir todos na mesma atividade, mas aaa ir fazendo aos poucos e utilizar aaa diferentes estratégias, mas sim uma das dificuldades, das grandes dificuldades é mesmo essa, são os níveis de desenvolvimento deles que são muito diferentes, cada criança tem as suas características há umas que precisam de mais atenção aaa do que outros e que eu por ter falta de recursos humanos não consigo chegar a todas, tanto eu como outras educadoras que também estão sozinhas e que se torna muito complicado.

Eu: por fim, pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de oportunidades e participação para todos... que podem ser adotadas pelo docente?

Entrevistada: (pausa) então eu acho que é isso, é focar em cada criança e nas suas necessidades, tentar adaptar aquilo que fazemos a cada uma. Tentar ir ao encontro de cada uma, ouvir os seus interesses, partir sempre daquilo que elas gostam e mostram curiosidade, por exemplo, se uma criança diz que tem muita curiosidade pelo sistema solar numa conversa informal, o docente o educador tem de ter esta sensibilidade para perceber mesmo nas conversas entre crianças ou com o adulto de perceber quais são os seus interesses para chegar a eles, porque é muito mais fácil e produtivo fazer atividades... portanto, nós temos uma série de objetivos que nós devemos desenvolver ao longo do ano não é? Mas nós podemos utilizar várias estratégias para chegar ao mesmo objetivo e acho que é muito mais proveitoso para as crianças partirmos dos seus interesses e daquilo que eles gostavam de trabalhar do que simplesmente fazer uma coisa que eu gostava, portanto eu gostava de trabalhar as baleias, mas eles gostavam de trabalhar os golfinhos e são ambos animais marinhos, porque é que eu vou levar a minha avante e trabalhar as baleias quando sei que eles têm mais interesse nos golfinhos? E vão aprender mais se for do interesse deles, portanto eu acho que é muito isso devemos ouvir ouvir ouvir ouvir muito aquilo que as crianças dizem aaaa e chegar aos seus interesses e assim conseguir arranjar um equilíbrio daquilo que é suposto nós desenvolvermos nesta faixa etária e aaa conseguindo chegar aos seus interesses, acho que é uma aprendizagem muito mais ativa desta forma.

Eu: muito bem, podemos dar por terminada a nossa entrevista. Muito obrigada.

Entrevistada: obrigada.

Entrevistada 6

Eu: boa tarde, o tema do meu exercício investigativo é o seguinte “Como é que o processo, a conceção, a planificação e a operacionalização das práticas educativas no Jardim de Infância e na Escola promovem a participação e igualdade de oportunidades para todas as crianças” e toda esta entrevista está direcionada para o mesmo. Podemos começar?

Entrevistada: boa tarde, sim podemos começar.

Eu: portanto, o que a levou a escolher esta profissão?

Entrevistada: (suspiro) muitas pessoas que estão de fora acham que é por gostar de crianças (risos) mas... mas (pausa) para mim, gostar de crianças não chega (pausa). Acho que querer mudar e...e...e querer aaa partilhar aaa aquilo que sei com os outros me fez tomar esta decisão (risos). Gosto muito de ensinar aaaa gosto muito de poder ajudar aaaa uma criança ou... ou um aluno a crescer (pausa). Acho que é muito aaaa gratificante poder fazer parte do crescimento de uma criança aaa, acho que já não sei bem porque escolhi esta profissão (risos) mas sei porque o quero continuar a... a... a fazer. Acho que é isto (risos).

Eu: e á quanto tempo exerce a sua profissão?

Entrevistada: ainda não exerço, infelizmente... (pausa) sou recém-formada. No entanto, enquanto terminava o relatório de estágio estive um mês a trabalhar como professora do prolongamento num Jardim de Infância com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

Eu: então, diga-me qual foi o seu percurso académico?

Entrevistada: aaaa comecei por entrar para a... a licenciatura em aaaa educação básica, e há dois anos entrei para o mestrado em.. em (suspiro) educação pré-escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Eu: como foi o seu percurso profissional até hoje?

Entrevistada: Aaa, posso falar nos estágios... então eu acho que os...os estágios são locais de grande aprendizagem e de definição de... daquilo que queremos ser e que queremos fazer. Fiz quatro estágios no mestrado aaaa, um em creche, um em jardim de infância e dois em... em primeiro ciclo. (pausa) Acho que principalmente, foram (pausa) tempos de aprendizagem.

Eu: certo, e sente que existem diferenças entre o setor público e o privado?

Entrevistada: (pausa) enquanto estagiária, não senti grandes diferenças... (suspiro) e sobre aquilo que oiço não posso muito falar... acho que só quando tiver na... na prática é que vou compreender em que medida são... são diferentes e de que forma essas (pausa) diferenças se acentuam...

Eu: qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na concepção e desenvolvimento da prática educativa?

Entrevistada: eu acho que (suspiro) nunca há igualdade de oportunidades... penso que tenha... que tem muito a ver com aquilo que vem de casa... Por isso é que acho que para não se acentuarem as diferenças (pausa) um educador ou professor deve procurar ir pelo mais básico... digamos assim (pausa) deve tentar compreender aquilo que está ao alcance de cada um para que...que... consiga desenvolver atividades, por exemplo, sem acentuar as diferenças...Em relação à... à igualdade de participação, acho que depende muito daquilo que o professor ou educador faz, acho que é fundamental (pausa) necessário que todos participem para que se sintam parte integrante de... de todo o (pausa) processo... Penso estar a fazer-me entender...pronto e acho que é isto aaa é importante que haja igualdade para que todas as crianças tenham tenham a mesma oportunidade de conseguir singrar na vida aaa no geral e no seu percurso académico, porque não faz sentido serem negadas algumas coisas a uma criança só porque ela não tem um computador em casa, por exemplo. Ou porque não consegue fazer as coisas ao mesmo tempo dos colegas ou no tempo que nós, adultos, achamos que é suposto que seja feito.

Eu: muito bem, na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a participação e igualdade de oportunidades?

Entrevistada: (suspiro) penso que dando oportunidade a todos de participar, de se expressarem... (pausa) penso que isso poderá facilitar a igualdade.

Eu: existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de participação e oportunidades? Quais? E o que a facilita?

Entrevistada: Penso que o número de alunos dentro de uma aaaa (pausa) de uma sala pode condicionar a igualdade de participação, porque aaaa a gestão de todos os alunos complica o... o processo. Se os recursos não forem adaptados ao grupo, mas... mas principalmente a cada criança ou aluno, pode também dificultar aaaa (pausa) porque o que é adequado para um não é... pode não ser adequado para outro e assim a igualdade de oportunidades de se desenvolver não será (pausa) igual para aquele a quem o recurso se...se adequa e para aquele em que o recurso não está adaptado. Penso que aaa (pausa) também o nível sócio económico das famílias aaa penso que pode ser uma barreira, porque muitas vezes aaa (pausa) muitas vezes esses pais têm menor aaa menor grau de escolaridade e consequentemente acho que que (pausa) que podem não acompanhar tanto as crianças pronto e não conseguir proporcionar-lhes experiências diversas acho que sim. E também aaa penso que essas famílias trabalham muitas horas aaa (pausa) acabando se calhar por nem

ter tempo, isso pode nem ser uma vontade da família mas se não há tempo também aaaa pronto aaa não há nada a fazer.

Eu: no seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspectiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: aaa penso que o sentimento de não pertença a um grupo ou... ou... este poder sentir-se inferior aos outros... poderá fazê-lo sentir desigualdades... na minha opinião (pausa) acho que se uma criança se recusa a participar pode colocar uma barreira na atuação do adulto na sala... no entanto (suspiro) penso que muitas vezes, e por práticas observadas... aaa acabam por colocar essa criança um pouco de parte... eu acho que é importante estimular essa criança e levá-la a ter... aaaa... a ter... à vontade para participar... Penso que haver um bom ambiente de partilha e de reflexão com o grupo poderá facilitar este... aaa... este processo.

Eu: de que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade de participação e oportunidades?

Entrevistada: aaaa (pausa) existindo um ambiente educativo pensado por todos e para todos, a igualdade surgirá de forma mais natural e significativa para aqueles que... aaa fazem parte do processo... uma organização do tempo, da... da sala, dos materiais e... e... e a própria relação com os diferentes aaaa intervenientes, não é? Deve estar pensado de forma a proporcionar a todos as mesmas experiências, mesmo que... que as sintam de forma diferente... eu penso que é importante ter, acima de tudo, aaa em atenção as... as necessidades e características das crianças para que seja facilitador (pausa) de tudo aquilo que se... que acontece ao longo do dia. (pausa) também acho que se deve pensar sempre naquilo que pedimos (suspiro) muitas vezes ao longo do ano educadores e professores pedem... pedem diferentes materiais e muitas vezes os pais não podem comprá-los por dificuldades a... a vários níveis, não é? Então isso provoca desigualdade de oportunidades porque uns podem realizar a atividade e ter... ter aprendizagens e outros não... Se a escola conseguir trabalhar com... com aquilo que têm, penso que acaba por ser mais... mais fácil... melhor... (pausa) por exemplo, uma escola que se oriente por...por um modelo que valorize, não é? Que valorize materiais naturais... materiais como folhas, pedras ou... ou ramos, por exemplo (risos) é mais fácil que todas as crianças ou alunos consigam levar estes materiais que, na minha opinião (risos) acaba por levar a uma aprendizagem mais... mais significativa e concreta de... por manusearem o real do quotidiano!

Eu: pensa que os diferentes modelos pedagógicos podem ter influência na igualdade de oportunidade e participação?

Entrevistada: Sim, eu acho que... que sim. Tal como estava aaaa a falar anteriormente, se existir um modelo pedagógico que... que prioriza os materiais naturais será mais aaa mais fácil que todos tenham acesso... Num modelo que valorize menos, digamos assim, não é? Que valorize menos estes materiais naturais e de fácil acesso (pausa) poderá levar a desigualdades porque... porque provavelmente nem todos poderão ter acesso, nem todos poderão comprar ou assim...

Eu: certo, enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

Entrevistada: penso que adotar medidas que as façam sentir integradas que... (pausa) proporcionar um ambiente facilitador de partilha e de exposição de... de sentimentos, por exemplo, e... e dar a todas as crianças essa liberdade, digamos assim, aaaa, poderá contribuir para aaa pelo menos acentuar essas desigualdades...

Eu: muito bem e quais são aaaa os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

Entrevistada: bem (pausa) eu só planifiquei em contexto de estágio, mas penso que é uma questão que tem de ter-se em consideração desde sempre, não é? (Pausa) aaaa, portanto, aquilo que eu, que eu tentava sempre fazer era planificar pensando naquilo que todos conseguissem fazer aaa (pausa) por exemplo estagiei uma vez em jardim de infância numa sala com um grupo que tinha uma criança com paralisia cerebral, e tentei sempre incluir essa criança em todas as dinâmicas mesmo que as vezes sentisse que era complicado, porque efetivamente não existia a mesma mobilidade nem a mesma predisposição para as atividades, mas aaa pronto aaa penso que essa é a nossa missão como profissionais, profissionais de educação. Fazer com que todos estejam incluídos nas nossas práticas. Pronto (risos) é isso que penso e espero conseguir fazer um dia.

Eu: muito bem, aaaa na na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação para todos? Baseando-se nos estágios que realizou, porque nessa altura a sala também era sua (risos).

Entrevistada: penso que o que é importante aaaa ter em consideração é se todas as crianças ou...ou alunos participam em momentos de... de decisão de diversas coisas aaa penso que isto é importante.

Eu: sim e quais aaa são as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidade para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

Entrevistada: pronto, é assim... (pausa) o que eu penso é que aaaa devemos sempre tentar arranjar diferentes estratégias para conseguir chegar a todas as crianças ou alunos e e e pronto isso só (pausa) é aaa só é possível se conhecermos muito bem todas as crianças ou alunos do grupo com quem estamos a trabalhar não é... eu acho que é isto primeiro temos de fazer um trabalho muito exaustivo aaa de conhecimento de todos pronto... e isso nunca, aaaa nunca (pausa) esse trabalho nunca está terminado não é? Mas pronto é isso, aaa (pausa) conhecer muito bem todos os elementos do grupo e daí partir para uma diferenciação pedagógica, para um trabalho individualizado e apoiar cada um naquilo em que tem mais dificuldade... acho eu, é isso. Pronto e isto efetivamente só acontece se existirem condições para isso... menos alunos por sala, professores de apoio, terapeutas... sempre em simultâneo dentro da sala. (pausa) Acho que é isto. Não pode ser chapa sete como se costuma dizer, não é? O que resulta com uma criança pode não resultar com outra. Acho aaa importante adaptamos a nossa prática aaa pronto, ao grupo com que estamos a trabalhar. Não podemos seguir-nos por um modelo e utilizá-lo até à exaustão sem ser repensado, não é?

Eu: e quais são as dificuldades e obstáculos que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

Entrevistada: Penso que a recusa pela participação por... por parte de alguma criança poderá ser um obstáculo...

Eu: acha aaa que aaa pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

Entrevistada: A participação de todos em decisões, como aaa mudanças de mobiliário aaa mudanças de lugares aaa (pausa) trabalhos a realizar, jogos ou atividades que querem experimentar... Há que aaaa ter também atenção àquilo que... que as crianças têm para nos oferecer... aaa o que trazem para partilhar... como uma questão pode dar uma volta a tudo o que estava planeado... acho que a opinião e levarmos a que participem pode ser aaaa (pausa) pode favorecer a igualdade de oportunidades. Acho que... que falar de questões relacionadas com este tema... facilitará também... por exemplo aaa falar na desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres aaa para que possam também refletir sobre o assunto e aprender aaa tendo em conta contextos da sociedade aaa real, não é? Tentar que cresçam aaa e se desenvolvam de forma aaa saudável.

Eu: bem, aaa damos por terminada a nossa entrevista. Quer acrescentar mais alguma, aaa alguma informação que aaa pense ser pertinente?

Entrevistada: penso que não, obrigada.

Eu: obrigada eu.

5.3 Análise das respostas de cada entrevistada

Entrevistada 1

Tabela 3- síntese entrevistada 1

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão? - Há quanto tempo exerce a sua profissão? - Qual foi o seu percurso académico? - Como foi o seu percurso profissional até hoje? - Sente que existem diferenças entre o setor publico e o setor privado? - Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa? - Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades? - Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita? - No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades? - De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?	- Sempre disse que seria educadora; - Há 26 anos; - Ingressou pela área de humanísticas no secundário e entrou em Educação pré-escolar na faculdade; - O seu primeiro trabalho foi numa IPSS, com um estágio profissional, depois trabalhou 15 anos numa instituição privada e, o fim desse tempo, foi trabalhar para o público onde se mantém até hoje; -No setor privado não existia controlo da parte pedagógica e era feita uma pressão aos profissionais para que tudo estivesse feito, mesmo que fosse só para “as aparências”. - É importante para a realização pessoal do educador e para que o seu trabalho faça sentido; - Utilizar a metodologia de trabalho de projeto e o movimento da escola moderna; -Elevado número de crianças por sala, ritmo de vida de cada família, envolvimento em projetos externos que retira algum tempo à dinâmica da sala. O maior facilitador é a liberdade que é dada às educadoras para a elaboração dos projetos; - Falta de apoio em casa, desvalorização da escola e do que é feito, a falta de capacidade económica das famílias e a diversidade cultural; - Pensa que pode ser criado um ambiente educativo que permita às crianças ter contacto com diversos materiais que não têm acesso em casa;

- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?	- O profissional de educação deve conhecer bem o seu grupo para conseguir criar dinâmicas que atenuem as desigualdades existentes.
- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?	- Tenta adaptar as ideias das crianças às suas propostas, gerir o tempo de maneira que todas disfrutem da experiência com qualidade, faz reflexões e avaliações diárias quer permitem perceber o que as crianças pensam sobre o que está a ser realizado e adaptar a prática a essas mesmas ideias;
- Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?	- Dá oportunidade a todas as crianças para que todas sejam ouvidas e utiliza as planificações como isso mesmo, um plano, não sendo uma obrigação e sendo a mesma flexível e adaptável de acordo com as necessidades das crianças;
- Quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?	- Utiliza quadros onde as crianças podem escrever as suas propostas sobre temas que gostem ou que lhes desperte interesse e curiosidade e listas de crianças em cada área da sala para saber com que frequência uma criança utiliza cada área;
- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?	- Grupos muito grandes de crianças que não permitem o acompanhamento individualizado de cada um;
- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?	- Tentar dar a mesma atenção a todos para que seja possível ir ao encontro das necessidades de cada um em específico e de todos no geral.

Entrevistada 2

Tabela 4 - síntese entrevistada 2

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão?	- Escolheu diversas áreas quando se candidatou ao ensino superior e, na altura, esta pareceu-lhe ser a escolha mais acertada;
- Há quanto tempo exerce a sua profissão?	- Exerce a sua profissão há 30 anos;
- Qual foi o seu percurso académico?	- Fez bacharelato em educação de infância, depois realizou uma licenciatura em educação de

- Como foi o seu percurso profissional até hoje?

- Sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado?

- Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

- Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades?

- Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita?

- No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

- De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?

- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

adultos e animação comunitária e, por fim, realizou um mestrado em supervisão pedagógica;

- Trabalhou em duas IPSS, a primeira durante três meses, a segunda é onde trabalha até aos dias de hoje;

- Sente que existem diferenças entre os dois setores, no privado existem mais crianças por sala, os horários são mais exigentes para os educadores, existe mais pressão para que sejam atingidos certos resultados e também o nível socio económico das famílias é superior, comparativamente ao setor público.

- A igualdade de oportunidades faz parte dos direitos de todos e deve ser tida em consideração como tal em todas as práticas pedagógicas, independentemente do grau de ensino;

- Tenta dar às crianças livre escolha sobre assuntos importantes e tomadas de decisão, privilegiando a criança como agente ativo na sua própria educação;

- Considera que todas as crianças têm as mesmas oportunidades e, portanto, não existem barreiras;

- Pensa que não existem condicionantes, na perspetiva do aluno, que dificultem a igualdade de oportunidades e participação;

- Pensa que o ambiente educativo deve ser centrado na criança e no grupo, sendo ele um facilitador das aprendizagens e do desenvolvimento;

- Conhecer tanto as crianças como as suas famílias para poder apoiá-las em todas as situações necessárias quer sejam elas pedagógicas, emocionais, afetivas...

- Ter sempre uma intencionalidade educativa naquilo que é feito e conhecer muito bem todas as crianças e conhecer os seus interesses;

- Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?
- Quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?
- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?
- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

- Respeitar a individualidade de cada um, fazer uma observação constante das dinâmicas entre as crianças e fazer também reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas;
- Fomentar a participação ativa de cada criança nas tomadas de decisão;
- Pensa que mostrar-se sempre disponível para a criança e para a sua família é favorecedor para que todos se sintam parte integrante de um todo;
- Escutar as crianças e tudo o que têm para dizer, tentar compreender o porquê das suas ações, aceitá-las como são com todas as suas especificidades, incentivar a livre escolha, a participação nas tomadas de decisão, a participação em ações solidárias, participação cívica, a entreaajuda, a cooperação...

Entrevistada 3

Tabela 5 - Síntese entrevistada 3

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão? - Há quanto tempo exerce a sua profissão? - Qual foi o seu percurso académico? - Como foi o seu percurso profissional até hoje? - Sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado? - Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?	- Sempre gostou muito de desporto e de trabalhar com crianças; - 23 anos; - Licenciatura em educação básica vertente de desporto feita na ESE e depois fez várias formações na área do 1º Ciclo do Ensino Básico; - Os primeiros 5 anos de trabalho foram como professora de educação física e os restantes 18 como professora do 1º Ciclo do Ensino Básico; - Sim, pensa que no setor privado só estão os alunos cujos pais têm boas condições financeiras e que são essas as famílias que mais valorizam a escola e, portanto, dão mais apoio às crianças e alunos em casa. - Apoiar os alunos que não têm tanto suporte em casa, fazendo um trabalho mais individualizado com cada um;

- Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades?

- Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita?

- No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

- De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?

- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

- Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?

- Ensino individualizado, diferenciação pedagógica, trabalho colaborativo entre alunos, utilizar materiais disponíveis na escola para que todos tenham acesso aos mesmos;

- Número de alunos por turma muito elevado, falta de terapeutas na escola, pouco tempo de acompanhamento com os terapeutas;

- Desvalorização da escola por parte dos pais, não existir um interesse dos mesmos naquilo que é feito na escola;

- Pensa que é muito importante um ambiente educativo onde haja formação pessoal e social para que os alunos se respeitem entre si, um ambiente bem planificado e organizado é facilitador para a criação de oportunidade para todos;

- Pensa ter um papel essencial, porque faz o intercambio entre a escola a família, é o professor que passa mais tempo com as crianças e com os alunos, portanto, ele conhece-os muito bem e é o alerta para desencadear apoios e terapias necessários. O docente percebe quais as potencialidades e capacidades de cada um e assim consegue facilitar a igualdade de oportunidades.

- Quando planifica pensa sempre em todos os alunos, utiliza a diferenciação pedagógica nas fichas de trabalho, metodologias e valorização das aprendizagens, no sentido em que devem ser valorizadas as capacidades do aluno e não só as fragilidades. Também faz diferenciação na avaliação. No dia-a-dia tenta valorizar as conquistas de cada um, elogiando os alunos para que todos percebam que são capazes;

Tem em consideração as competências de cada um, tenta arranjar recursos, principalmente humanos, para conseguirem fazer um acompanhamento mais individualizado;

- Tenta potencializar as capacidades de cada um, utilizar recursos variados e ter sempre

- Quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

auxílio de um outro docente a fim de conseguir apoiar individualmente cada aluno;

- Utiliza a diferenciação pedagógica, o trabalho em grupo, a entreajuda, por exemplo, na leitura coloca os alunos a ler a pares, sendo que um tem bastante facilidade a ler e outro tem alguma dificuldade, tenta utilizar sempre o computador e acesso à internet projetando no quadro interativo para que todos consigam estar a ver o mesmo. A nível da comunicação tenta sempre ter uma linguagem correta, contudo, adaptada à idade do grupo, nunca os inferiorizando, mas pensando sempre que são crianças e, portanto, às vezes precisam de mais explicação. Aquilo que para os adultos pode parecer obvio para eles não é, então cabe ao professor conseguir dizer a mesma coisa de várias formas, mas sempre com uma linguagem cuidada;

- Considera que os alunos têm muita falta de atenção, têm dificuldade em cumprir regras, não respeitam o outro. Pensa que existem muitos problemas de comportamento o que faz com que se passe muito tempo a resolver estas questões e pouco tempo a lecionar os conteúdos;

- Pensa que as atividades práticas são mais favoráveis à aprendizagem.

Entrevistada 4

Tabela 6 - síntese entrevistada 4

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão?	- Não escolheu propriamente esta profissão, teve a oportunidade de ingressar na Escola Superior de Educação, apesar de ter vindo da área do secretariado, porque assim não tinha de sair da sua área de residência;
- Há quanto tempo exerce a sua profissão?	- É professora há 32 anos;
- Qual foi o seu percurso académico?	

- Como foi o seu percurso profissional até hoje?

- Sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado?

- Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?

- Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades?

- Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita?

- No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

- De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?

- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

- Tirou o 12º ano na área do secretariado e, depois, frequentou o curso de professores do 1º Ciclo;

- Deu aulas na área das Práticas de Secretariado nos 7º, 8º e 9º anos, passados 3 anos concorreu ao concurso nacional e deu aulas em Setúbal, Lisboa e Santarém;

- Pensa que sim, nomeadamente, o número de alunos por turma e o nível socioeconómico das famílias.

- Pensa que se todos tivessem as mesmas oportunidades iriam ver-se melhorias nas aprendizagens;

- Nem todas as crianças têm acesso à escola, apesar de ser um direito de todos. A escola deve fornecer todos os meios necessários para que todos estejam em pé de igualdade;

- Pensa que existem barreiras a nível de recursos humanos e físicos, existe muito trabalho burocrático, os programas são bastante extensos;

- Lugar onde está sentado na sala, trabalhos pedidos que envolvam a utilização do computador em casa, quem não tem não poderá realizá-lo;

- Deverá ser organizado de maneira que todos tenham igual acesso ao que é transmitido na aula;

- O professor deve facilitar a aprendizagem e para isso deve identificar as dificuldades e fragilidades dos alunos e organizar o ambiente educativo no sentido de as colmatar.

- Tenta planificar as aulas de maneira a ir ao encontro de todas as particularidades dos alunos, planificando atividades que todos consigam realizar para que ninguém se sinta inferiorizado;

- Respeita todos os alunos com as suas especificidades e tenta que todos se respeitem

- Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação?

- Quais as metodologias, recursos, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

uns aos outros com as suas diferenças, pensa que a igualdade de oportunidade é fazer com que um aluno de cadeira de rodas consiga participar num jogo de bola;

- Encontrar e desenvolver estratégias que incluam todas as particularidades dos alunos, dar tempo aos alunos para executarem tarefas de acordo com o seu ritmo de trabalho, adaptar as fichas de trabalho e avaliação ao perfil individual de cada um;

- Não sente que incluir todos seja uma dificuldade ou obstáculo e pensa ser uma mais-valia que proporciona momentos de inclusão, respeito e aceitação por parte de todos;

- Tenta adaptar a transmissão de um conteúdo de acordo com o público-alvo.

Entrevistada 5

Tabela 7 - síntese entrevistada 5

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão?	- Gosto por crianças e também por percebê-las, foi também um pouco influenciada pela família que trabalha no setor da educação;
- Há quanto tempo exerce a sua profissão?	- Há três anos, trabalhou como professora explicadora um ano e depois dois anos como educadora;
- Qual foi o seu percurso académico?	- Tirou a Licenciatura em Educação Básica e o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, ambos na ESE de Santarém;
- Como foi o seu percurso profissional até hoje?	- No seu 1º ano de trabalho como educadora foi num contexto de estágio profissional numa sala de 2 anos e, no 2º ano, foi educadora numa sala dos 3 aos 5 anos;
	- Pensa que o número de crianças por sala no privado é mais elevado que no público e,

- Sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado?
- Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na conceção e desenvolvimento da prática educativa?
- Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades?
- Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita?
- No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspetiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?
- De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?
- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

também, que existem menos recursos humanos no setor privado comparativamente ao setor público.

- Pensa que todas as crianças e alunos devem ter as mesmas oportunidades porque todos devem conseguir aceder às mesmas coisas, independentemente, das suas capacidades cognitivas, condição financeira...
- Trabalha com a metodologia de trabalho de projeto que consiste em ouvir todas as crianças e preocupar-se com os interesses de cada uma, tentando gerir as dinâmicas em sala nesse sentido;
- Pensa que o preconceito que alguns educadores ou professores podem ter em relação a uma criança/aluno que provem de um meio envolvente destruturado e que tem uma atitude de desprezo em relação à escola, pode ser muito condicionante, no sentido em que, o educador/professor dá essa criança/aluno como caso perdido. O educador/professor tem de motivar a criança porque esta não consegue motivar-se;
- Preconceito que o educador/professor pode ter pela criança ou pelas suas famílias, a falta de recursos humanos, o elevado número de crianças por sala e o baixo número de adultos por sala;
- O acesso aos recursos materiais, nomeadamente, aos digitais. Na pandemia sentiu-se muito que havia várias famílias que não tinham computador ou acesso à internet e, por isso, as crianças/alunos não conseguiam assistir às aulas. Os métodos pedagógicos que trabalham com aquilo que a natureza lhes dá acabam por conseguir proporcionar uma igualdade de oportunidades mais facilmente.
- Ouvir todas as crianças, conhecendo-as e conseguindo adaptar as estratégias a cada uma delas, o educador é que tem a função de adaptar-se a todas as crianças e não o contrário. O

- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?
- Quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?
- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?
- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

educador deve conseguir encontrar diferentes estratégias para conseguir chegar ao desenvolvimento, autonomia, integração... de todas as crianças.

- Ouvir as ideias, gostos, opiniões de todas as crianças para conseguir dinamizar as aprendizagens indo ao encontro dos interesses de cada uma e de todas em simultâneo;
- Pensa que é importante conseguir passar a sua mensagem a todas as crianças e, para isso, é preciso conseguir arranjar diversas formas de comunicação, diferentes maneiras de dizer a mesma coisa para que todos a consigam compreender;
- Sente dificuldade em realizar atividades em grande grupo porque não consegue auxiliar todas as crianças, adota, muitas vezes, a estratégia de fazer atividades em pequeno grupo, pois, facilita a dinâmica porque as próprias crianças ajudam-se umas às outras. Tenta sempre colocar crianças mais velhas com mais novas e juntar diferentes níveis de desenvolvimento;
- Pensa ser fundamental ouvir muito aquilo que as crianças têm para dizer para perceber as suas especificidades conseguindo adaptar assim o que é feito a cada uma delas.

Entrevistada 6

Tabela 8 - síntese entrevistada 6

Bloco/Questões	Análise
- O que o levou a escolher esta profissão?	- A vontade de querer transmitir os seus conhecimentos e ajudar os outros a crescer com eles;
- Há quanto tempo exerce a sua profissão?	- É recém-formada e esteve um ano a trabalhar como professora de prolongamento;
- Qual foi o seu percurso académico?	- Licenciatura em Educação Básica e mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico;

- Como foi o seu percurso profissional até hoje?

- Sente que existem diferenças entre o setor público e o setor privado?

- Qual a importância da igualdade de oportunidades e participação na concepção e desenvolvimento da prática educativa?

- Na sua opinião, quais as metodologias que mais favorecem a igualdade de oportunidades?

- Existem barreiras para conseguir proporcionar a igualdade de oportunidades e participação? Quais? E o que facilita?

- No seu ponto de vista, quais as condicionantes, na perspectiva do aluno, que influenciam a igualdade de participação e oportunidades?

- De que maneira a organização do ambiente educativo contribui para a igualdade participação e oportunidades?

- Enquanto profissional de educação, qual pensa ser o seu papel no combate às desigualdades de participação e oportunidades?

- Quais os processos utilizados na planificação das suas práticas para garantir a igualdade de oportunidades e participação?

- Na sua sala, o que tem em consideração para que haja igualdade de oportunidades e participação para todas as crianças?

- Quais as metodologias, formas de comunicação e relação que utiliza e promove na sua sala para que exista uma igualdade de participação e oportunidades para todos? Pode enunciar alguns exemplos?

- Realizou quatro estágios aquando do decorrer do mestrado;

- Não tem experiência, contudo, enquanto estagiária não sentiu que existissem diferenças.

- Pensa que têm de ser proporcionadas às crianças as mesmas oportunidades para que todas consigam ter sucesso escolar, sendo que, esse sucesso não pode ser condicionado pela falta de meios ou capacidades de uma criança;

- Dar espaço a todos para se expressarem e manifestarem a sua opinião;

- Elevado número de alunos por sala, recursos concebidos para o grupo, no geral, e não a cada criança/aluno em particular;

- A criança não se sentir parte integrante do grupo, não querer participar nas dinâmicas;

- Tentar proporcionar ao grupo as mesmas oportunidades, no sentido de fornecer os mesmos materiais a todos. Escolas que utilizem materiais da natureza conseguem mais facilmente proporcionar uma igualdade de oportunidades a todos;

- Dar liberdade e confiança às crianças para que consigam partilhar e refletir sobre os seus sentimentos e sobre aquilo que pensam e assim todas sentir-se-ão integradas.

- Planificou tentando incluir todos nas suas práticas, pensando se todos iriam conseguir realizá-las e arranjando estratégias para as crianças que tinham alguma condicionante;

- Ter em consideração se todas as crianças/alunos participam nos momentos onde se decidem questões pertinentes;

- Encontrar estratégias para cada criança individualmente, porque só assim há igualdade de oportunidades. Não pode existir um modelo único que se utiliza com todos o grupo;

- Quais os obstáculos e dificuldades que encontra ao tentar incluir todos na sua prática?

- Pode enunciar alguns exemplos de práticas favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades que podem ser adotadas pelo docente?

- A criança/aluno não querer participar nas dinâmicas;

- Pensa ser importante incluir o grupo em todas as tomadas de decisão, ouvir aquilo que têm para dizer, abordar em sala questões como a desigualdade de oportunidades e ouvir o que as crianças têm a dizer sobre isso.

5.4 Guião de Análise das Entrevistas

Tabela 9 - Guião de análise das entrevistas

Categorização	Codificação		
Diferenças entre o setor público e o setor privado	Unidade de Registo	Frequência	Unidade de Contexto
	Cumprimento de prazos e objetivos	2	“(...) existe mais pressão sobre os educadores e professores (...) para que o trabalho seja feito num determinado período de de (pausa) período de tempo. (...) existe mais pressão para aaaa que certos níveis sejam alcançados.” E2 “(...) só vai para o setor privado quem tem dinheiro aa e quem tem dinheiro à partida serão as famílias que têm uma estrutura familiar melhor, que têm mais interesse pela escola, que dão um apoio diferente aos miúdos, portanto são muito mais acompanhados (...) No privado (...) ouve-se aaaa (pausa) que eles às vezes até são convidados a sair porque se são malcomportados ou se não têm os os os resultados aaa esperados são convidados a sair (...)” E3
	Nível socio económico	2	
	Valorização da escola	1	
	Número de crianças/alunos por sala	1	
	Recursos humanos		

		1	“(...) isso que eu tenho sentido é mesmo o facto de eu estar a trabalhar sozinha com 22 crianças, acaba por ser impossível dar a atenção individualizada e privilegiada a cada criança (...)” E5
Metodologias favorecedoras da igualdade de participação e oportunidades	Liberdade de decisão	2	“(...) a livre escolha, aaaa tomadas de decisão e privilegiar a criança como agente ativo na sua educação, a educação da criança aaa deve ser feita a pensar nela e não no adulto (...) acho que o respeito pela individualidade de cada um aaa (pausa) uma observação atenta do contexto e das dinâmicas intergrupais (...)” E2
	Trabalho Individualizado	1	
	Diferenciação pedagógica	1	“(...) podemos fazer um ensino mais individualizado aaa uma diferenciação pedagógica (...) tentar que eles também trabalhem de forma colaborativa, o aluno que tem mais facilidade, o aluno que se despacha mais rápido pode ajudar o aluno que tem mais dificuldade aaa a ler ou a perceber o exercício (...) é a diferenciação pedagógica, os grupos por níveis, aaaa aaaa o trabalho em grupo e a entreajuda entre eles (...)” E3
	Trabalho de projeto	2	“(...) eu trabalho com a metodologia de trabalho de projeto, ou seja, nós ouvimos muito as crianças e os seus interesses e aquilo que eles querem ou não trabalhar (...) acho que aaaa devemos partir muito dos interesses das crianças aaaa não esquecendo aquelas crianças que não falam tanto e não são tão ativas a partilhar os seus interesses e, portanto, ouvir sempre essas também e puxar por elas aaa para que consigamos chegar a todos e haver um equilíbrio e que todos participem de igual forma. (...)” E5
	Interesses das crianças/alunos	3	
	Trabalho cooperativo	2	“(...) penso que dando oportunidade a todos de participar, de se expressarem... (pausa) penso que isso poderá facilitar a igualdade. (...) penso que o que é importante aaaa ter em consideração é se todas as crianças ou...ou alunos participam em momentos de... de decisão de diversas coisas (...) devemos sempre tentar arranjar diferentes estratégias para conseguir chegar a todas as crianças (...)” E6

Barreiras e obstáculos à igualdade de participação e oportunidades	Elevado número de crianças/alunos por sala	5	“As dificuldades que pronto aaaa eu sinto são aaa muitas vezes o número elevado de crianças por grupo (...) penso que seja nem todas as famílias compreenderem a importância de um acompanhamento com qualidade das crianças que tem de ser feito aa pronto em casa (...)” E1
	Preconceito sobre a criança	1	“(...) quem tem dinheiro à partida serão as famílias que têm uma estrutura familiar melhor, que têm mais interesse pela escola, que dão um apoio diferente aos miúdos, portanto são muito mais acompanhados(...) obviamente as turmas são muito grandes nós não conseguimos, aaa o número de alunos por turma aa com a heterogeneidade de crianças e de níveis é muito difícil (...) a aaa desvalorização em casa, porque eu acho que a escola tem de tar sempre lado a lado com a família e se a família não for colaborando por mais que nós façamos na escola, em casa é muito difícil. (...)” E3
	Falta de recursos humanos	2	
	Trabalhos com recurso a tecnologias	1	“(...) penso que existem barreiras a nível de recursos humanos e físicos. Nem sempre os professores têm tempo para se dedicarem às suas turmas (...) poderá aaaa ser, aaaa se é pedido um trabalho de pesquisa ou outro tipo de trabalho que envolva um computador... o aluno que não o tenha, poderá ser um entrave à sua realização.” E4
	Desvalorização da escola	3	“(...) algumas (pausa) educadoras ou professoras acabam por desvalorizar algumas crianças por saberem que vêm de meios mais desfavorecidos e de famílias mais destruídas. (...) a criança não tem um comportamento adequado na sala de aula aaaa não tem um bom aproveitamento escolar e aaa já vi professoras e educadoras a desistir um bocado dessa criança porque ela também vem daquela família e, portanto, não vale a pena (...) Se não houver ninguém a puxar por elas as crianças não conseguem auto motivar-se para a escola, portanto, é muito importante que, não havendo esse apoio em casa, haja um apoio e um suporte muito grande na escola ou no jardim de infância (...) na minha sala há as crianças aaaa o número estipulado mas não há recursos humanos, há outras salas que nem há
	Nível socio económico	2	

			recursos humanos e há demasiadas crianças na sala e isto não pode acontecer (...)" E5 "(...) o número de alunos dentro de uma aaaa (pausa) de uma sala pode condicionar a igualdade de participação, porque aaaa a gestão de todos os alunos complica o... o processo. (...) o nível sócio económico das famílias aaa penso que pode ser uma barreira, porque muitas vezes aaa (pausa) muitas vezes esses pais têm menor aaa menor grau de escolaridade e consequentemente acho que que (pausa) que podem não acompanhar tanto as crianças pronto e não conseguir proporcionar-lhes experiências diversas (...)" E6
Influência da organização do ambiente educativo na igualdade de participação e oportunidades	Contacto com diversos materiais e recursos	2	"(...) penso que o ambiente educativo aaaa pode (pausa) pode dar às crianças uma visão e vivência de ambientes e materiais a que ela não tem acesso aaa no contexto familiar. (...)" E1
	Facilitador de aprendizagens e desenvolvimento	2	"Na minha opinião, a organização do do do ambiente educativo (pausa) deve ser centrado na criança e no grupo, aaa nos seus interesses e necessidades e claro aaa deve contribuir como elemento facilitador das aprendizagens e do desenvolvimento de cada um. (...)" E2 "(...) um bom ambiente e um ambiente planificado é com certeza facilitador de aprendizagens e facilitador de criar oportunidades para todos." E3 (...) ao longo do ano educadores e professores pedem... pedem diferentes materiais e muitas vezes os pais não podem comprá-los por dificuldades a... a vários níveis, não é? Então isso provoca desigualdade de oportunidades porque uns podem realizar a atividade e ter... ter aprendizagens e outros não... Se a escola conseguir trabalhar com... com aquilo que têm, penso que acaba por ser mais... mais fácil... (...)" E6
		3	

Processos de planificação utilizados para que exista igualdade de participação e oportunidades	Planificar de acordo com interesses do grupo		“(...) tento incluir temas e propostas que vão ao encontro (pausa) dos interesses das crianças e fazer uma boa gestão de tempo aaa para que todas as crianças possam ter a mesma oportunidade aaa de de experienciar com qualidade a atividade (...)” E1
	Diferenciação pedagógica	4	“Tentar sempre ouvir aaa ao máximo aaa as crianças, ter um conhecimento real e efetivo dos seus interesses e necessidades (...)” E2 “(...) quando planifico tento perceber se todos vão conseguir e e e tenho sempre... tento ter instrumentos que ajudem aqueles que têm mais dificuldade a chegar lá, portanto, aaa utilizo a diferenciação pedagógica a nível de fichas de trabalho ou de metodologias (...)” E3
	Gestão do tempo	1	“Tento, ao planificar as aulas, (pausa) ir ao encontro de todas as particularidades dos meus alunos. Tento incluir atividades que todos possam concretizar, para aaaa mediante as suas dificuldades, não se sintam diminuídos ou excluídos.” E4 “(...) acho que é ouvir as ideias, gostos, opiniões de todas as crianças e aaa pronto, depois aaa planificar (pausa) conseguir, portanto, planificar de acordo com isso que que ouvimos delas para depois conseguir dinamizar as atividades criando aprendizagens (...) Portanto, penso sempre naquilo que eles vão ser, ou não, não é pronto (pausa) aaa vão ser ou não capazes de realizar (...)” E5 “(...) aquilo que eu, que eu tentava sempre fazer era planificar pensando naquilo que todos conseguissem fazer (...)” E6
		5	“O docente deve conhecer muito bem todos aaa todos os integrantes do grupo para pronto conseguir adaptar a sua prática pedagógica a cada aaa a cada criança (...)” E1

Papel do profissional de educação no combate às desigualdades	Conhecer bem o grupo		“(...) eu penso que é estar atento a todas as crianças e famílias através de um conhecimento real de cada uma delas (...)” E2
	Comunicação escola/família	2	“(...) faço o intercambio entre a escola e a família aaa o facto de passarmos muito tempo com os miúdos nós conhecemo-los e percebemos as suas fragilidades e o que que precisam. (...)” E3
	Conhecer cada criança/aluno	4	“O papel do professor deve ser, para além de transmitir conhecimentos, facilitar a aprendizagem. Para isso, deve identificar as dificuldades e fragilidades dos alunos aaa conhecendo-os bem e as suas características (...)” E4
	Adaptação	2	“(...) eu acho que é ouvir todas as crianças, chegar a todas as crianças com diversas estratégias, porque nós adultos é que temos de nos aaa aaaa temos que nos adaptar a eles e não o contrário (...)” E5 “Penso que adotar medidas que as façam sentir integradas que... (pausa) proporcionar um ambiente facilitador de partilha e de exposição de... de sentimentos, por exemplo, e... e dar a todas as crianças essa liberdade, digamos assim, aaaa, poderá contribuir para aaa pelo menos acentuar essas desigualdades...” E6
Práticas favorecedoras da	Abordar o tema igualdade de oportunidades	1	“(...) agarrar a oportunidade de deixar falar ou optar pelos interesses do grupo (...)” E1
	Escutar crianças/alunos/as	3	“(...) ouvir e ver o tudo o que as crianças nos dizem ou mostram com as suas ações (...)” E2 “(...) as atividades práticas também são muito favoráveis para esse tipo de aprendizagem porque hoje em dia o estar agarrados aos cadernos

igualdade de participação e oportunidades			tudo isso é mais difícil portanto tudo o que sejam atividades práticas também facilita até porque às vezes alguns miúdos que tenham mais dificuldades a nível cognitivo ou a nível de aprendizagem pedagógica dos conteúdos da escola são miúdos que a nível pratico são muito bons, e gostam e às vezes, às vezes não, aprendem muito mais facilmente através das coisas mais práticas. (...)” E3
	Atividades práticas	1	“(...) é focar em cada criança e nas suas necessidades, tentar adaptar aquilo que fazemos a cada uma. Tentar ir ao encontro de cada uma, ouvir os seus interesses, partir sempre daquilo que elas gostam e mostram curiosidade (...)” E5 “(...) falar na desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres aaa para que possam também refletir sobre o assunto e aprender aaa tendo em conta contextos da sociedade aaa real, não é? (...)” E6

